

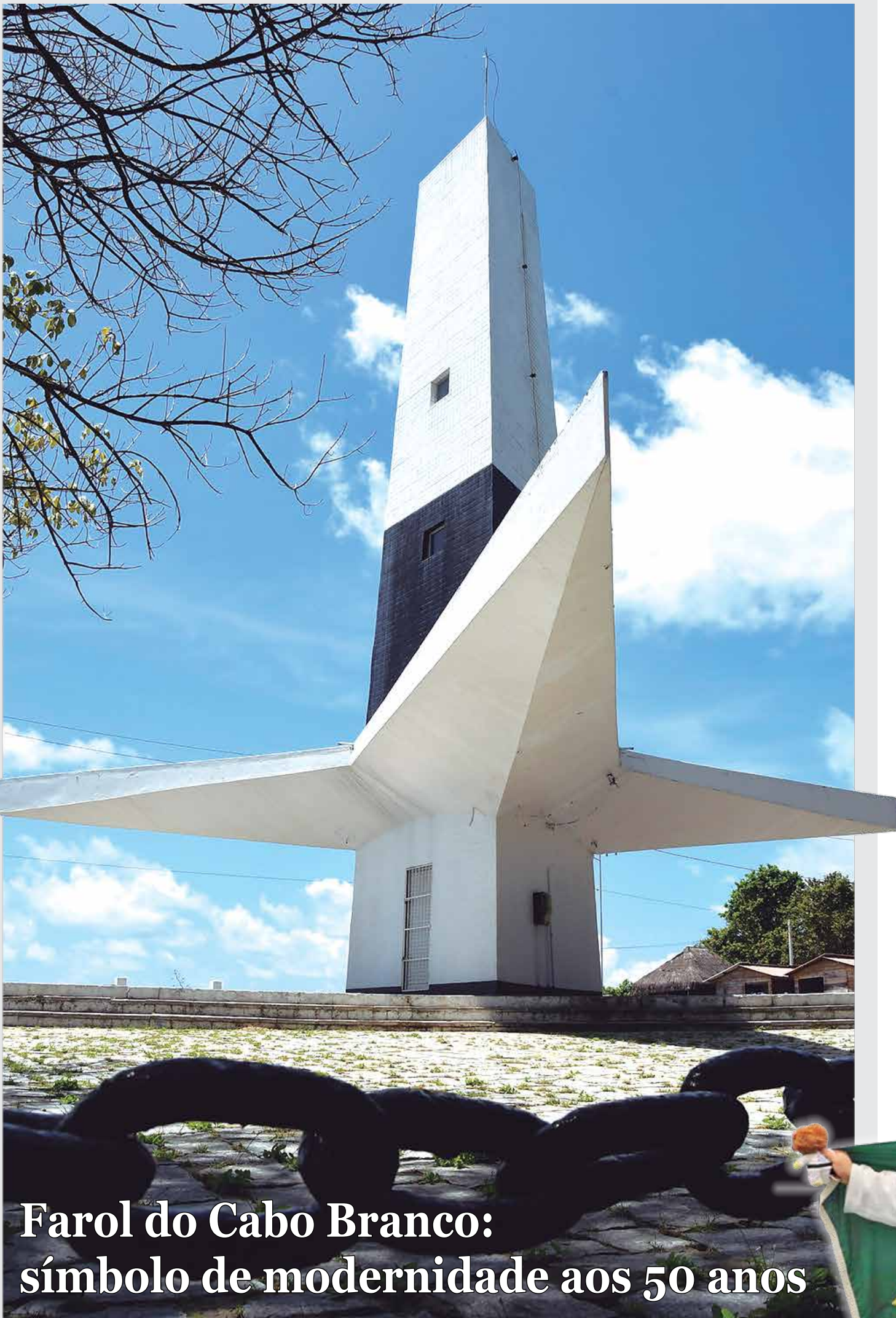


MERCADO SE REINVENTA

Negócios paraibanos descobrem a força da economia colaborativa

Modelo baseado na inovação, troca e divisão atrai cada vez mais empreendedores no estado. **Páginas 17 e 18**

Foto: Roberto Guedes



Farol do Cabo Branco: símbolo de modernidade aos 50 anos

Construído em abril de 1972 sobre a falésia do Cabo Branco, o farol tem estilo cubista e ainda hoje impressiona pela beleza das linhas e pela imponência. **Página 25**

João Alves acredita no poder da ressocialização



Foto: Evandro Pereira

Novo secretário de Administração Penitenciária, João Alves de Albuquerque afirma que projetos levam dignidade aos privados de liberdade.

Página 4

Estudantes apresentam ideias para o Centro Histórico

Alunos do Liceu Paraibano e da Inotech integram programa Ouse Criar com propostas para revitalizar a área.

Página 19

Legislação dá igualdade de oportunidades aos candidatos

Regras e prazos estabelecidos pela Justiça Eleitoral buscam pleito com condições iguais aos que se candidatam.

Página 13

Labirinto da PB será destaque nas passarelas de Milão e SP

Técnica tradicional das comunidades rurais tem garantido oportunidade de trabalho e renda a famílias paraibanas.

Página 6

Paraibano aborda a “guerra de narrativas” em filme

Em entrevista ao Jornal A União, José Joffily fala sobre o documentário ‘Sinfonia de um Homem Comum’.

Página 9



Foto: Arquivo Pessoal

O judô paraibano vale ouro

Conheça os dois nomes que despontam na modalidade: a jovem Maria Eduarda Moisés Oliveira e o paratleta Wilians Araújo (foto).

Página 21

■ “As relações entre a morte e o mito são bastante antigas, imemoriais. De tal modo que podem ser vistas como um elemento que nos faz humanos”

Estevam Dedalus

Página 10

■ “Meus livros são drogas para várias mazelas. Poções que desarmonizam nossa zona de conforto, porque contêm altas doses de emoção e empatia”

Fábio Mozart

Página 14

Editorial

O fundo do poço

A ministra Cármem Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, decidiu jogar duro contra o desmonte das políticas ambientais perpetrado pelo Governo Federal. Relatora de seis dos sete processos que compõem a chamada “pauta verde” no STF, a ministra deu um prazo de 60 dias para que o Executivo apresente um plano que vise a fiscalização contra o desmatamento, a proteção dos direitos indígenas e o combate a crimes ambientais.

O plano deve ainda conter o cronograma de ação, metas, objetivos, prazos e recursos disponíveis para a sua implementação. Também determinou ao Governo Federal a elaboração de estratégias de fortalecimento de órgãos ambientais, como Ibama e ICMBio.

A cobrança da ministra foi feita durante voto que deu em duas das sete ações do “pacote verde” que tramitam no Supremo. Cármem Lúcia reconheceu a existência de um quadro estrutural de violação a direitos ambientais no país e, de forma mais abrangente, o que ela denominou de “cupinização” das instituições democráticas. “O que são esses cupins? O cupim do autoritarismo, o cupim do populismo, o cupim de interesses pessoais, o cupim da ineficiência administrativa”, explicou.

Com críticas diretas à atual gestão federal, Cármem lembrou a fala do ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmando que o Brasil seria “apenas um pequeno transgressor ambiental” em comparação a outros países. Para a ministra, “a transgressão está confessada”.

O Supremo retoma a pauta no próximo dia 20, mas há quase certa uma maioria que apoia a posição de Cármem Lúcia.

Do conjunto de processos movidos contra as políticas ambientais do governo Bolsonaro – ou, antes, a falta delas – seis foram movidos por partidos de oposição e um pela Procuradoria-Geral da República, durante a gestão de Raquel Dodge.

Sobre a atuação do Governo Federal na área ambiental, a ex-presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Suely Araújo, explica aos mais desavisados: “Qualquer governo que entre vai ser melhor que Bolsonaro em meio ambiente. Sei que sempre há uma maneira de cavar mais no fundo do poço, mas chegamos em um nível que é difícil superar”.

Diante da fala de Suely e das cobranças de Cármem, é fácil concluir a situação em que se encontra o Brasil na questão ambiental. Falta vontade política, sobram cupins.

Artigo

Ana Mariza Fontoura Vidal

Psicóloga, psicanalista | Colaboração

Neopelagianismo e os perigos do mundo

Um dos grandes alertas do Papa Francisco na atualidade é sobre as consequências do neopelagianismo na vida dos fiéis católicos, ou seja, as falsas concepções da salvação cristã. Este também é o tema central que abordo no meu livro “O Triunfo de Pelágio e o Mundo sem a Graça”, por meio do qual faço uma análise crítica do ocidente no que diz respeito a sua formação cristã.

Não sou uma pessoa religiosa, porém sinto-me extremamente preocupada com as injustiças que vivemos na contemporaneidade e principalmente com as guerras entre a Rússia e a Ucrânia, e dos conflitos em tantos outros locais em diferentes continentes. Quando Francisco se refere ao neopelagianismo ele mira o movimento cujo foco está em Pelágio, monge que defendia a ideia de que o ser humano possuía a capacidade de aproximar-se de Deus, no uso de suas próprias forças e de seu livre arbítrio.

Embora rejeitado pela Igreja Católica e tendo como antagonista seu contemporâneo Agostinho, o apóstolo da Graça, o pelagianismo, no meu entender, predominou na formação da cultura ocidental. É difícil falarmos em Graça Divina quando assistimos à destruição ainda causada por conflitos que nos fazem temer a Terceira Guerra Mundial. Crianças incertas de seu futuro e corpos espalhados pelo chão em nome de conquistas territoriais em pleno século 21.

Afinal, após dois milênios, para onde caminha a cristandade? Como a fé cristã pode assistir desmandos políticos e econômicos de um mundo composto por mais de 190 países dos quais sete detêm a riqueza que justamente distribuída mataria a fome e a sede de mais de 800 milhões de pessoas? Como caminha a civilização judaico-cristã, se não para um grande naufrágio e, como espelho de tantos naufrágios em pleno mar mediterrâneo, continuarmos a pensar que estamos a salvo?

Para onde caminha o ocidente e por que nos conformamos com as respostas ocidentais sobre as outras tantas guerras

que neste momento afligem o Yêmen, a Síria e países africanos? Qual a resposta que o ser humano, com suas próprias forças e a razão iluminista, pode oferecer aos países desenvolvidos, considerando no momento atual suas frágeis democracias? Isso sem mencionar a educação de baixa qualidade que permite crescer comunidades despolitizadas e excluídas de mínima dignidade civilizatória.

Em sintonia com a preocupação papal, é essencial o olhar atento entre as ruínas da civilização ocidental e a esperança de romper certos paradigmas para construção de sociedades justas e fraternas com novas formas lógicas. Ser cristão pode parecer fácil para muitos, mas destronar o ego de sua posição alienante e alienada, pura ilusão carregada de certeza – e saber que certeza não é verdade, é muito difícil: exige humildade e coragem de assumirmos nossas fraquezas e nosso fracasso como civilização, mas me parece necessário e urgente. A história está demonstrando que sem a Graça, nos resta a desgraça.

“

Afinal, após dois milênios, para onde caminha a cristandade?

Ana Mariza Fontoura Vidal

Excepcionalmente, não temos o colunista Sítônio Pinto nesta edição.

Foto Legenda

Marcos Russo
A União



Emplacados

Artigo

Paulo Sérgio João
Advogado e professor da PUC-SP | Colaboração

Teletrabalho e a desnecessária MP

Esta semana tivemos a publicação de duas medidas provisórias que tratam de assuntos trabalhistas, sendo uma dispoendo sobre pagamento de auxílio-alimentação (MP nº 1.108) e, a outra dispoendo sobre o teletrabalho (MP nº 1.109), causando novas discussões em torno dos assuntos. Nenhuma delas, pelo assunto que tratam, merecia a utilização da Medida Provisória, cujas condições de uso pelo executivo devem estar fundamentadas em motivos de relevância e de urgência para o país.

De fato a questão reveladora das referidas Medidas Provisórias é de natureza cultural e demonstra a vocação legalista em nossa sociedade. Busca-se a lei para regular qualquer assunto, como se a existência da lei fosse capaz de solucionar conflitos e prevenir litígios. Diriam alguns, mas agora temos a lei e ficaremos felizes e seguros assim! De Page, jurista francês, referindo-se às fontes de direito, dizia que a lei, como roupa feita, não tem a capacidade de servir a todos, razão pela qual a jurisprudência é que tem a finalidade de ajustar as hipóteses legais à realidade.

No caso da Medida Provisória nº 1.109, sobre o teletrabalho, vem a solavanco da Reforma Trabalhista de 2017, Lei nº 13.467 que, de modo mais simples e objetivo, tratou da modalidade de prestação de serviços em regime de teletrabalho, conceituando sua natureza e efeitos quanto às características de conteúdo do contrato a ser celebrado entre empregado e empregador, em especial, quanto à jornada de trabalho. Nada mais precisaria ser dito.

Agora houve, certamente, um excesso de regramento que mais confunde e trata de situações óbvias como dizer, no parágrafo 9º, do artigo 75-B que “o acordo individual poderá dispor sobre os horários e os meios de comunicação entre empregado e empregador, desde que assegurados os repousos legais”. Em nenhum momento foi diferente em relação aos acordos individuais que tratam de cumprimento de horários entre empregados e empregadores. E, ainda, a confusão instaurada está no fato de que o teletrabalho, a rigor desde a Lei nº 13.467, não se submete a controle de jornada, razão até a inclusão do inciso III, no artigo 62 da CLT. Então, se não há aplicação na modalidade de prestação de servi-

“

De fato melhor seria que o teletrabalho fosse ajustado e adaptado por negociações coletivas

Paulo Sérgio João

ço teletrabalho do capítulo que cuida da duração do trabalho, qual seria a motivação de a medida provisória fazer referência a acordo individual para dispor sobre horários?

De fato melhor seria que o teletrabalho fosse ajustado e adaptado por negociações coletivas, nos locais de trabalho a fim de que os ajustes cobrissem efetivamente a realidade dos trabalhadores e das empresas envolvidas.

Do jeito que ficou e que está ficando, os sindicatos continuam paisagistas de uma legislação que foi apropriada pelo estado e que trata dos temas com distância e de forma burocrática.

A maioria das hipóteses em que o estado legisla à exaustão em matéria trabalhista, mostra sua face populista e, em lugar de reconhecer direitos, está criando mais dificuldades e inibindo ajustes práticos mais adequados à realidade de cada empresa.

O direito do trabalho do futuro não existe e não pode ser criado por imaginação. Ele se amolda e se ajusta com dinâmica própria porque sempre atuou de acordo com a realidade de que se apresenta a cada momento, cabendo aos sindicatos e às negociações coletivas as adaptações de acordo com as necessidades profissionais específicas.

Excepcionalmente, não temos o colunista Rui Leitão nesta edição.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Foto: Marcos Russo



As missas na Basílica, em JP, serão às 6h, 9h, 17h e 18h30

Foto: Ortilo Antônio



Para Dom Manoel Delson, hoje é um dia especial para os católicos

DOMINGO DE RAMOS

Católicos celebram o início da Semana Santa

Na Basílica de Nossa Senhora das Neves, quatro missas serão realizadas hoje

Nalim Tavares
 Especial para A União

Em memória do dia em que Jesus voltou para Jerusalém, saudado pelo povo com clamores de hosana e ramos de palmeiras e oliveiras, o Domingo de Ramos abre as festividades da Semana Santa para os fiéis cristãos. Celebrado neste domingo, dia 10, a festa comemora o reconhecimento de que Jesus é o filho de Deus.

A Arquidiocese de Paraíba divulgou a programação da sua sede, a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, para hoje. Serão quatro missas — celebradas às 6h, 9h, 17h e 18h30. A missa das 9h será presidida pelo arcebispo Dom Manoel Delson e contará também com uma bênção. Já a Diocese de Campina Grande informou que três missas serão realizadas na Catedral Nossa Senhora da Conceição — às 10h, 16h30 e 19h30. Haverá também uma

missa na Capela de São Pio X, às 18h.

Normalmente, as paróquias realizam a Caminhada de Ramos, mas o setor de Comunicação da Arquidiocese PB informou que “este ano será apenas a entrada simples do sacerdote. Os fiéis estão sendo convidados a colocar um ramo na porta ou janela de suas casas ou apartamentos para lembrar da solenidade”.

Colocar um ramo amarrado por uma fita vermelha em um local visível do lar cristão é uma ideia que vem sendo incentivada pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), como uma forma de manter a comunidade cristã unida durante os dois anos pandêmicos anteriores, quando as igrejas estavam fechadas e a Semana Santa precisou ser realizada de forma remota para conter a proliferação do coronavírus.

Para Ana Cláudia, uma fiel católica, o ritual de pren-

der um ramo na porta de casa trouxe uma sensação de esperança. “Eu chegava em casa e me sentia mais acolhida, mais protegida. Ver o ramo me lembrava de que Deus estava olhando por mim, que Ele estava comigo e na minha morada”. Segundo ela, com todas as dificuldades da vida cotidiana, é fácil esquecer que tem alguém olhando por nós, mas os festejos do Domingo de Ramos ajudam a lembrar. “Às vezes, no meio de um problema, a gente esquece que pode contar com alguém. Pode ser um amigo, a família, mas a Semana Santa reforça em mim a crença de que o Senhor zela pelos filhos Dele. O ramo na porta de casa me consola sempre que vejo”.

Nas palavras do arcebispo Dom Manoel Delson, a esperança é realmente o significado da celebração. “O Domingo de Ramos nos faz lembrar da alegria do povo sofrido que encontrou na-

quele nazareno a esperança, sabiam que Deus não os havia abandonado, mesmo nas adversidades”. Animado com a ideia de celebrar a Semana Santa de forma presencial pela primeira vez em tanto tempo, o arcebispo completa: “Passamos dois longos e sofridos anos vivendo tantas restrições [...] e neste domingo reencontramos a alegria. É, sem dúvida, um domingo especial para os católicos”.

■ Colocar um ramo amarrado por uma fita vermelha em um local visível do lar cristão é uma ideia que vem sendo incentivada pela CNBB

Igrejas terão 100% de sua capacidade

A Semana Santa será celebrada de forma presencial pela primeira vez desde o início da pandemia. Abertas para receber 100% de sua capacidade desde março deste ano, as congregações cristãs estão animadas para celebrar a Paixão de Cristo com a comunidade reunida dentro das igrejas. Mas, mesmo com essa flexibilização, as assessorias de comunicação e secretarias paroquiais continuam instruindo os fiéis a utilizar máscara e álcool em gel para se proteger contra a Covid-19, e as missas continuarão sendo transmitidas on-line, pelo YouTube.

Sobre as precauções na pandemia, o arcebispo Dom Manoel Delson diz que “precisamos nos manter vigilan-

tes e continuar com todos os cuidados possíveis”. E acrescenta: “Completem a imunização com as doses recomendadas. Não vamos facilitar e nem permitir que a Covid vença”.

Além de missas e procissões, haverá também mutirões de confissões antes da Páscoa. Na Catedral Basílica, em João Pessoa, os mutirões serão realizados na terça-feira, dia 12, e na quarta, 13, das 14h às 17h e das 19h às 21h. Em Campina Grande, na Catedral Nossa Senhora da Conceição, o mutirão vai acontecer na segunda-feira, dia 11, às 19h.

Maria José Macedo estava acostumada a reunir a família para celebrar a Semana Santa, e diz que foi triste para ela passar o período pandêmico iso-

lada. “Agora estou me sentindo muito feliz, porque sei que vou comemorar a Ressurreição de Cristo junto com toda a minha família. Faço questão de reunir todos os meus filhos e netos, vai ser minha maior alegria.” Com um pouco de receio de aglomerações, mas confortada pelo cartão vacinal completo, ela conta: “Tomei todas as doses, e se vierem mais, tomo também. Agradeço por nunca ter pego nada. Vou fazer a confissão comunitária para a minha Páscoa”.

A programação de João Pessoa e Campina Grande pode ser consultada principalmente através das contas no Instagram, @arquibp e @diocesecg. Outros perfis de paróquias também estão divul-

gando informações sobre suas programações, que podem ser consultadas pelos fiéis.

Sobre

as precauções na pandemia, o arcebispo Dom Manoel Delson diz que “precisamos nos manter vigilantes e continuar com todos os cuidados possíveis”

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

SENADO: CPI PARA APURAR CORRUPÇÃO DENTRO DO MEC NÃO PODERIA MAIS TARDAR

Foto: Waldeimir Barreto/Agência Senado



Já não era sem tempo que o Congresso tomasse a atitude de fazer investigação minuciosa sobre as gravíssimas denúncias de corrupção dentro do Ministério da Educação. A abertura de CPI no Senado se fez necessária desde que áudios vazados e declarações de prefeitos geraram o chamado ‘fato relevante e determinado’, que é um dos critérios

para que a formação desse tipo de colegiado. E há que se diga: a queda de Milton Ribeiro só reforçou a ideia de que algo de inescrupuloso estaria ocorrendo no MEC. Não houvesse indícios consistentes do pecado cometido, por que retirá-lo do cargo? O problema é que as explicações dadas pelo ex-ministro, logo após surgirem denúncias de que os pastores evangélicos Gilmar Santos e Arilton Moura estavam atuando numa espécie de ‘gabinete paralelo’ dentro da pasta, foram desastrosas e evasivas. Mais reforçaram do que atenuaram, senão culpa, a sua omissão no caso. A CPI, portanto, vem em boa hora. “Cabe ao Senado Federal cumprir o seu dever de monitoramento e fiscalização e apurar as irregularidades e crimes praticados na destinação das verbas do Ministério da Educação”, escreveu o senador Randolfe Rodrigues (foto, do Rede) no requerimento que pediu a abertura do colegiado.

CPI PODE COMPLICAR BOLSONARO

O presidente Bolsonaro, conforme a fala de Milton Ribeiro em áudio, determinou que os pastores poderiam fazer negociações com prefeitos para a liberação de verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação? Os pastores estavam exigindo propina em dinheiro e ouro para liberar o dinheiro? Essas indagações serão esclarecidas pela CPI, que tem poder para detonar a campanha do presidente à reeleição.

MAIS PRÓXIMO DAS CONVENÇÕES

Dois integrantes da base do governador João Azevêdo (PSB), Wilson Filho (Republicanos) e Gervásio Maia (PSB), emitiram opinião convergente a respeito do prazo para o anúncio da chapa governista. “Isso será construído até as convenções, historicamente, isso já ocorreu”, disse Gervásio. “Olhando o histórico das últimas eleições estaduais, isso só aconteceu nas últimas semanas, já perto das convenções”, opinou Wilson Filho.

EM FAVOR DA UNANIMIDADE

“Hoje, faço parte da base de João Azevêdo, mas nós vamos, obviamente, discutir com os nossos pré-candidatos o que eles pensam. Queremos é que o nosso partido tome uma decisão, unido”. Do presidente do Solidariedade na Paraíba, deputado Eduardo Carneiro, defendendo que a legenda siga coesa na eleição deste ano. O Solidariedade apoia a pré-candidatura de Aguinaldo Ribeiro (PP) ao Senado.

MUNICIANDO A FUTURA CPI

Mesmo sem a CPI ter sido instalada, o senador Randolfe Rodrigues já está procurando se municiar de informações sobre as denúncias de corrupção no MEC. Requerimento aprovado pelo Senado, de sua autoria, solicita que o ministro Wagner Rosário, da Controladoria-Geral da União (CGU), informe aos senadores quais os indícios de irregularidades encontrados na pasta, após as denúncias que levaram à demissão do então ministro Milton Ribeiro.

UNIDOS PARA DERRUBAR VETO

O deputado Frei Anastácio (PT) confirma que há mobilização no Congresso para derrubar o veto do presidente Jair Bolsonaro (PL) à ‘Lei Paulo Gustavo’, que destinava R\$ 3,8 bilhões para o setor cultural, impactado pela pandemia. “Ele dá as costas para os artistas. Derrubaremos esse veto, pois temos compromisso com a cultura, que foi tão afetada durante os últimos dois anos”, disse. E provocou: “Será mais uma derrota que Bolsonaro deverá engolir a seco”.

RELATOR VAI INSISTIR EM REGIME DE URGÊNCIA PARA ‘PL DAS FAKE NEWS’

Relator da ‘PL das Fake News’, o deputado Orlando Silva (PCdoB) não desistiu de alcançar a aprovação da urgência para que a proposta seja apreciada com mais celeridade em Plenário, sem passar por comissões — na última quarta-feira, requerimento com esse pedido foi rejeitado: dos 257 votos necessários, chegou perto, obtendo 249. Devido a isso, ele cogita apresentar novo requerimento com o mesmo teor e negociar os oito votos que faltam.

João Alves de Albuquerque, Secretário da Administração Penitenciária

“Principal passo para diminuir a população carcerária é investir em ressocialização”



Segundo o titular da Seap, Governo do Estado tem trabalho de destaque nas políticas públicas voltadas ao setor penal

Para o novo secretário da Administração Penitenciária da Paraíba, João Alves de Albuquerque, “muita gente privada de liberdade, de fato, conquistar a segunda chance no convívio social e por isso está acreditando nas políticas públicas do Governo do Estado”. O Governo da Paraíba, através da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap), tem desenvolvido um trabalho de destaque com relação às políticas públicas voltadas ao setor penal, como os projetos de ressocialização, por exemplo. A fim de dar continuidade a este e tantos outros trabalhos dentro da Seap, o delegado João Alves se une à equipe, substituindo o coronel Sérgio Fonseca, no comando da secretaria.

O novo secretário possui uma vasta carreira no setor de segurança pública na Paraíba, passando por vários cargos e órgãos ao longo de 33 anos de profissão. Em entrevista concedida ao Jornal A União, João Alves conversou sobre as perspectivas para esse novo tempo, relembrou sua trajetória, destacou o desejo de dar continuidade a um trabalho que já estava rendendo bons frutos e também avaliou a possibilidade de incluir novos programas e práticas que visem potencializar o trabalho que está sendo feito pela Seap na Paraíba.

A entrevista

■ O senhor assume a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba, substituindo o coronel Sérgio Fonseca que realizou um trabalho elogiável. O senhor pretende dar continuidade às políticas de ressocialização?

Pretendo dar continuidade, sim, no que já vem sendo realizado no que diz respeito à ressocialização, pois a visão desta gestão de governo é de que o principal passo para diminuir a população carcerária é de fato investir em ressocialização, pois é através dela que não só garantimos os direitos dos apenados previstos na Lei de Execução Penal, como levamos dignidade e autoestima.

As ações de ressocialização dentro das unidades prisionais possibilitam muitas vezes chances que muitos dos reeducandos nunca tiveram antes de entrar no Sistema, como cursos profissionalizantes que são ofertados, além da alfabetização, acesso ao Ensino Médio e Superior através do SISU. No Enem PPL 2021, por exemplo, tivemos 224 reeducandos aprovados, desses até o momento 75 reeducandos selecionados no SISU para cursos de nível superior através de Educação a Distância - EaD.

Isto tem sido possível graças a uma parceria com o Instituto Humanitas 360, garantindo a oferta de notebooks nas unidades prisionais.

Sobre a ampliação do Sistema, temos em andamento a construção do Complexo Penitenciário de Segurança Máxima de Gurinhém. O equipamento será constituído de duas unidades prisionais, cada uma com 374 vagas, totalizando 748 vagas a mais no Sistema.

■ O senhor tem vasta experiência na Segurança Pública da Paraíba, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre essa trajetória.

Segurança pública foi minha vida. Sou delegado há 33 anos, passei por várias delega-

cias aqui em João Pessoa, fui delegado regional na região de Itaporanga, no Vale do Piancó, superintendente da 1ª Região, em João Pessoa, eu tinha sido funcionário do Detran e voltei depois como diretor de Operações, onde passei dois anos, voltei para a Polícia Civil, fiz alguns inquéritos em área especial, notadamente na Delegacia de Furtos de Veículos e Cargas, depois retornei à 1ª Superintendência.

Em 1995, com Antonio Mariz como governador e Dr. Pedro Adelson como secretário de Segurança Pública me convidam para assumir naquela época a Superintendência Geral de Polícia Civil. Terminado esse período de seis anos, com dois secretários: Pedro Adelson e Dr. Gualberto. Em seguida, volto para Delegacias, Furto de Veículos de novo, a de Ordem Tributária, 2ª DD, depois de um certo tempo fui chamado de novo para ser delegado geral entre 2015 e início 2019, na sequência implantar a Corregedoria-Geral, antes cada órgão tinha a sua Corregedoria.

A Corregedoria-Geral engloba Polícia Civil, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e Detran. Implantei a Corregedoria-Geral, estava bem e agora fui convidado para assumir a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária, o que eu não esperava, como disse antes é um coroamento, eu agradeço a Deus por isso e tentarei dar o melhor de mim, para fazer um bom trabalho à altura da secretaria, que tem profissionais de gabarito tanto do quadro administrativo, quanto do quadro da Polícia Penal.

■ A Secretaria da Administração Penitenciária para o senhor já lhe é familiar, tendo em vista ter estado por um período à frente da Gesipe-Gerência Executiva do Sistema Penitenciário, o braço operacional do Sistema, dando ao senhor uma

Novo

secretário possui uma vasta carreira no setor de segurança pública na Paraíba, passando por vários cargos e órgãos ao longo de 33 anos de profissão

bagagem grande no que se refere à pasta. Fale um pouco sobre.

Sim, trabalhei com o Dr. Pedro Adelson na Secretaria da Segurança Pública e aqui na Seap, ele como secretário da Administração Penitenciária e eu como gerente da Gesipe, na época era Cosipe. Depois eu voltei mais uma vez para a Delegacia.

■ Há muito tempo não ocorre rebelião no Sistema Prisional na Paraíba. Qual programa está sendo desenvolvido para evitar?

A Seap desenvolve cerca de 80 projetos de ressocialização com milhares de reeducandos envolvidos em atividades educacionais e cursos de capacitação profissional. As pessoas privadas de liberdade estão conquistando remição da pena através da leitura e resenha de livros; ano a ano cresce o número de apenados matriculados no EJA, Encceja, Enem PPL e de reeducandos selecionados no SISU – Sistema de Seleção Unificada. Essas boas práticas somadas a investimentos nas estruturas das penitenciárias e cadeias, como circuitos de câmeras, qualificação dos policiais penais, o diálogo com professores em salas de aula, as parcerias com a Vara da Execução Penal, as oficinas em funcionamento como o Castelo de Bonecas, a fábrica de sandálias, o cultivo de hortas, dentre outras ações, contribuem com a conscientização dos reeducandos no sentido de que o caminho é a disciplina, o conhecimento para que se reduza a pena.

Acreditamos que essa é a razão do sistema penitenciário paraibano estar sob controle, sem motins ou rebeliões. Muita gente privada de liberdade quer, de fato, conquistar a segunda chance no convívio social, por isso está aceitando, acreditando nas políticas públicas do Governo do Estado.

■ Existe algum projeto do governo para reduzir a população carcerária?

Como já falei, os projetos

de ressocialização são parte da política de governo para a redução da população prisional. Pois quando possibilitamos ao reeducando uma segunda chance ao convívio social, acesso a um diploma, seja profissionalizante ou de ensino superior, estamos praticando a reinserção social e isso é real, é fato, faz a diferença, modifica, contribuimos para diminuir o número de pessoas cometendo delitos. Entretanto, não podemos deixar de investir na infraestrutura do sistema prisional, um dos maiores gargalos no Brasil. Sendo assim o Governo do Estado investe em novos equipamentos, a exemplo da construção do Complexo Penitenciário de Segurança Máxima de Gurinhém. O equipamento, em plena obra, será constituído de duas unidades prisionais, cada uma com 374 vagas, totalizando 748 vagas a mais no Sistema.

■ O senhor pretende visitar as unidades prisionais?

Sim, com certeza. Não só na Região Metropolitana de João Pessoa, mas de todas as regiões do estado e as obras do complexo penitenciário de Gurinhém. Inclusive, uma das minhas primeiras reuniões virtuais na primeira semana foi com os diretores das 68 unidades prisionais, onde pude ter um panorama geral do sistema.

“

Acreditamos que essa é a razão do sistema penitenciário paraibano estar sob controle, sem motins ou rebeliões. Muita gente privada de liberdade quer, de fato, conquistar a segunda chance no convívio social, por isso está aceitando, acreditando nas políticas públicas do Governo do Estado

João Alves de Albuquerque

■ Na solenidade de posse, o governador João Azevêdo destacou a importância da união que existe entre as Forças de Segurança Pública e o senhor tem 33 anos de experiência nesta área. Gostaria que nos falasse desse tema, o quanto é necessária essa unificação das forças para transmitir à sociedade a sensação de segurança?

É verdade, nós estamos numa fase ímpar, porque na minha experiência de 33 anos não tivemos essa oportunidade, mas hoje trabalhamos em conjunto: Polícia Militar, Polícia Civil, Bombeiros e Sistema Prisional. E é natural que isto ocorra porque antes não havia essa sintonia. Hoje estamos trabalhando irmanados. Eu estou trabalhando irmanado com o coronel Sérgio no Comando da Polícia Militar, com o secretário Jean Nunes na Segurança Pública, com o Dr. André na Delegacia Geral, com o coronel Araújo no Corpo de Bombeiros, então está sempre mais fácil porque as polícias estão trabalhando em conjunto, traçando plano de segurança em equipe e isto transmite à sociedade uma maior sensação de segurança. Estaremos entrosados em operações policiais, isto mostra que a polícia está coesa. As operações do último sábado, por exemplo, renderam resultados, vários flagrantes feitos na Central de Polícia e isso é importante.

■ O senhor assumiu a presidência do Conselho Estadual de Coordenação Penitenciária - CECP?

Na verdade, tomei posse nos dois conselhos, o outro é o Conselho Penitenciário da Paraíba, que tem agora o secretário Jean Nunes como presidente. Eu assumi a presidência do Conselho Estadual de Coordenação Penitenciária.

■ Sobre as diretrizes de sua gestão a respeito da política de ressocialização e investimentos na capacitação dos policiais penais, quais os direcionamentos?

A orientação governamental é justamente nesse sentido, continuar o projeto de ressocialização dos apenados, com reeducação, por isso mesmo a gente chama de reeducandos, quem quer estudar, está estudando, tem as condições, quem quer trabalhar naturalmente a Seap depende das decisões da Vara da Execução Penal, mas nosso projeto é dar seguimento aos projetos de reinserção social de pessoas privadas de liberdade. A orientação do governador é essa: dar seguimento ao que vem sendo positivo e inovar para criar outros programas, cursos, ofertando ressocialização com qualidade para que o cidadão possa ser reinserido na sociedade.

EM JOÃO PESSOA

Pedestre precisa driblar panfleteiros

São dezenas de mãos estendidas oferecendo papéis com anúncios que vão desde exame de vista a ajuda espiritual

Em ruas como Santo Elias, Treze de Maio, Duque de Caxias e no anel externo da Lagoa, a abordagem ao pedestre é constante e é possível “coleccionar” os anúncios

Ítalo Arruda
Especial para A União

Quem circula pelas ruas mais movimentadas do Centro de João Pessoa se depara com uma grande quantidade de pessoas distribuindo panfletos publicitários nas esquinas, portas de lojas, além de pontos de ônibus e semáforos. É praticamente impossível andar por aquela região da cidade sem “coleccionar”, ao longo do percurso, panfletos de todos os tipos.

Do anel externo da Lagoa (Parque Solon de Lucena) até a Rua Treze de Maio é possível encontrar dezenas de mãos estendidas com papéis que contêm uma variedade de anúncios, tais como exame de vista, empréstimo, consultoria jurídica, cartomante, dentista, consulta espiritual, advocacia, entre outros.

Próximo dali, na Rua Santo Elias, eles são tão numerosos que chegam a esbarrar uns nos outros, formando um conglomerado de empresas que utilizam a panfletagem como uma forma de publicidade. Além do entorno da Lagoa, as ruas Duque de Caxias, Barão do Abiaí e Avenida Visconde de Pelotas também concentram uma quantidade significativa destes profissionais.



Foto: Ortilo Antonio

Muitas pessoas que trabalham distribuindo anúncios desconhecem que a profissão é regulamentada e tem uma série de vantagens

A situação, no entanto, tem dificultado a mobilidade nas calçadas da área central da cidade, haja vista que, além dos panfleteiros, elas são compartilhadas com pedestres, ambulantes e camelôs. “O problema não são os trabalhadores, eles estão cumprindo com a sua função. A questão que precisa ser resolvida é o planejamento das calçadas, porque é difícil circular com tanta gente reunida em pouco espaço”, reclama a estagiária Carla de Melo Silva.

O assessor de imprensa Tulyo Lopes tem o mesmo sentimento. Para ele, as calçadas não permitem uma passagem livre porque estão sempre lotadas. “Ir ao centro vira um estresse, é tanta gente entregando papel que você não sabe se recebe ou não. Sei que é chato ignorar as pessoas que trabalham com isso, por uma questão de educação, mas, às vezes, não dá para parar e dar atenção porque atrapalha o tráfego”, destaca.

Além disso, a distribuição desordenada de panfletos, papéis, folders e similares também contribui para o aumento de resíduos sólidos (lixo), causando transtornos à população, aos órgãos de limpeza urbana e, principalmente, ao meio ambiente, já que são frequentemente descartados em locais inadequados, e, inclusive, na presença dos próprios panfleteiros.

Trabalhando há três anos como consultora externa de

uma clínica odontológica, Ana Letícia passa oito horas do seu dia distribuindo anúncios e vendendo os serviços da empresa à qual presta serviços. Ela afirma que é comum as pessoas receberem o panfleto e, imediatamente, descartarem na sua frente. “É uma situação recorrente e bastante constrangedora. Tem gente que pega, olha, amassa e joga o papel nos seus pés”, pontua a jovem, ao destacar que sente a desvalorização da profissão.

Lei exige autorização da prefeitura

De acordo com a Lei Complementar N° 7, de agosto de 1995, que dispõe sobre as normas de higiene pública e privada, do bem-estar público e dá outras providências com relação ao Código de Posturas do Município, a atividade de panfletagem ou publicidade permanente nos logradouros públicos ou em qualquer lugar de acesso ao público só pode ser realizada mediante autorização explícita da Prefeitura de João Pessoa, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb).

O artigo 237 da mesma lei também proíbe que o

Calçadas

Legislação proíbe que o ambulante ou comerciante eventual impeça ou dificulte o trânsito de pedestres nas calçadas

profissional ambulante e de comércio eventual impeça ou dificulte o trânsito nos passeios públicos, sob pena de apreensão do material.

Em nota, a Sedurb informou que a Prefeitura está atualizando o Plano Diretor da cidade, bem como o Código de Posturas do Município, junto à equipe técnica de integração municipal (Etim), e que “o capítulo reservado às disposições sobre a publicidade inclui a regulamentação da publicidade provisória e dispositivos de combate à poluição (visual e ambiental) e à interrupção de pedestres”.

Panfleteiro é profissão regularizada

Apesar de a função de panfleteiro estar registrada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), muitos trabalhadores não são contratados em conformidade com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ou seja, não possuem carteira assinada. Além disso, acabam se submetendo a determinadas condições de trabalho insalubres e que podem ser prejudiciais à saúde. É o caso de Daniel Dias.

Ela conta que trabalha em pé das 8h às 17h, de segunda à sexta-feira, com uma hora de intervalo, mas não recebe da contratante nem auxílio-passagem nem vale-alimentação. A empresa também não disponibiliza equipamentos como viseira, protetor solar ou quaisquer outros meios de

proteção individual.

“Tudo isso é por minha conta. Eu pago para vir trabalhar e preciso custear o meu próprio almoço”, diz Danielle, ao relatar que ganha R\$ 175 por cada semana trabalhada, o que equivale a cerca de R\$ 700 por mês – bem abaixo de um salário mínimo. “Faça sol ou faça chuva, preciso estar aqui. Mesmo não ganhando muito e tendo que aturar certo tipo de coisa, [em referência ao tratamento recebido dos pedestres] é uma oportunidade de ter um dinheiro e ajudar na renda da casa”, acrescenta.

Situação semelhante vive a consultora externa Thalita Nascimento. Ela não se reconhece como panfletista porque o seu trabalho não consiste apenas na entrega do folheto

publicitário da ótica em que trabalha, mas também na apresentação dos serviços e na oferta de produtos às pessoas que circulam próximo ao seu ponto de vendas, localizado na Rua Santo Elias, no Centro.

Conforme relatou Thalita, o que mais a incomoda são as piadas que costuma ouvir, e “o desprezo” dos pedestres que ignoram sua presença e viram a cara quando estão passando no local. “Alguns são muito gentis, outros nem tanto. No início, eu me aborrecia, mas você tem que tolerar, porque você tem que estar aqui todo dia para garantir o salário”, ressalta, destacando que, mesmo não possuindo carteira assinada, está satisfeita com a profissão que “adotou” há mais de cinco anos.

ARTESANATO

Labirinto paraibano está em alta

Peças feitas no Estado serão destaques este ano em eventos de moda em Milão, na Itália, e em São Paulo

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O artesanato paraibano em 2022 será destaque na Semana de Moda de Milão, na Itália, e em um evento que vai acontecer em São Paulo. Nos dois casos, as atenções estarão voltadas ao bordado de labirinto, técnica tradicional das comunidades rurais do estado que é produzida a partir de tecidos finos.

A maior parte das labirinteiras já faz esse artesanato dentro de casa, mas a partir do Programa Inovando o Labirinto de Ingá esse trabalho tem, agora, a oportunidade de se tornar mais comercial. De acordo com a Prefeitura Municipal de Ingá, o público-alvo desse projeto são as artesãs que desejam mais inovação no processo produtivo. A Prefeitura auxilia na capacitação técnica. Com essa parceria, as labirinteiras concluem a primeira coleção a ser apresentada em São Paulo e Milão ainda neste ano.

Janaína Alves é formada em pedagogia e cursou modelagem no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) em Pedras de Fogo. Ela é professora na oficina de labirinto nas associações, ensinando aquelas que não sabem da técnica e, também, quem quer aprimorar seu trabalho.

Para ela, o incentivo à produção e comercialização do labirinto voltado ao setor da moda está entre as principais responsabilidades do Programa Inovando o Labirinto de Ingá. A iniciativa capacita as artesãs como forma de garantir que o artesanato saia do enxoval de casa para as passarelas.

Janaína afirma que o programa visa tornar o trabalho manual mais valorizado e sustentável. “A principal inovação é a entrada do bordado no mercado da moda. O programa existe desde o ano passado e visa a inovação do labirinto olhando para um nicho diferente onde ele nunca foi utilizado”, explicou.

Também conhecido como crivo labirinto, a técnica é reconhecida como “patrimônio imaterial” do estado da Paraíba e é adotada principalmente pelas agricultoras e donas de casa da zona rural para alcançarem uma renda complementar para as famílias.

A maioria delas conhece essa arte desde muito pequenas e, além do uso para as atividades domésticas, ainda existe o lazer para muitas dessas mulheres. Segundo Janaína, a arte do labirinto, antes do programa, era voltada apenas às peças de enxoval para a casa e, com as capacitações e múltiplas utilizações, esse trabalho ganhou mais força comercial, atraindo inclusive o interesse dos jovens para a manutenção do ofício.

Dessa forma, o programa busca preservar, capacitar e transformar a técnica do labirinto em um ofício viável economicamente. “Muitas fazem esse bordado desde pequenas. Eu mesma aprendi com 10 anos e hoje tenho 34. Quase 100% das nossas peças eram apenas para o enxoval de casa. Mas, eu sempre acreditei no potencial do labirinto na moda. Então, comecei a estudar e junto com minha professora começamos a colocar o sonho em prática”, relata.

O “Inovando o Labirinto de Ingá” é desenvolvido pela Prefeitura do município e atende as artesãs dos distritos Chã dos Pereiras e Pontina, além da comunidade Quilombo-la de Pedra D’água, através das associações de labirinteiras. A iniciativa é apoiada também pelo Governo da Paraíba por meio da Secretaria Executiva da Segurança Alimentar e Economia Solidária.

“Existem outras mulheres que não estão associadas, mas também aprenderam o labirinto por causa do projeto. É um novo olhar para o bordado tradicional na região permitindo expandir o labirinto para o mercado”, defendeu Janaína.



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Ingá

Programa Inovando o Labirinto de Ingá promove oficinas de capacitação, e labirinteiras estão finalizando a primeira coleção



Labirinto é um tipo de artesanato que passa de geração para geração, comum entre as mães e avós da zona rural

Valorização do trabalho com um projeto inovador

Outro ponto citado pela professora é a valorização da mão de obra por meio do programa, já que esse trabalho pode agora ser remunerado de forma mais justa. As labirinteiras da região gastam em média 16 horas para produzir um pano de bandeja que é vendido a atravessadores por R\$ 20, item comercializado em feiras de artesanato especialmente na região Nordeste.

Dessa forma, a Prefeitura de Ingá calcula que se o salário mínimo no Brasil equivale a R\$ 5,51 a hora, as labirinteiras só conseguem ganhar o equivalente a R\$ 1,25. No entanto, a partir do programa, as artesãs podem manter todas as etapas do labirinto (desfiar, encher, torcer e perfilar), fazer a troca do tecido comum por outros mais nobres e a linha de costura por outra mais grossa e alcançar uma remuneração de R\$ 6,82 por hora, o que representa um aumento de mais de 500% no valor do trabalho manual.

Janaína Alves destaca que a moda é um setor com muita demanda e com maior valor agregado. E a partir do pagamento por hora (e não por peça), existe uma nova perspectiva para o ofício de labirinteira se tornar algo sustentável e mais produtivo.

Ela lembra que existem empresas que pretendem pagar pela hora trabalhada justamente porque desejam comprar labirinto com *design* e tecidos de boa qualidade, pagando mais do que era pago pelos atravessadores.

Arte reconhecida por gerações

Conforme a professora, o “Inovando o Labirinto de Ingá” atrai em sua maioria as artesãs mais velhas. Porém, a iniciativa também pretende atrair os mais jovens, pú-

“

A maioria das labirinteiras faz esse trabalho desde adolescente e até desde criança. Minha mãe trabalha com o labirinto, e a minha avó paterna era mestra, fazendo parte de vários eventos de artesanato. Aprendi a torcer com minha avó e o restante com as aulas que a professora Janaína está dando

Rayane Tavares

blico que hoje ainda está em menor quantidade, visando principalmente manter esse conhecimento vivo entre as várias gerações.

Uma das participantes do programa é Rayane Tavares, de 23 anos, que também é presidente da Associação de Chã dos Pereiras. Ela conta que o ofício é predominante entre as mães e avós da zona rural

e que a tarefa mais difícil é manter vivo esse conhecimento passado de geração em geração.

“A maioria das labirinteiras faz esse trabalho desde adolescente e até desde criança. Minha mãe trabalha com o labirinto, e a minha avó paterna era mestra, fazendo parte de vários eventos de artesanato. Aprendi a torcer com minha avó e o restante com as aulas que a professora Janaína está dando”, conta.

As presidentes das associações da região costumam expor suas peças de enxoval em feiras de artesanato. No entanto, desde o ano passado o trabalho foi ampliado diante da expectativa de apresentá-lo em desfiles de moda.

Rayane explica que a duração das aulas depende da evolução do aluno, isto é, se ele está aprendendo desde o início ou se quer aprofundar-se na técnica. Ela confessa que a partir do programa pôde enxergar o potencial econômico da atividade e já visualiza muitas mudanças para a vida das artesãs.

Na associação de Chã dos Pereiras são aproximadamente 30 integrantes. “A maioria delas já faz o labirinto há muitos anos, mas a inovação é, acima de tudo, a principal mudança. Elas passaram a vida toda fazendo enxovais e roupas simples, e agora com essa capacitação, a nossa renda é mais valorizada e podemos aplicar em qualquer peça”, comemora.

Apesar de um maior valor comercial das peças, a jovem percebe que ainda existem artesãs resistentes às mudanças e que o trabalho das representantes das associações também é mostrar às profissionais mais experientes as vantagens de um novo processo produtivo. “Como o trabalho era mais para as

peças de casa, algumas ainda não têm a mente tão aberta para inovações. Mas o programa de capacitação está fazendo com que elas mudem aos poucos”, completou Rayane.

Detalhes sobre o projeto

De acordo com as duas artesãs, o Programa “Inovando o Labirinto de Ingá” tem o objetivo de melhorar o desempenho econômico das artesãs e atrair a juventude local para a atividade. A Prefeitura disponibiliza os materiais para aprendizagem e fornece o certificado de conclusão.

As aulas disponibilizadas contemplam quatro etapas do labirinto e a expectativa, segundo as artesãs, é também reconhecer e preservar o trabalho das labirinteiras para que a cultura e riqueza artesanal permaneçam entre as próximas gerações.

As primeiras amostras do projeto de inovação do labirinto vieram a partir da solicitação da Natural Cotton Color, empresa paraibana de moda sustentável com sede em João Pessoa que participa de eventos internacionais.

Janaína Alves conta que a empresária Francisca Vieira foi uma das responsáveis por levar a técnica ao mercado nacional e internacional. “Minha professora é muito amiga de Francisca Vieira, da Natural Cotton Color, e as duas, com um olhar muito sensível, começaram comigo essa transformação. Assim, a gente desenvolveu uma coleção com o labirinto que agora está nos ajustes finais”, informou a artesã.

O primeiro grupo, conforme a Prefeitura de Ingá, recebeu inscrições de 20 mulheres. A expectativa é alcançar 400 mulheres artesãs da região que já dominam outras técnicas.

SAÚDE

A importância do exame de rotina

Independente da faixa etária, a ida ao médico pode significar um diagnóstico precoce e maior chance de cura

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

“Tenho várias amigas que fizeram exames de rotina e nunca descobriram doenças, mas outras descobriram. E têm aquelas pessoas que nunca procuraram o médico, ou quando procuraram não chegaram a buscar os exames. O ideal é sempre buscar o especialista para se prevenir e não procurar o profissional apenas quando sentir alguma coisa estranha”. A declaração é da comerciante Rizoneide Gomes, de 42 anos, que recentemente descobriu um nódulo no seio direito e agora aguarda a realização de uma cirurgia.

Ela admite que os exames de rotina se tornaram uma realidade na sua vida há poucos anos, pois desde 2019 começou a se preocupar com isso. Em novembro de 2021, num desses exames, confirmou que tinha um nódulo no seio. “Comecei a fazer exames de rotina um pouco antes dos 40 anos. Descobri um nódulo e farei uma cirurgia para retirá-lo, depois de uma biópsia para finalmente eu ter o diagnóstico completo”, explicou.

Rizoneide acredita que em qualquer situação é importante fazer todos os exames possíveis, equanto mais cedo, mais simples poderá ser o tratamento e maiores as chances de cura.

Especialistas defendem que realizar alguns exames regularmente ajuda a manter a qualidade de vida. No entanto, a preocupação com a saúde é maior apenas após os 40 anos, principalmente entre os homens, conforme aponta o urologista Emerson Medeiros. Ele explica que, diferentemente da mulher, o homem, quando sai do pediatra, geralmente fica de 20 a 25 anos sem ser acompanhado por qualquer especialista. A mulher, por sua vez, logo após a primeira menstruação, busca imediatamente o ginecologista. “O homem, para dizer que está com a saúde em dia, deve ser acompanhado e fazer exames rotineiros pelo menos uma vez por ano, e isso não tem sido feito, tanto é que as mulheres vivem mais”, recomenda.

No caso do sexo masculino, o acompanhamento na juventude é realizado pelo urologista. Porém, segundo Emerson Medeiros, é cultural a não valorização das consultas de forma rotineira. Ele orienta que, independentemente da faixa etária, existem algumas obrigações: ter bons hábitos alimentares, praticar exercícios físicos, evitar drogas e álcool e ter o acompanhamento anual do médico. Mas, é por volta dos 40 a 45 anos que aparece a preocupação masculina e uma maior procura ao urologista, devido ao temor do câncer da próstata.

No entanto, o médico lembra que em todas as fases da vida existem problemas preocupantes, como as infecções sexualmente transmissíveis na adolescência, questões sexuais na fase adulta, além de infecção urinária e cálculo renal em qualquer faixa etária. “Existe uma série de recomendações, todas a seu tempo e a depender do histórico familiar, que também conta muito para orientar sobre a melhor conduta para o paciente”, destacou.

Atualmente, a abordagem do urologista, antes de qualquer exame, inicia com uma conversa com o paciente, com orientações sobre prevenção às doenças que atingem o sexo masculino. Caso a avaliação médica aponte a necessidade de um exame de toque ou de sangue, estes podem ser indicados. O urologista reforça que a investigação completa de qualquer situação só acontece quando o paciente vai até o consultório para os exames rotineiros.

“Muitas pessoas estão habituadas a ir ao médico quando estão doentes, mas elas devem lembrar que podem ir apenas para uma orientação, pois o foco deve ser na prevenção. Depois dos 40, o câncer de próstata é o mais prevalente, mas outros tipos de patologias não devem ser esquecidos, como o câncer de rim, de bexiga ou de pênis”, aconselha Emerson Medeiros.



Foto: Pixabay

As mulheres costumam fazer o acompanhamento médico ainda na adolescência, enquanto os homens só costumam fazer a prevenção de saúde após os 40 anos

Primeira consulta e exames de rastreamento

Antes de procurar qualquer especialista, muitas pessoas procuram o clínico geral a fim de obter as primeiras avaliações. Segundo o médico generalista com especialização em saúde da família Romário Rodrigues, é comum orientar a população em relação aos exames de rastreamento. “A atenção básica é a primeira porta que o paciente vai procurar e por isso ela trabalha campanhas para o público feminino e masculino”.

No caso das mulheres, o SUS realiza atividades para detecção do câncer de mama com mamografia indicada geralmente a partir dos 50 anos até os 69 (dentro de aspectos individuais como hábitos de vida e histórico familiar), além do citológico para avaliações contra o câncer de colo uterino a partir de 25 anos até 74.

No homem, o principal rastreamento é para o câncer de próstata a partir dos 50 anos, cujos exames variam conforme os fatores de risco. O médico citou, ainda, o rastreamento para câncer de intestino a partir dos 45 anos (homens ou mulheres) através da pesquisa de sangue oculto nas fezes. “Se estiver negativo, apenas acompanhamos, e se estiver positivo, a indicação é fazer uma avaliação mais específica e encaminhar para um especialista”, destacou.

Em relação ao público mais jovem, as principais preocupações são a hipertensão arterial e a diabetes (geralmente tipo 2), e

“**Se estiver negativo, apenas acompanhamos, e se estiver positivo, a indicação é fazer uma avaliação mais específica e encaminhar para um especialista**”

Romário Rodrigues

por isso é pedida a glicemia em jejum a partir dos 35 anos. “Em relação a hipertensão arterial sistêmica, recomendamos que a partir dos 18 anos as pessoas façam uma verificação da pressão arterial para fazer o acompanhamento dessa doença crônica. Se fizermos o diagnóstico, temos como evitar que o paciente tenha complicações a longo prazo”, comenta.

Outra orientação comum é em relação às Infecções Sexualmen-

te Transmissíveis (IST's), como sífilis e HIV. “O foco é na utilização do preservativo e na vacina contra o HPV voltada às crianças (meninos e meninas)”, concluiu Romário Rodrigues.

Saúde da mulher

A professora Edvânia Chaves anualmente faz exames de sangue, mamografia e ultrassonografia. Ela conta que começou a fazer esses exames com maior regularidade após os 40 anos, embora já tenha realizado poucas vezes antes dessa idade, pois já era aconselhada pelos médicos sobre a necessidade de avaliações frequentes devido aos casos de câncer na família.

Ela acredita que a maior vantagem das avaliações de rotina é a prevenção, com a possibilidade de iniciar um tratamento rapidamente. Caso contrário, as doenças são descobertas apenas quando os sintomas já estão avançados e com menos chance de cura.

“Acho que as pessoas só se preocupam com a saúde a partir da minha faixa etária, ou então quando aparece alguma doença na família, tipo câncer. Além disso, nem todos têm plano de saúde e preferem fazer pelo SUS quando percebem alguma necessidade”, opinou.

De acordo com a ginecologista e obstetra Aline de Almeida, os principais exames para a saúde da mulher são: o exame das mamas (que pode inicialmente ser realiza-

do em casa no autoexame todos os meses) e o papanicolau (citológico), preventivo anual que deve ser feito após iniciar as relações sexuais. “O papanicolau tem que ser realizado por todas as mulheres juntamente com a colposcopia. Outras avaliações são os exames de sangue, a mamografia e/ou ultrassonografia das mamas, de acordo com a idade; ultrassonografia pélvica ou transvaginal e a densitometria óssea. Como rotina, estes exames devem acontecer anualmente”, descreveu.

De acordo com outras situações, a médica prevê ainda que pode ser bastante importante fazer a avaliação cardiológica e da tireóide. Ela lembra que a primeira consulta na ginecologista deve ocorrer em torno dos 12 anos de idade ou quando a menina tiver algum sintoma ginecológico antes disso. “Entre os sintomas mais comuns estão o corrimento, surgimento do broto mamário doloroso, alterações de humor e sono e a primeira menstruação”, informou.

Além disso, a especialista observa que a prevenção precoce do câncer de colo uterino e do câncer de mama é o principal benefício dos exames regulares, visto que essas são as duas doenças mais comuns entre as mulheres. “A importância de realizar regularmente esses exames é a prevenção de doenças e a possibilidade de realizar tratamento curativo em tempo hábil, para que seja feito de uma forma menos mutilante”, orienta.

Prevenção tem início com hábitos saudáveis

Conforme a cardiologista Camila Martins, em qualquer idade é necessário prevenir problemas cardíacos. E isso pode ser feito através de atividade física e alimentação adequadas aliadas aos exames necessários. “Isso deve ser feito tanto pelos pacientes mais jovens que chegam aos consultórios para uma mudança de estilo de vida como por pessoas de outras idades para a prevenção primária (quando não se tem doença, mas pode vir a ter) e para a prevenção secundária (quando a doença já existe e é preciso evitar algum evento)”, explica.

Com isso, ela afirma que os exames básicos para saber se o coração funciona adequadamente são o eletrocardiograma, ecocardiogra-

ma com doppler e o teste ergométrico (teste de esforço na esteira). Mas, a simples verificação de pressão em consultório já pode compor um diagnóstico de hipertensão. O infarto é o principal problema que pode ser prevenido através desses exames, mas também existe a possibilidade de descobrir alguma doença congênita.

“O ecocardiograma avalia se alguma hipertensão pode já estar causando uma sobrecarga e uma dilatação do ventrículo esquerdo. Esse exame pode diagnosticar tanto doenças congênitas quanto repercussões de problemas existentes. Em pacientes diabéticos que não sabem se infartaram e têm um mal-estar inespecífico, podemos saber se tiveram o infarto-

nesse exame”, detalhou a médica.

No teste ergométrico, pode-se identificar alterações que sugere isquemia coronária, doença que afeta os principais vasos sanguíneos do coração. “Ou seja, o paciente pode ter uma doença arterial coronariana com obstruções moderadas e a gente pode intervir antes do paciente enfartar”, ressaltou a cardiologista.

Além de prevenir o infarto e outras consequências da hipertensão, os exames de coração garantem melhor qualidade de vida após a descoberta das doenças congênitas, isto é, aquelas que existem desde o nascimento, mas a pessoa só nota quando o coração já está sobrecarregado.

A frequência ideal desses testes

depende da idade e do histórico familiar da pessoa, mas geralmente o paciente jovem (até 40 anos) faz uma vez no ano, a menos que tenha hipertensão e outras doenças que, caso não estejam controladas, podem gerar retornos a cada três ou seis meses. Depois dos 40, o histórico familiar, tabagismo, colesterol alto são alguns dos fatores de risco que fazem o especialista acompanhar mais vezes. “Os idosos requerem uma atenção ainda maior, em especial os polimedicados (com mais de cinco medicamentos diários) e com outras doenças como a hipertensão ou a hipotensão. Além disso, com a idade, a frequência de doença arterial coronariana obstrutiva é bem maior”, finalizou.



Com mais de 13 mil habitantes e ocupando um território de 99 quilômetros quadrados, o município de Arara atrairomeiros que visitam o Santuário de Santa Fé, criado pelo Padre Ibiapina

TURISMO E FÉ

A religiosidade da cidade de Arara

Município paraibano onde o padre Ibiapina viveu os últimos dias também é conhecido pelo comércio

José Alves
zavieira2@gmail.com

O turismo religioso é um dos pontos fortes da economia do município de Arara. Anualmente, caravanas de vários estados da região Nordeste partem para o município para reverenciar a Casa da Caridade Santa Fé, onde foi sepultado o padre José Antônio de Maria Ibiapina, o Padre Ibiapina (1806-1883). Um dos maiores incentivadores do desenvolvimento da zona do Curimataú, onde foi iniciada a edificação da Vila das Baraúnas das Araras, atualmente o município de Arara. Foi lá que ele construiu o Santuário Casa da Caridade Santa Fé, onde viveu muitos anos de sua vida, até sua finitude.

Após a chegada do padre Ibiapina a história da região começou a tomar novos rumos. Suas missões mobilizavam as populações através dos rituais religiosos e dos mutirões de trabalho organizados para a execução das construções. Da Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba, Padre Ibiapina acompanhava as outras instituições comunicando-se através de cartas com seus superiores.

O Santuário de Santa Fé, onde ele viveu seus últimos anos de vida, reúne um complexo que engloba uma igreja, um museu e uma pequena capela que guarda seus restos mortais. Os romeiros procuram o local para agradecer por curas obtidas graças à fé no Padre Ibiapina.

Segundo o professor de Filosofia e morador da cidade de Arara, Heráclito Hallyson Sousa de Medeiros, outro ponto alto da economia ararense é o comércio local, a agricultura e a pecuária. “A feira livre de Arara, que acontece tradicionalmente nas segundas-feiras é uma das mais concorridas da região. E paralela a ela também acontece a feira do gado que atrai muitos comerciantes e compradores ricos de várias cidades da região”, disse ele enfatizando que o comércio de rua da cidade vem se fortalecendo a cada ano. “A prova maior é que a cidade vem ganhando novos supermercados, lojas de móveis, roupas, calçados, postos de combustíveis e lojas de materiais de construções”.

O professor revelou que culturalmente o município recebe muitos visitantes durante a festa de Nossa Senhora da Piedade, que é a padroeira da cidade.

“Essa festa tem os dois lados, ou seja, o lado religioso e o profano e acontece anualmente no período de 4 a 8 de setembro. Trata-se de um dos eventos mais aguardados pela população de Arara. As celebrações litúrgicas são realizadas em homenagem à Nossa Senhora da Piedade, com os ararenses comemorando as boas colheitas de feijão, milho, mandioca, fava e algodão. A festa é secular e começou desde a fundação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, em 1887”, contou.

Festa da Padroeira e a Pedra da Glória

Uma das grandes atrações da Festa da Padroeira de Arara, é a apresentação da Banda Filarmônica Municipal. “Quando essa banda se apresenta os ararenses param literalmente para ouvir. Eles reverenciam a banda que existe há décadas”, frisou. Nessa festa também acontecem pregações religiosas, desfiles cívicos, feiras de artesanato, carreatas e apresentações de bandas populares.

Mas o ponto principal é a procissão de Nossa Senhora da Piedade, onde os fiéis percorrem as principais ruas do município levando a imagem da santa, louvando-a com cânticos religiosos. A partir das 22h, a multidão se dirige ao palco principal, onde se apresentam bandas nacionalmente conhecidas. Já no palco

secundário a animação fica por conta do forró pé de serra.

“Ainda no campo da cul-

Arara está localizado no Agreste da Paraíba, distante 155 quilômetros de João Pessoa

tura, recentemente foi lançado o cordel “Histórias de Arara, sessenta anos depois” escrito pelo professor Josimar Cândido. O evento chamou a atenção dos habitantes da cidade, porque conta as histórias que passavam

pela cidade desde o início do século 19, contando suas rotinas e seus negócios por essas terras”.

Pedra da Glória

No tocante ao turismo, Arara também se destaca com a Pedra da Glória. Localizada a nove quilômetros a leste da cidade, a Pedra da Glória é um local privilegiado pela natureza. Lá os visitantes se sentem num paraíso em razão da existência de uma bela cachoeira. Uma coisa que chama a atenção no ambiente é que na pedra existem algumas descrições rupestres, feitas, segundo historiadores há milhares de anos pelos primeiros habitantes da região.

O professor Heráclito, informou também que o Governo do Estado tem marcado

presença no município com inúmeras obras. “Além das ações nas áreas da educação e saúde, o governo de João Azevêdo tem dado total apoio na construção de creches, na pavimentação de ruas, no abastecimento d’água e principalmente na construção da estrada que vai ligar o município de Arara a Serraria”, ressaltou Heráclito Medeiros.

Arara está localizado na mesorregião do Agreste da Paraíba, entre as cidades de Solânea, Remígio, Casserengue e Areia. Está situado a 155 quilômetros de João Pessoa. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Arara tem atualmente uma população estimada em 13.438 habitantes. E tem uma área territorial de 99 quilômetros quadrados.

Área de pouso de tropeiros no século 19

Segundo o jornalista e escritor José Nunes, a história do município de Arara está relacionada com o desenvolvimento de outras cidades em seu redor, a começar por Bananeiras, Areia, e depois, Serraria e a Vila de Pilões, pertencente ao município de Serraria, que já se destacavam como prósperas no linear do século 19, e muito influenciaram o surgimento de outros povoados.

Foi o coronel Antônio José da Cunha, integrante de família estabelecida em Areia, de onde chegou procedente da cidade de Goiana, Pernambuco, quem mais contribuiu para o surgimento da atual Arara. Como provas estão às terras que possuía, o trabalho que executava na exploração de minas calcária e na criação de gado.

O lugar primeiramente ficou conhecido como ‘Baraúnas das Araras, porque se transformou, segundo antigos moradores, em ‘pouso de tropeiros e tangerinos’ que, vindo dos sertões com destino ao Brejo em busca de mantimentos, ali pernoitavam debaixo de árvores frondosas onde as araras faziam seus ninhos. Então, eles combinavam entre si, “vamos pernoitar nas baraúnas das araras”, frondosas árvores que se estendiam ao lugar denominado de Santa Fé. E assim, a região ficou conhecida com esse nome, até que, com o passar do tempo, convencionou-se denominar apenas Arara.

Dois fatos devem ser destacados sobre a origem do nome “Arara”. O antigo morador da cidade, o senhor Mari-

sio da Cunha Moreno contou que, quando o município foi emancipado ainda se pensou manter o nome de “Baraúnas das Araras”. Porém, se achou por bem deixar apenas Arara, numa alusão às aves que ali viveram em décadas passadas.

A chegada do padre José Antônio Maria Ibiapina à re-

gião ajudou muito no desenvolvimento local, principalmente na zona do Curimataú, na localidade onde começou a edificação do povoado de Arara, e posteriormente a construção da Casa de Caridade Santa Fé. Ali ele viveu muitos anos de sua vida, até ser sepultado. As terras onde edificou seu templo religioso foram doadas pelo coronel Antônio José da Cunha.

A fazenda Santa Fé, onde o Padre Ibiapina construiu sua principal Casa de Caridade, tem muitas ligações com a cidade de Arara, tendo em vista que está separada apenas por um pequeno riacho. A população ararense anseia por um dia ter anexada ao município as terras onde está o Santuário Santa Fé. Já houve uma tentativa, há três décadas, mas o plebiscito não ocorreu.

O nome

O local onde está o município inicialmente ficou conhecido como “Baraúnas de Araras”

“

A feira livre de Arara, que acontece tradicionalmente nas segundas-feiras, é uma das mais concorridas da região

Heráclito Hallyson Sousa



Ao piano, tocando Chopin, o diplomata José Maurício Bustani, primeiro diretor-geral da Organização para a Proibição de Armas Químicas (Opaq), que tentou impedir a destruição do Iraque pelos EUA

“A curiosidade é fundamental”

Selecionado para o Festival *É Tudo Verdade*, diretor paraibano José Joffily aborda as fronteiras das chamadas “guerra de narrativas” no seu novo documentário, *‘Sinfonia de um Homem Comum’*

Lúcio Vilar
Especial para A União

O *É Tudo Verdade* – Festival Internacional de Documentários, realizado de forma híbrida neste ano, está chegando ao fim hoje. Na programação competitiva, quem

está no páreo é o cineasta paraibano José Joffily. A edição serviu de janela para a estreia mundial de seu novo filme – *Sinfonia de um Homem Comum* – personalizado no diplomata brasileiro José Maurício Bustani. A produção pode ser vista gratuitamente, através da plataforma virtual do evento.

Se havia uma voz com poder (e voto) para deter os Estados Unidos de invadir o Iraque, em 2003, na condição de primeiro diretor da Organização para a Proibição de Armas Químicas, era a do brasileiro que acabou pagando caro por sua insubordinação. A versão das “armas químicas”

nunca o convenceu e, de fato, nunca foram encontradas em solo iraquiano naquela época. Entretanto, uma ardilosa operação orquestrada pelos norte-americanos precipitou sua deposição do cargo. O documentário investiga e lança luzes sobre o nebuloso episódio, quase duas décadas

depois, ao reencontrar Bustani, hoje aposentado, dedicado ao piano, sua primeira paixão desde jovem. Confira, a seguir, a entrevista realizada com o diretor para quem a “curiosidade” é o seu combustível para realizar documentários e que deverá voltar aos roteiros ficcionais muito em breve.

A entrevista

■ Seu filme foi selecionado, neste ano, para dois importantes festivais de documentários (*É Tudo Verdade*, no Brasil, e o *Hot Docs Festival*, do Canadá). Conte um pouco sobre essas experiências.

O festival ETV é o que temos de melhor para acompanhar a produção de documentários. O fato do festival não ter sofrido interrupções e ter atravessado tantas barreiras, é uma vitória do Amir Labaki e de sua turma. Mas essa resistência do festival à pandemia e ao esforço desse governo para eliminar manifestações culturais, está sendo fundamental para alimentar nossa esperança. A acolhida ao nosso filme é uma injeção de animo, um estímulo a fazer outros.

■ O peso da temática internacional, aliado a potência cinematográfica do documentário, explicam o interesse pela obra?

Sim, claro que os temas são importantes para despertar o interesse do filme. Mas uma vez despertado o interesse é bom que o filme corresponda a ele. O tema, às vezes, é uma armadilha se considerarmos que ele é suficiente. Pode ser uma armadilha. A curadoria do Festival selecionou os títulos entre centenas de candidatos. Estar nessa seleção representa uma visibilidade rara, uma oportunidade especial capaz de alavancar a distribuição.

■ O crítico Luiz Carlos Merten ao elogiar seu trabalho, afirmou que “como documentário, parece ficção”.

O que o senhor acha dessa tendência contemporânea de se fazer documentários híbridos, em maior ou menor medida, como uma via de renovação da linguagem do gênero?

Desde sempre essas fronteiras entre ficção e não ficção foram se dissolvendo. Contar uma história, seja num ou noutro gênero, obedece à mesma progressão. Sem contar que um documentário é sempre uma versão dos fatos do ponto de vista de um diretor. Ou seja, um documentário nem de longe é a verdade empacotada dentro de um DCP (arquivo digital do filme).

■ Em seu filme, o ex-presidente FHC e seu então ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, não ficam “bem na fita” ao tentarem escamotear certa submissão da diplomacia brasileira aos interesses estadunidenses na deposição do diplomata brasileiro José Maurício Bustani. Os documentários seguem cumprindo esse papel de realinhar a história e seus personagens em seus devidos lugares?

São as versões dos fatos, expressão hoje atualizada para “guerra de narrativas”, que tanto nos deixam desorientados diante dos acontecimentos. Hoje, para o bem e para o mal, com as redes sociais, milhões de pessoas tem como dar suas opiniões ou seguir a versão dos outros. O presidente Fernando Henrique e seu chanceler Celso Lafer tiveram um entendimento diferente da pressão sobre o Bustani. Fernando Henrique expressa um entendimento, digamos, realista diante dos

fatos. Eles entenderam que a pressão sobre o Bustani não tinha jeito, não havia a possibilidade de resistir a ela: “O poder é o poder...”, como ele diz. Afinal, as organizações multilaterais são bastante reverentes aos países hegemônicos. No caso, aos EUA. Afinal, se não fosse por outro interesse, são os países hegemônicos que bancam financeiramente as organizações multilaterais. Se não me engano, no caso da OPAQ, organização que tinha Bustani como diretor geral, eles aportavam ou ainda aportam, junto com o Japão, país alinhado com eles desde a segunda guerra, 42% dos custos de sua manutenção.

■ Poder abordar e revisitar a história é o que o mobiliza a fazer documentários?

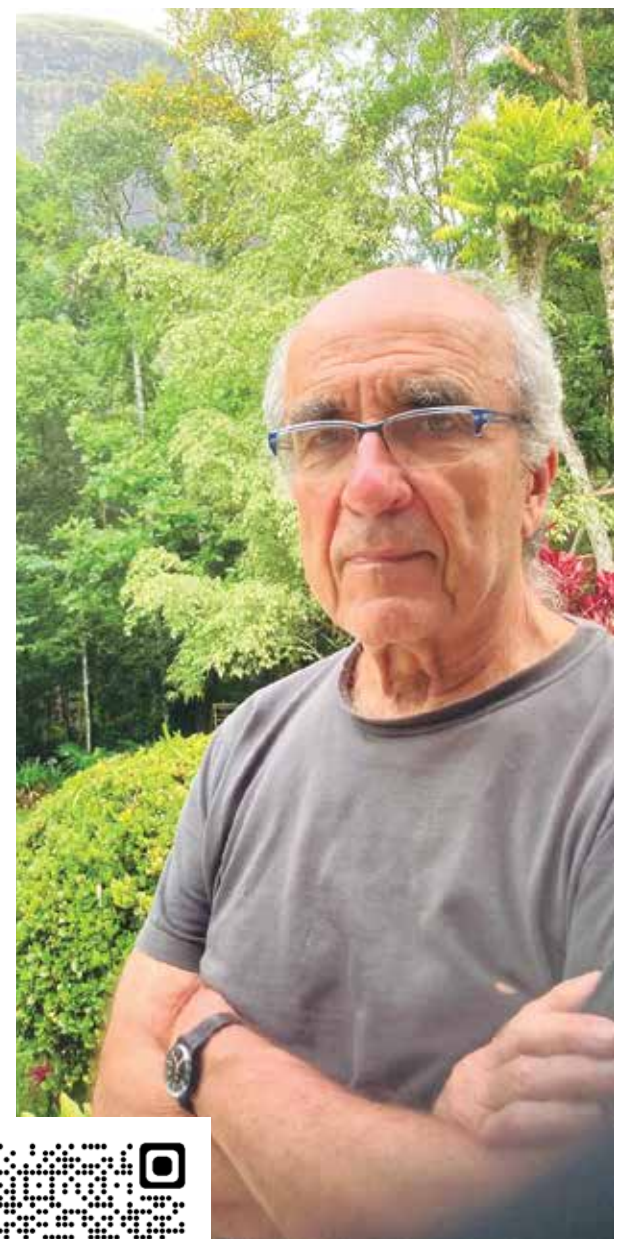
A curiosidade é fundamental, e é ela que me mobiliza. Pelo menos na partida. Um documentário como o *Sinfonia...* levou uns três anos para ser finalizado. Ao longo dos anos foi sempre essa curiosidade que nos motivou, junto com o desejo de que essa relevante história pudesse ser entendida por todos.

■ Filmes documentários marcaram sua trajetória nos últimos anos. Algum roteiro ficcional no horizonte?

Tenho muitos projetos de filmes ficcionais. Mas só consigo me dedicar a outro projeto depois que o filme que está em curso for finalizado. A gaveta está cheia e o tempo é curto, não vejo a hora de iniciar uma nova produção.

■ Para Joffily, desde sempre as barreiras entre ficção e não ficção foram se dissolvendo. Contar uma história, independente do gênero, obedece à mesma progressão, além da versão dos fatos no documentário é sempre o ponto de vista de um diretor

Foto: Globo Filmes/Divulgação



Através do QR Code acima, acesse a plataforma do evento para assistir ao filme gratuitamente

Realizador paraibano conta que o filme *‘Sinfonia de um Homem Comum’* levou cerca de três anos para ser finalizado, movido pela curiosidade e pelo desejo da história ser entendida por todos

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O sacrifício da carne

A maneira como os seres humanos lidam com a morte é algo singularmente distinto de outros animais. Isso não significa que a nossa dor seja mais profunda. Os chimpanzés, por exemplo, demonstram muito afeto por seus filhos e a morte deles costuma ser acompanhada de uma tristeza apoplética. A diferença fundamental para nós é que eles não são capazes de significar esse acontecimento; de vivê-lo para além da experiência concreta, do aqui e agora.

A variedade cultural humana e a natureza simbólica da nossa linguagem possibilitam inúmeros sentidos de viver e morrer. O antropólogo Joseph Campbell dizia que os mitos são meios que usamos para transformar as experiências em algo que coletivamente comuniquemos um sentido.

As relações entre a morte e o mito são bastante antigas, imemoriais. De tal modo que podem ser vistas como um elemento que nos faz humanos. Essa é uma das ideias que Joseph Campbell defende no livro *As transformações do mito através do tempo*. Os primeiros indícios do pensamento mitológico remontam aos neandertais e estão ligados a ritos funerários. O sepultamento entre os neandertais era complexo. Há vestígios encontrados em cavernas-capelas nas regiões alpinas da Suíça, que mostram a adoração de crânios de ursos.

Campbell também observa que as antigas sociedades de caçadores criaram sistemas de crenças para tratar da

experiência de matar com objetivo de se alimentar. O fato de que toda vida se alimenta de vida é uma das questões centrais da mitologia primitiva, uma verdade que sociedades como a nossa tendem a recalcar. Esses povos não inferiorizavam moralmente os animais que matavam.

Nessa cultura a vida dos animais é equivalente a vida humana. As pessoas precisam respeitá-los, reverenciá-los, amá-los. A sua morte cumpre uma finalidade natural. Os animais consentiriam com a própria morte, numa espécie de imolação voluntária. Não se trata de um fim em sentido absoluto. O animal se religará à força originária materna que ordena o mundo e renascerá renovando o ciclo da vida.

É uma visão muito diferente da nossa. A tradição cultural que estamos inseridos está baseada no especismo. Acreditamos que somos moralmente superiores aos animais, e que possuímos alma. O que implicaria em privilégios que incluem a ideia de que a vida humana tem mais valor.

Nas sociedades industriais modernas pouquíssimas pessoas caçam os animais que comem. Elas compram carne em supermercados e em restaurantes. É uma experiência marcada por um enorme distanciamento. É raro as pessoas ligarem o pedaço de bife ao animal, especialmente quando ele chega ornamentado à mesa. A morte vai sendo apagada.

Milan Kundera dizia que, assim como a tênia é um parasita do homem, o homem é o parasita da vaca. O que faz todo sentido num mundo com um rebanho de aproximadamente 1 bilhão de cabeças de gado. Segundo a Bíblia, foi Deus quem encarregou os humanos de dominarem os animais. Em *Gênesis 1:26* podemos ler: “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”.

Essa é uma ideia muito poderosa, sobretudo pela natureza do argumento teológico. Em outras palavras: estaria nos planos de Deus que os homens reinassem sobre os animais. Para Milan Kundera, os homens seriam gerentes do mundo, que em algum momento teriam que prestar conta da sua gestão. O certo é que essa concepção legitimaria a dominação humana sobre a natureza, fundada numa hierarquia moral de caráter divino.

É uma concepção mitológica distinta das culturas que veem a natureza e os animais como sagrados e iguais a nós; que casa muito bem com as sociedades estruturadas a partir de classes sociais e a ideologia capitalista. A vida e a morte são ditadas pelo poder do mais forte.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Onde Caetano está

Faz sentido agradecer, retribuir. Uma palavra, 10, 100 mil vezes, mesmo quando falta conhecimento em muitos, do tão precioso idioma. O meu sentimento de agradecer vai bater longe. Eu fico encabulado com as pessoas generosas perto de mim.

Costumo assim pensar... mas e então, nada como partilhar leituras, versos, canções, palavras, um pouco do seixo da palavra e, neste andar, poucas farão sentido como esta que trago agora, do original de Fernando Pessoa, que é uma forma também de multiplicar abraços, em todos os homens e mulheres, que eu beijo e beijarei.

“Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.”

Como o panteísta se sente árvore (?) e até a flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada (?), por uma soma de não-eus sintetizados num eu postigo.

Um pouco mais alegre, menos triste, me ocorre, neste infinito particular, nesse instante de me sentir pequeno e tão cheio e pleno, neste espaço em que partilho as minhas palavras, citar nomes de pessoas que me fizeram feliz, muito feliz, em Belo Horizonte, onde Caetano Veloso estava.

Saímos dos quatro cantos do Brasil, e até da Florida, para assistir a estreia do show *Meu Coco*, de Caetano Veloso, no Palácio das Artes, de Belo Horizonte, um deslumbramento.

Cheguei às 11h e Francisco Taboza de Brasília, (do @caetanoefoda) já estava me esperando no saguão no Aeroporto de Confins (longe pra cacete), e logo chegou o iluminado Alexandre Leite (cearense), que já estava na cidade, vindo da Florida e foi nos buscar no aeroporto.

Uma pessoa como Alex (raridade) aluga um carro para ir me buscar no aeroporto, essa pessoa só pode gostar de mim direito. Lembrei da canção “Da maior importância”, de Caetano Veloso: “É tão difícil, tão simples, é tão difícil, tão fácil/de repente ser uma coisa tão grande/da maior importância”.

E foram chegando – de Salvador, Iramar e Francisco Neto, do Rio, Renata e de São Paulo, Heloísa Ayres, o marido Klaus e as duas filhas, Alice e Clara. No show encontramos Alan. Todos para assistir a estreia de *Meu Coco*, de Caetano.

Eu não conhecia nenhuma das pessoas citadas, só Caetano, de outros carnavais.

A gente estava onde Caetano Veloso esteve e estará. Esse era o motivo da viagem, mas o contato da pele, o entrelaçamento, os beijos, abraços, a comida mineira, as praças, as árvores, botecos, o Mercado Central e a amabilidade de Alex, o amor de Priscila e sou tão grato, para sempre e tanto quanto a minha “eternidade” aqui na terra o permita.

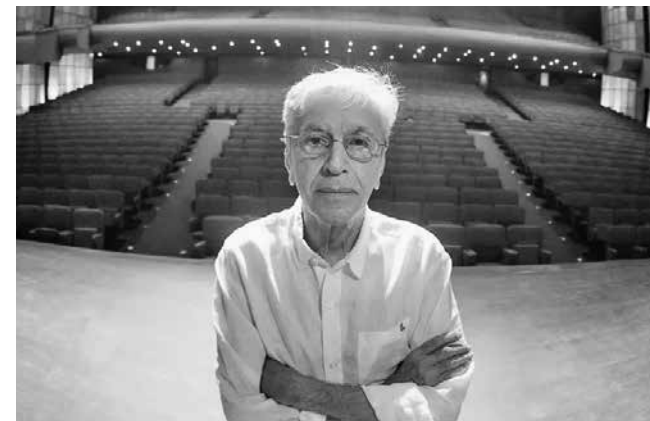
Kapetadas

1 – Podia ter um órgão de consulta chamado Serase, você colocaria o seu CPF e ele mostraria suas chances com a pessoa;

2 – Tem pessoas que a gente gosta na primeira se decepciona na segunda e desiste na terceira;

3 – Som na caixa: “Ter te visto tão de perto/ e talvez voltar a ver/prova que está tudo certo/vale ter vivido/vale estar vivendo aqui/ vale viver”, Caetano Veloso.

Foto: Divulgação



Caetano no palco do Teatro das Artes, em ensaio de ‘Meu coco’

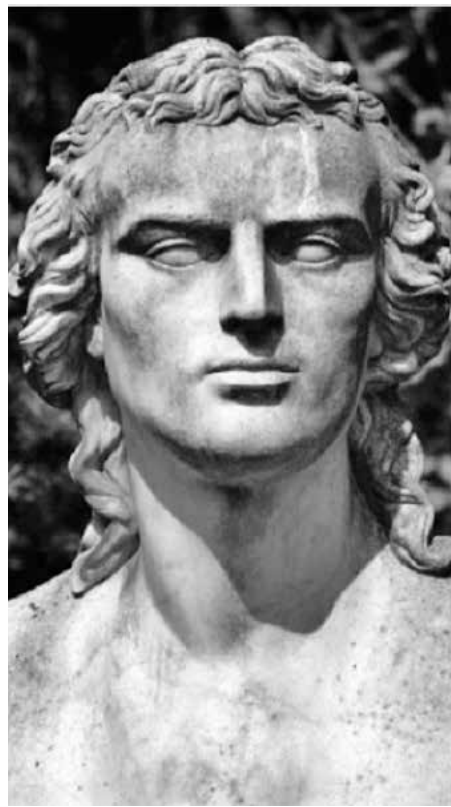
Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Unidade e simplicidade

Foto: Reprodução



Segundo Schiller: “O que pensa pertence a todos. Teu é apenas o que sentes”

A natureza humana representa uma expressão estética desde quando se tornou uma medida para se compreender o universo e a acessibilidade de uma harmonia existente no Cosmos. Isso está presente nas irregularidades matemáticas. Por exemplo, tem-se o número irracional Phi (1,61803399...), que representa a proporção áurea da beleza do universo; da constante PI (3,14...), que reproduz uma relação de ordem com infinitas casas decimais. Nesse contexto, o “Classicismo Grego”, aproximadamente 450 a.C., dimensionou a proporção do corpo humano para construir várias expressões da arte, entre essas tem-se as edificações e as construções de cidades. Tudo isso permitiu uma autonomia para o cidadão criar seu próprio destino, e apresentou um modelo de vida harmoniosa a partir da beleza e da virtude. Esses valores foram apresentados – na escultura – as proporções do “corpo nu” como uma representação de equilíbrio e de unidades matemáticas encontradas na natureza. Essas proporções representam medidas e Leis do Universo, e teve um dos seus representantes o escultor grego Policleto de Argos (460 a.C. a 420-410 a.C.), que fundou, junto com o grego Fídias (480 a.C.-430 a.C.) o Classicismo escultórico. Policleto deu início à Estética a fim de criar uma moral que transmitisse uma beleza ao comportamento humano. Nesse contexto, a escultura grega apresenta uma “força viva” que expressa a simplicidade das Leis do Universo que compõem a natureza humana.

Os “gregos antigos” entenderam a proporção humana sendo uma beleza e nos trouxeram o conceito de Kalokagathia (καλοκαγαθία), que significa algo que é belo e virtuoso. Isso gerou uma moral a partir da simplicidade e da elegância, que é um caminho para se chegar à felicidade, e potencializa o cidadão a ser útil à sociedade. Diante disso, a arte deve educar para o bem comum, a fim de expressar e preservar a felicidade de todos. Entende-se aqui que o “Naturalismo Grego”,

a partir das Leis do Universo e unido às virtudes, deu origem a uma compreensão de uma harmonia no Universo. Pode-se considerar como exemplo a descoberta da sequência da série matemática de Fibonacci (1170 d.C.-1250 d.C.), que é encontrada nas ciências exatas, isto é, nas leis da matemática, da biologia, da química e da física. Tudo isso influenciou, de forma muito intensa, o Renascimento e o Neoclassicismo. Nos dias atuais, esta influência continua exercendo um impacto porque representa um bem comum e uma infinitude. Esses sentimentos estéticos influenciam o modo de ver a realidade humana – externa e interna – a partir de uma necessidade de sublimar uma falha existencial. Diante desse desafio, procura-se – através da arte – a conquista de uma simplicidade como um sentido para própria existência.

A valorização do corpo humano através da arte, deu-se de forma muito intensa nos séculos 15 ao 17. Por exemplo, na música erudita do Barroco as melodias surgiram como forma de apresentar uma complexidade na polifonia e no contraponto

como expressão de uma unicidade entre Deus, natureza humana e Cosmos. No Classicismo e Neoclassicismo as melodias se tornaram simples e foram acompanhadas por progressões harmônicas conhecidas como sonata clássica de forma a priorizar a simplicidade como relação entre o humano e a natureza. Nesse contexto, o músico francês Jean-Philippe Rameau (1683-1764) revolucionou a teoria musical através do seu livro publicado *Tratado de Harmonia Reduzido as Leis da Natureza* (1722). Outra influência – para o Neoclassicismo – veio do filósofo e músico suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), quando escreveu o *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755). Naquele período, outro filósofo que contribuiu para apresentar uma beleza espontânea foi o filósofo alemão Immanuel Kant (1724 -1804) ao publicar a *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790), neste livro, encontra-se esta tese: “O belo é o que, no imediato juízo do gosto, agrada universalmente, sem interesse e sem conceito e é reconhecido como objeto de um prazer necessário”. Uma das características dessa estética foi apresentar a arte em um processo que influencie o comportamento humano através de uma formação estética. Esse argumento foi apresentada pelo filósofo e poeta alemão Friedrich Schiller (1759-1805) nos livros: *Cartas Sobre a Educação Estética do Homem* (1795); *Poesia Ingênua e Sentimental* (1796), e *Kallias ou Sobre a Beleza* (1847).

Sinta-se convidado à audição do 364º Domingo Sinfônico, deste dia 10, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição vamos conhecer o padre, compositor e violinista italiano Antônio Lúcio Vivaldi (1678-1741). Apresentou contrastes harmônicos em suas melodias, que tinha finalidade construir uma unicidade entre Deus, o Cosmos e a natureza humana. Suas peças são estudadas e aplicadas nos processos terapêuticos.

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Oscar: uma locomotiva que está saindo dos trilhos...

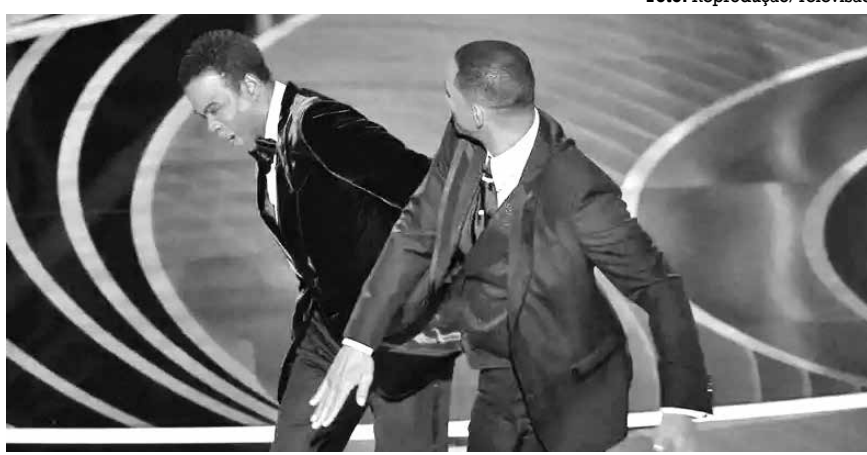
E o Oscar de Melhor Ator deste ano vai para... o melhor tapa na cara!

Não é de hoje, pelo menos para os da minha geração (ou próximos dela), que se tem notado uma redução do *grand débit* hollywoodiano de influência cinematográfica, não só nos EUA, mas no mundo todo. Aquela sublimação da *movie art*, reforçada anteriormente, ainda mais pelo glamour da cerimônia e de suas estrelas no famigerado “tapete vermelho”, a rigor, já não existe com o brilho de outrora, tudo trocado por grotescos espetáculos.

Na semana passada, pelo WhatsApp, com um parceiro de **A União**, André Cananéa, ponderamos sobre a real originalidade do cinema. E hoje, diante de tantas esquisitices no Oscar, até usamos o termo “puro” para adjetivar aquilo que gostaríamos que fosse realmente uma obra da Sétima Arte. Mesmo por que, nos últimos anos a festa hollywoodiana só tem servido de palco para muitas bizarrices, como “tapas e beijos” fora do script; fora do real contexto.

Não obstante tais fatos, o que mais nos interessam são os produtos que fazem a existência dessa espetacular, quase secular, vitrine cinematográfica mundial. São as obras que dão acuidade ao certame, esse que nos parece hoje muito diferente, em razão das seleções e premiações realizadas.

Um exemplo: Se verificarmos no plano da atuação (Melhor Ator), há de se observar que a escolha de Will Smith (*King Richard: Criando Campeões*) – independente daquele seu tapa na cara do então apresentador Chris Rock, desavença que parece ter raízes



Smith agride Rock: bravata indevida e que só ofuscou o brilho do Oscar de 2022

mais profundas –, em verdade acreditado não ter sido justa. Isso, em razão da notável atuação de um outro ator, até bem cotado pela mídia, Benedict Cumberbatch vivendo o protagonismo de *Ataque dos Cães*, obra realizada por Jane Campion, inclusive premiada com a Melhor Direção. Um filme interessante, embora de narrativa arastada, cansativa e com mais de duas horas de duração. O que nos confirma ser algo inadequado aos dias de hoje, viciado que está o nosso espectador às sinopses dinâmicas, uma prática imposta como concisão nas historietas pelos *media systems*.

Com referência às demais categorias e premiações, observo que existem algumas obras que mereciam mais atenção. A exemplo *Belfast*, laureado com um Oscar por seu Roteiro Original. Até aí, tudo bem! Contudo, é um filme que carecia de olhares mais cuidadosos, não só sobre sua boa temática, mas pela forma como tratou (cinematograficamente) os conflitos na Irlanda do Norte. Mas parece que lhe faltou a coloração

de um típico arco-íris hollywoodiano, matizes que sempre encantaram a Academia de Cinema. O que não aconteceu antes com o filme *Roma*, uma produção mexicana, também em preto e branco, mas que, em 2019, conseguiu levar três estatuetas, de Melhor Direção, Filme Estrangeiro e Melhor fotografia.

A propósito, lembraria agora do aforismo “canônicos” usado pelo nosso crítico João Batista de Brito titulado um de seus artigos para o *Correio das Artes*, havia alguns anos. Ao resgatar os verdadeiros ícones do cinema (e não apenas do Tio Sam), na abertura do seu texto, o amigo Batista perguntava ao leitor: “Quais os melhores filmes do mundo?” Depois, como sério guardião que é das “coisas de cinema”, num registro de causar inveja em muitos, mostrava dezenas e centenas deles e seus diretores, e figuras como Chaplin, De Sica, Fellini, Welles, Truffaut, Kubrik, Ford, tantos e tantos outros... – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC e FCJA: apoio em restaurações

O vice-presidente da Academia Paraibana de Cinema, professor João de Lima (conforme declarações da professora Lúcia Guerra da Fundação Casa de José Américo) disse que, em breve, o acervo audiovisual sobre o ex-governador Tarcísio Burity será disponibilizado para consultas dos pesquisadores, via internet. Trata-se da primeira fase do processo de digitalização de 46 horas de imagens e sons, que estavam na reserva técnica do órgão em suporte analógico.

O procedimento é resultado de uma conexão de esforços entre FCJA, que sedia Academia Paraibana de Cinema (que faz parte do processo), o Instituto Federal da Paraíba e o Nudoc da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

EM cartaz

ESTREIA

SONIC 2 - O FILME (EUA. Dir: Jeff Fowler. Comédia. Livre). Após conseguir se estabelecer em Green Hills, Sonic está pronto para mais liberdade e quer provar que tem o necessário para ser um herói de verdade. Seu teste virá quando Tom e Maddie concordam em deixá-lo em casa enquanto saem de férias, o que coincide com o retorno do Dr. Robotnik, dessa vez com um novo parceiro, Knuckles, à procura de uma esmeralda com o poder de destruir civilizações. Sonic se une a um novo companheiro, Tails, e juntos eles embarcam em uma jornada para encontrar a esmeralda antes que ela caia nas mãos erradas. **CENTERPLEX MAG 3** (dub.): 14h - 19h; **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 16h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 12h30 (sáb. e dom.) - 15h - 17h45 - 20h30 (exceto qua.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 7**: 13h20 (dub.) - 16h (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 14h - 16h45 - 19h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 14h20 (exceto seg. e qua.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 14h45 (exceto seg. e ter.) - 17h30 (exceto seg. e ter.) - 20h (exceto seg., ter. e qua.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 13h20 - 16h - 18h45 - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 14h20 - 16h40; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 15h20 - 17h40 - 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 15h20 - 17h40 - 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 14h20 - 16h40.

CONTINUAÇÃO

ALEMÃO 2 (Brasil. Dir: José Eduardo Belmonte. Policial. 16 anos). A comunidade do Alemão no Rio de Janeiro é conhecida pela

sua alta taxa de criminalidade. Mais uma vez, uma equipe enfrenta o tráfico de drogas para tentar realizar as missões necessárias dentro do complexo. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8**: 22h10 (exceto qua.).

BATMAN (The Batman). EUA. Dir: Matt Reeves. Aventura. 14 anos. Dois anos vigiando as ruas como o Batman (Robert Pattinson), causando medo nos corações dos criminosos, acabou levando Bruce Wayne às sombras da cidade de Gotham. Quando um assassino tem como alvo a elite de Gotham, apresentando uma série de máquinas sádicas, uma trilha de pistas enigmáticas coloca o Maior Detetive do Mundo em uma investigação sobre o submundo, onde ele encontra personagens como Selina Kyle, também conhecida como Mulher-Gato (Zoë Kravitz), Oswald Cobblepot, o Pinguim (Colin Farrell) e Edward Nashton, também conhecido como Charada (Paul Dano). **CINÉPOLIS MANAÍRA 3**: 14h15 (dub.) - 18h (leg., exceto qua.) - 21h45 (leg., exceto qua.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 17h15 (exceto sáb. e seg.) - 21h (exceto sáb. e seg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 19h; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 19h.

OS CARAS MALVADOS (The Bad Guys) Reino Unido. Dir: Pierre Perifel. Animação. Livre. Baseado nas HQs de Aaron Blabey sobre um grupo de animais ladrões e suas travessuras: Sr. Lobo, Srta. Tarântula, Sr. Tubarão, Sr. Piranha e Sr. Cobra. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 12h45 (sáb. e dom.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 13h15 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 15h30 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 15h30 (sáb. e dom.).

EPA! CADÊ NOÉ? 2 (Oops! The Adventure Continues...) EUA. Dir: Sean McCormack e Toby Genkel. Animação. Livre). A arca de Noé segue em mar aberto com Finny, sua melhor amiga Leah e muitos animais a bordo. Depois de muitas trapalhadas, semanas à deriva e já quase sem alimentos, a paz e a harmonia acaba quando um acidente leva os animais menores ao mar, com o último lote de comida. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 12h15 (sáb. e dom.).

MORBIUS (EUA. Dir: Daniel Espinosa. Fantasia. 14 anos). Gravemente adoecido com um raro distúrbio sanguíneo e determinado a salvar outros que sofrem do mesmo destino, o Dr. Morbius (Jared Leto) arrisca tudo numa aposta desesperada. E embora a princípio tudo pareça um sucesso absoluto, surge uma escuridão que se desencadeia dentro dele. O bem superará o mal - ou Morbius sucumbirá aos seus novos e misteriosos desejos? Baseado em personagem da Marvel Comics. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4**: 17h30 (leg.) - 15h15 (dub.) - 20h (dub.) - 22h20 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub.): 14h45 - 17h15 - 19h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 15h45 - 18h15 - 20h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 22h (exceto qua.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 14h30 - 17h - 19h30 - 22h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 17h25 - 19h30; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 20h; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 16h20 - 18h25 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 16h20 - 18h25 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 17h25 - 19h30; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (leg.): 20h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Poemas

Para os leitores da minha coluna, confira abaixo alguns dos poemas extraídos das minhas duas mais recentes coletâneas, publicadas pela Editora Ideia, de João Pessoa.

Futuro

“Minhas mãos não tocarão as paisagens de Paris no ano de 2023.

Nunca mais voltarei àquele moinho de Amsterdã.

Dispensarei o WhatsApp quando o crepúsculo baixar naquela esquina de Londres.

Ninguém me achará na esfera virtual. Todos os dígitos estarão aniquilados.

O mundo que passou caberá na bolsa ou no coração.

Serei o último habitante da cidade deletada.”

(Do livro *...e nada aconteceu comigo*, 2022, Editora Ideia)

Sincis

“Tempo nublado. Outras chuvas virão. Durante a noite alguém se afoga pela milésima vez. O ar está pesado. O mistério se esconde sob o sol de verão. O mar é um pântano. Os barcos se vão para os cascos da morte. Quem disse que o homem está salvo? Quem disse que Deus dorme na praia? Quem disse que a poesia respira a areia e a espuma? Tempos nublados. O poema apenas espreita o Apocalipse.”

Declaração

“Declaro, para os devidos fins que a terra é oca, que Deus é uma hipótese vazia, um cálculo cifrado, que para o homem não há salvação.”

(Do livro *De quase nada se faz um poema*, 2022, Editora Ideia)



Capa da antologia ‘...e nada aconteceu comigo’, com mais de 80 poemas com temas variados



Capa da ‘De quase nada se faz um poema’, um poema longo, com 50 textos metapoéticos

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

LANÇAMENTO

Livro resgata a cantora Sylvia Telles

Biografia da intérprete carioca que foi aclamada, mas acabou preterida, levou mais de uma década de pesquisa

Daniilo Casaletti
Agência Estado

Em depoimento para o livro *Para Ouvir Sylvia Telles*, que o músico e pesquisador musical paulista Gabriel Gonzaga acaba de lançar, Maria Bethânia é taxativa: “As Adrianas, Vanessas, Gal... tudo é muito Sylvinha. Grandes mulheres, grandes cantoras”.

A fala de Bethânia atesta a importância da cantora carioca que, ao começar a carreira em uma era ainda pré-bossa nova, trouxe ao lado de músicos, compositores e cantores como Johnny Alf, Tito Madi, Claudette Soares e Doris Monteiro um canto mais *cool* do que os sambas-canção e boleros que fizeram a fama dos artistas da era de ouro e do rádio da música brasileira. Estilo vocal que uma revista à época definiu metaforicamente como “azul”.

A lista é maior ainda. Joyce Moreno, que assina o prefácio do livro, confessa que seu canto tem influência do registro mezzo-soprano de Sylvinha (1934-1966), de quem ela diz guardar o primeiro disco da cantora, Carícia, até hoje em sua coleção de vinis – e o leitor pode fazer sua própria lista, inclusive, com cantoras mais novas.

Resultado de mais de uma década de pesquisa e 56 entrevistas, a biografia escrita por Gonzaga vai a fundo na história da artista – e Sylvinha pode ser chamada assim, pois estudou balé, fez curso de teatro e apresentou comerciais na televisão. Tudo contribuiu para uma doce e simpática desenvoltura no palco. Uma cantora também para ser vista.

“Era, de fato, uma lacuna uma personagem tão querida e importante ainda não ter uma biografia. Sylvinha abriu possibilidades artísticas, so-

bretudo para as mulheres. Incentivou Nara Leão a cantar e levou Elza Soares para gravar pela primeira vez”, diz Gonzaga, que teve acesso a um vasto acervo da família de Sylvinha por intermédio de sua única filha, a também cantora Claudia Telles (1957-2020), com quem ele atuou como músico.

E a família, apesar da resistência do pai, foi importante para os primeiros passos de Sylvinha como cantora. O irmão mais velho, Mário, era amigo de nomes como Garoto, Dolores Duran, Billy Blanco, João Gilberto e João Donato. Todos, de alguma maneira, estenderam a mão a ela.

“Billy, inclusive, queria que ela fosse sua intérprete, mas Sylvinha ainda era muito nova”, lembra Gonzaga.

Em 1954, Sylvia começou a namorar o violonista e estudante de Direito José Cândido, o Candinho, que se tornaria seu marido e pai de sua única filha. Juntos, eles se apresentavam em programas de rádio e nas boates cariocas, como a que ficava dentro do Hotel Plaza.

Quando Candinho decidiu se dedicar de fato à profissão de advogado, Sylvinha encontrou um parceiro que marcaria sua carreira: Tom Jobim. Das 129 canções que gravou, 58 eram do maestro – 15 eram lançamentos, entre eles, ‘Dindi’, ‘Fotografia’, ‘Demais’, ‘Só Em Teus Braços’ e ‘Esquecendo Você’. Juntos, os dois emplacaram seu primeiro grande sucesso, a canção ‘Foi a Noite’.

“Eu diria que a carreira da Sylvinha foi dedicada ao Tom”, conta Gonzaga. A cantora, inclusive, lançou um álbum todo dedicado às canções de Tom, ‘Amor de Gente Moça’, lançado em 1959.

Por ironia, Gonzaga afirma que uma das causas de a canto-

ra, que morreu em 1966, vítima de um acidente automobilístico, ser tão pouco lembrada nos dias de hoje é o fato de seu repertório ser formado por esses grandes clássicos de Tom: “Os grandes sucessos de Sylvinha são músicas que hoje têm centenas de gravações. O repertório não é dela, é do mundo. Nesse acúmulo de informações, ela foi preterida”.

Gonzaga mesmo teve dificuldade para publicar o livro. Mandou o original para mais de 30 editoras e nenhuma se interessou. A que decidiu lançá-lo, enfrentou problemas na distribuição, parcialmente resolvidos.

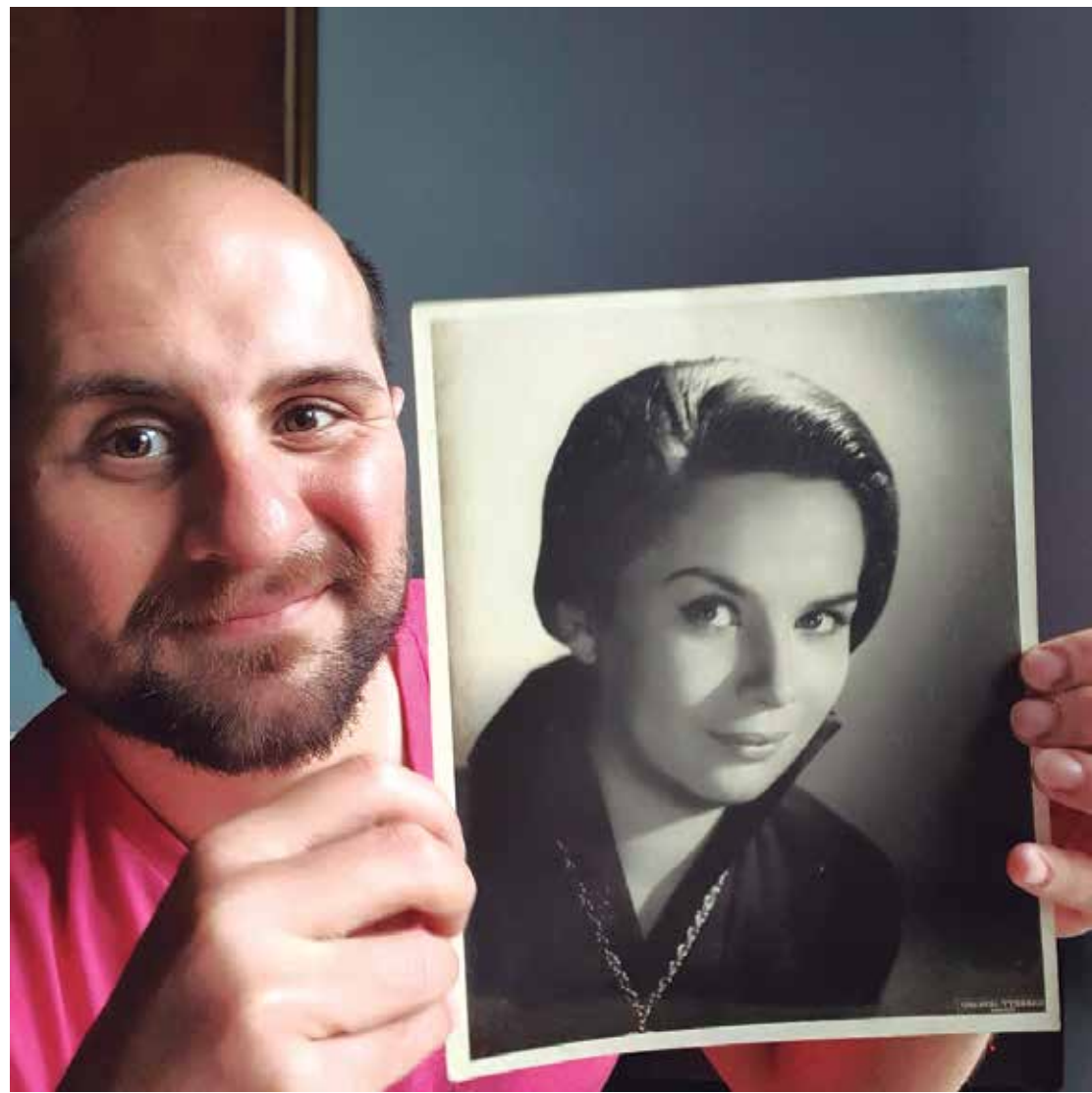
Em suas redes sociais, Gonzaga apresenta áudios raros de sua biografada. Um deles é o show da Escola Naval (1959), um dos marcos iniciais da bossa nova, no qual Sylvinha, já uma veterana, foi convidada para dar uma força aos jovens principiantes da turma do banquinho e violão.

Namoro com João Gilberto

Sylvinha tinha 16 anos e João Gilberto 20 quando namoraram. O romance durou dois anos e chegou ao fim quando o pai e o irmão da menina ficaram incomodados com o então integrante do conjunto Garotos da Lua que não conseguia se firmar na carreira de músico.

O rompimento inspirou João a escrever o poema *Você Esteve com Meu Bem?*, que posteriormente virou uma canção, lançada pela cantora Marisa Gata Mansa. Sylvinha e João se encontrariam na gravação do LP *Silvia*, de 1958, ainda sem a marcante batida da bossa nova.

“A influência musical foi recíproca. João disse em seu depoimento para o livro que, em uma hora incerta de sua vida, Sylvinha foi uma impor-



Músico e pesquisador musical paulista Gabriel Gonzaga (acima), autor de ‘Para Ouvir Sylvia Telles’

tante incentivadora de sua maneira de cantar e tocar violão. Ela, por sua vez, começou a se dedicar mais à música. Ficava horas tocando piano em casa”, recorda Gabriel Gonzaga.

O biógrafo não entrevistou João, sempre recluso, pessoalmente. Um amigo em comum levou as perguntas até o músico baiano e recolheu suas respostas. “O depoimento do João foi importantíssimo, pois amarrava várias pontas. Ele foi muito preciso, inclusive em datas”, explicou Gonzaga.

João morreu em 6 de julho de 2019, uma semana após essa entrevista – o que torna sua declaração ao livro, provavelmente, a última que deu em vida.

Imagem: Divulgação



OBRA

Drummond volta em busca do público mais jovem

Ubiratan Brasil
Agência Estado

Quando lançou seu primeiro livro, *Alguma Poesia* (1930), Carlos Drummond de Andrade estava com 28 anos e, apesar de tímido e inexperiente, já compunha, naqueles anos de formação, “versos incomuns, de construção habilidosa, imantados pela inquietude estética e, a um só tempo, existencial que definiria sua poética mais madura”, no entender do também poeta e crítico Eucanaã Ferraz.

Pois é justamente com *Alguma Poesia* e outros três títulos definidores da trajetória drummondiana (*Sentimento do Mundo*, *Claro Enigma* e *Antologia Poética*) que a editora Record lança, neste mês de abril, uma nova edição da obra do poeta – desde outubro passado, a casa editorial reconquistou os direitos que estavam com a Companhia das Letras desde 2011.

“A escolha desses títulos revela nosso principal objetivo: apresentar a obra de Drummond para novos públicos, especialmente os mais jovens”, comenta o escritor

Rodrigo Lacerda, também diretor executivo da Record. “Percorremos assim um período que vai desde o primeiro livro, que é seu cartão de visitas, até o grande balanço que ele mesmo fez de seu trabalho, em *Antologia Poética*, de 1962”.

De fato, já em sua estreia, Drummond revelou seu talento em versos que logo se eternizariam, como os do *Poema das Sete Faces* (“Quan-

Foto: Arquivo/Estádio Conteúdo



Drummond revelou seu talento já no seu livro de estreia

do nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida”). E também no bem-humorado *Quadri-lha* (“João amava Tereza que amava Raimundo”), parafraseado anos depois por Chico Buarque.

O trabalho de reedição de toda a obra envolveu cuidados especiais – como utilizar a mesma tipografia no nome Drummond em todas as capas, como uma espécie de logomarca. “Cada volume vai trazer uma cronologia da época de seu lançamento, revelando o que acontecia no mundo três anos antes e três depois da data da primeira edição”, comenta Lacerda. “Assim, será possível identificar como Drummond refletia, em sua obra, o que ocorria ao redor”.

Lacerda lembra ainda que os livros terão um QR Code que vai oferecer ao leitor desde a bibliografia completa até registros de variação que o próprio Drummond promoveu em seus poemas. Detectar essas modificações, aliás, faz parte de um trabalho de fixação que vem sendo reali-

zado por Edmilson Caminha e Alexei Bruno.

Eles buscam deixar cada conteúdo o mais próximo possível daquele imaginado pelo poeta. Uma tarefa de for-

miguinha, em que as primeiras edições da obra servem como base, além de manuscritos cuja consulta foi liberada pela família de Drummond. “Corrigimos várias

diferenças”, conta Caminha que, na busca incessante pela fidedignidade, já usou uma lupa para descobrir se o sinal original era uma vírgula ou um ponto.

MINISTÉRIO DO TURISMO E BRADESCO SEGUROS APRESENTAM
CLAUDIA RAIA JARBAS HOMEM DE MELLO
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL GUILHERME TERRA

CONCERTO PARA DOIS O MUSICAL

30 de abril
Teatro Pedra do Reino
Horário: 21h (sábado)
Informações: 2106-6504
Vendas: lojas Skyler (shoppings Manaira e Tambia) www.ingresso.digital.com

1999 ANNA TOLEDO | 2002 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE | 2004 ANNA TOLEDO
2005 JARBAS HOMEM DE MELLO | 2006 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
2007 ANNA TOLEDO | 2008 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE | 2009 ANNA TOLEDO

APÓIO CULTURAL LOCAL
35
VILA
nord
BRASIL
INGRESSO Digital



Foto: José Cruz/Agência Brasil

A data das eleições deste ano, de acordo com a Justiça Eleitoral, está marcada para o próximo dia 2 de outubro e o eventual segundo turno, para presidente e governadores, prevê votação no dia 30 de outubro

CALENDÁRIO ELEITORAL

Legislação garante a igualdade

Regras formatadas pela Justiça Eleitoral garantem disputa igualitária e estabelece data para cada fase do processo

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A cada dois anos os brasileiros vão às urnas para escolher seus representantes, geralmente entre os meses de outubro e novembro. Mas o que nem todos sabem é que esse processo tem início bem antes, ainda no começo do ano eleitoral. Os candidatos precisam cumprir leis que garantem a igualdade de oportunidade entre eles, a exemplo da propaganda eleitoral, filiação aos partidos, federações partidárias, entre outras atividades que precisam ser

realizadas dentro do prazo que a Justiça Eleitoral estabelece.

O calendário eleitoral é a forma de garantir essa igualdade. É onde se estabelece uma data para cada fase do processo. A data das eleições deste ano está marcada para o próximo dia 2 de outubro e o eventual segundo turno para o dia 30 de outubro.

Mas alguns prazos já começaram a valer desde o dia 1º de janeiro, como a obrigatoriedade de registro de pesquisas eleitorais, a limitação de despesas com publicidade dos órgãos pú-

blicos federais, estaduais ou municipais e a proibição da distribuição gratuita de bens, valores ou benefícios a cidadãos por parte da administração pública. A exceção é apenas em casos de estado de calamidade ou emergência pública e programas sociais que já estavam em andamento.

Aprovada pelo plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a Resolução 23.674/2021 disciplina o calendário eleitoral de 2022 com as principais datas a serem observadas pelos partidos e candidatos.

A janela partidária, por

Regras

Alguns prazos já começaram a valer desde o último dia 1º, como as regras para as pesquisas

exemplo, foi o primeiro prazo a expirar do calendário eleitoral. O período entre 3 de março e 1º de abril foi

aproveitado por deputados federais, estaduais e distritais para trocar de partido e concorrer às eleições sem perder o mandato. Ela abre por 30 dias em cada ciclo eleitoral e permite a mudança de legenda sem que isso implique infidelidade partidária e consequente perda de mandato.

Na Paraíba, a janela foi bem aproveitada e ocorreram mudanças significativas, principalmente na Assembleia Legislativa (ALPB). Dos 35 deputados, 24 mudaram de legenda, o que corresponde a cerca de 65% da Casa. Já na Câmara

Federal, dos doze deputados, apenas três aproveitaram a janela para mudar de partido.

A janela foi regulamentada e inserida no calendário eleitoral na reforma de 2015. Sua criação permite a reacomodação das forças partidárias antes do teste nas urnas, de acordo com as conveniências políticas do momento. As movimentações servem como termômetro das candidaturas, orientando qual a leitura que cada parlamentar faz do panorama eleitoral e das pesquisas de intenção de voto.

Data-limite: registro dos estatutos

A data-limite para que todas as legendas e federações partidárias obtenham o registro dos estatutos no TSE também expirou no início do mês de abril. O último dia 2 deste mês, seis meses antes do pleito, foi o prazo final para que todos os candidatos tenham domicílio eleitoral na circunscrição em que desejam disputar as eleições e estejam com a filiação deferida pela

agremiação pela qual pretende concorrer. Presidente da República, governadores de estado e prefeitos

■ Governadores e prefeitos que irão disputar outros cargos renunciaram

que pretendiam concorrer a outros cargos em 2022, tiveram até esta data para renunciar aos respectivos mandatos.

Além disso, começou no último dia 5 de abril o período de 180 dias em que fica vedado aos agentes públicos realizar reajuste de servidores públicos que excedam a recomposição da perda de poder aquisitivo ao longo do ano da eleição.

Transferência dos títulos de eleitor

De acordo com o calendário eleitoral, falta menos de um mês para a população emitir, transferir ou fazer qualquer tipo de modificação no título de eleitor. A data de 4 de maio, 151 dias antes do pleito, é o último dia para que jovens que desejam votar pela primeira vez, pessoas que desejam regularizar ou transferir o título de eleitor e travestis ou transexuais que desejam

usar o nome social no documento, podem solicitar esses serviços junto à Justiça Eleitoral.

Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral, a quantidade de jovens que decidiram emitir o título de eleitor pela primeira vez na Paraíba diminuiu, em comparação com as últimas eleições. Para o pleito de 2022, apenas 19 mil jovens entre 15 e 18 anos

pretendem votar. O número não chega à metade do que foi registrado em 2020, que teve cerca de 50,8 mil alistamentos.

Já pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida que queiram votar em outra seção ou local de votação da sua circunscrição têm entre os dias 18 de julho e 18 de agosto de 2022 para informar a Justiça Eleitoral.

Foto: Marri Nogueira/Agência Senado



Em 11 de julho, TSE publicará o número de eleitores aptos a votar

Financiamento coletivo e Fundo de Campanha

Em 15 de maio, pré-candidatos poderão iniciar a campanha de arrecadação prévia de recursos na modalidade de financiamento coletivo, desde que não façam pedidos de voto e obedeçam às demais regras relativas à propaganda eleitoral na internet.

Já o dia 1º de junho é o prazo final para que os partidos comuniquem ao TSE a renúncia ao Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC). O dia 16 deste mês é o último dia para divulgação do montante do recurso disponível.

Além disso, a partir do dia 30 de junho passa a ser vedada a emissoras de rádio e de televisão a transmissão

de programa apresentado ou comentado por qualquer pré-candidato.

Em 11 de julho, o Tribunal Superior Eleitoral publicará, na internet, o número oficial de eleitores aptos a votar. Esse número servirá de base para fins de cálculo do limite de gastos dos partidos e candidatos nas respectivas campanhas. Entre 5 de julho e 3 de agosto, juizes eleitorais nomearão eleitores que farão parte das mesas receptoras de votos e de justificativas. Também serão escolhidas as pessoas que darão apoio logístico nos locais de votação.

Entre 20 de julho e 5 de agosto, conforme o calendário eleitoral, é permitida a realização de convenções

partidárias para deliberar sobre coligações e escolher os candidatos à Presidência da República e aos governos de estado, assim como aos cargos de deputado federal, estadual e distrital. Legendas, federações e coligações têm até 15 de agosto para solicitar o registro de candidatura dos escolhidos. Todos os pedidos de registro aos cargos de presidente e vice-presidente devem ser julgados pelo TSE até 12 de setembro.

Propaganda eleitoral

A realização de míncios, distribuição de material gráfico, caminhadas ou propagandas na internet passa a ser permitida a partir do dia 16 de agosto. É papel do

Ministério Público Eleitoral (MPE) fiscalizar se os candidatos estão cumprindo o que é estabelecido pelo calendário.

O MPE não tem sede nem estrutura próprias. Ele é composto por integrantes do Ministério Público Federal (MPF) e dos Ministérios Públicos dos Estados. Cabe aos procuradores e promotores eleitorais atuar, de forma imparcial, para prevenir e também para coibir abusos, como irregularidades na propaganda eleitoral, uso indevido de recursos de campanha e até crimes, como a compra de votos, entre outros atos que podem comprometer o equilíbrio da disputa.

COMBATE À VIOLÊNCIA

Especialistas destacam leis contra feminicídio

Profissionais defendem mais verbas para combater crimes contra as mulheres

Agência Câmara

Especialistas elogiaram as novas leis aprovadas pelos parlamentares para combater a violência contra a mulher, mas defenderam a destinação de mais recursos para esse fim, além da mudança na cultura das organizações de segurança pública e de justiça.

Em audiência pública esta semana na Comissão Externa de Combate à Violência Doméstica contra a Mulher da Câmara dos Deputados, uma das elogiadas foi a Lei 14.316/22, que destina, a partir de 2023, no mínimo 5% das verbas do Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP) para ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

Coordenadora da comissão, a deputada Tabata Amaral (PSB-SP) acredita que a nova lei pode ajudar na garantia de recursos. “Nos anos em que algum recurso do Fundo foi destinado para políticas voltada para as mulheres não se chegou a 1%, e na maioria dos anos não houve um centavo direcionado para essas políticas”, disse.

Recursos na ponta

A parlamentar informou que a comissão externa realizou, no dia 4 de abril, visita à Casa da Mulher Brasileira em São Paulo e uma das conclusões é de que são necessários mais recursos na ponta para a implementação das leis de combate à violência contra a mulher. Porém, ao contrário, tem havido queda abrupta dos recursos.

“O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos destinou apenas R\$ 43,28 milhões para políticas

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Brasileira, em 2021 uma mulher foi assassinada a cada 7 horas no país

para as mulheres em 2022. Este foi o menor valor de toda a gestão Bolsonaro. Em 2019, foram quase R\$ 72 milhões; em 2020, R\$ 132 milhões; em 2021, R\$ 61 milhões”, apontou.

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Brasileira, em 2021 uma mulher foi assassinada a cada 7 horas no país. O Brasil é o quinto país com maior número de feminicídios no mundo. Os estados com as maiores taxas são Tocantins, Acre, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Piauí, e as mulheres negras são as mais afetadas.

Efetividade para as leis

Na avaliação da presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB),

Renata Gil, além da Lei 14.316/22, outro aperfeiçoamento importante feito na legislação foi a criminalização da violência psicológica (Lei 14.188/21), que é o primeiro degrau para a violência física e para o feminicídio. Conforme a juíza, o Brasil agora tem leis potentes para combater a violência contra a mulher, mas ainda faltam recursos para conferir efetividade para essas leis.

“A gente tem um gap [lacuna] entre a lei brasileira, que é muito boa, e o aparato do sistema jurídico. A gente tem verbas de violência doméstica em todo o território nacional, a violência doméstica é a quarta maior causa de acionamento da Justiça (en-

Foto: Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Tabata Amaral acredita que a Lei 14.316/22 pode ajudar na garantia de recursos

tão as pessoas estão recorrendo à Justiça, estão obtendo medidas protetivas), mas as mulheres continuam morrendo”, afirmou.

Renata Gil defende ainda salas especiais nas delegacias e policiais preparados para o atendimento das vítimas.

Quinto

O Brasil é hoje o quinto país com o maior número de feminicídios no mundo

“É preciso superar a cultura organizacional”

Para a delegada de Polícia Civil e superintendente de Gestão de Riscos da Secretaria de Segurança Pública do Piauí, Eugenia Nogueira do Rego, é preciso superar a cultura organizacional patriarcal na área de segurança pública e de justiça. “Nossas leis são muito boas? São. Mas nós aplicamos corretamente nossas leis? Essa é a questão. A questão é mudar a cultura organizacional, mudar quem está aplicando e quem está projetando políticas organizacionais”, disse.

A delegada destacou que hoje a segurança brasileira é comandada por homens. “Por exemplo: as polícias são chefiadas basicamente por homens, que não entendem as necessidades das mulheres”, observou. Além disso, ela acredita que o debate sobre violência contra a mulher deve ser ampliado para escolas e igrejas, como forma de vencer o silêncio relativo às violências sofridas pelas mulheres antes da ocorrência de feminicídios.

Ouvidora Nacional da Mulher e membro do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Tania Reckziegel também defende mais mulheres à fren-

te de delegacias e das organizações de justiça. Para ela, as mulheres em geral focam mais nas políticas para combater a violência doméstica.

Entre as iniciativas do CNJ sobre o tema, ela citou a criação da Ouvidoria Nacional da Mulher, que tem o objetivo informar a vítima sobre seus direitos. A ideia é inaugurar ouvidorias da mulher no Poder Judiciário de todo o Brasil. Outra iniciativa do CNJ é a recomendação, para juízes, do “protocolo para julgamento com perspectiva de gênero”. O documento visa a adoção da imparcialidade no julgamento desses casos, evitando avaliações baseadas em estereótipos e preconceitos.

Formação profissional

Coordenador-geral de Políticas de Prevenção à Violência e a Criminalidade do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Marcos de Araújo salientou que é preciso incentivar que as mulheres denunciem a violência e confiem no aparato estatal. Ele citou dados do Fórum de Segurança Pública mostrando que 52% das mulheres que sofreram violência em 2019 não registraram boletim de ocor-

rência. Segundo ele, muitas vezes a mulher que não procurou ajuda se torna vítima de feminicídio.

Entre as ações do ministério, ele citou a formação continuada para capacitar profissionais de segurança pública para lidar com essa pauta, realizada em alguns estados e que deve acontecer no restante do país. O ministério também lançou em 2020 o Protocolo Nacional de Investigação e Perícias nos Crimes de Feminicídio. Além disso, o órgão publicou edital no dia 8 de março disponibilizando R\$ 10 milhões para financiar projetos que visem à prevenção da violência contra mulheres, crianças e idosos.

Recomendações

Representante do Banco Mundial, a advogada especialista em gênero Paula Tavares expôs algumas recomendações da organização que incluem, além da garantia de recursos, a promoção de campanhas de informação e conscientização; o enfoque na prevenção; a utilização de soluções tecnológicas para garantir o acesso a serviços de justiça e segurança; e a coleta e dis-

ponibilização de mais dados sobre o tema.

A deputada Tabata Amaral ressaltou ainda que o combate à violência necessita de uma abordagem multidisciplinar, englobando atendimento jurídico, assistência social e acompanhamento psicológico. “Quando a mulher ingressa na Casa da Mulher Brasileira, ela primeiro passa por um acompanhamento psicológico, para que ela entenda a situação pela qual está passando, se fortaleça para fazer a denúncia, se esta for a sua opção, e para que possa se tranquilizar, se sentir acolhida, protegida e conhecedora dos seus direitos”, avaliou.

A delegada Eugenia Nogueira do Rego destacou que hoje a segurança brasileira é comandada por homens.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Os livros e eu

Lucas Arroxelas tem vinte e cinco anos. Poeta de João Pessoa, faz História na UFPB e escreve crônicas. Em uma delas, confessa que se sentiu perdido quando sentou para escrever e seus livros não estavam ali. Viajou para outra cidade, deixou sua biblioteca e teve problemas de concentração. Sem as estantes com seus livros, o jovem cronista experimentou a solidão. “Os livros são a casa da pessoa. Longe, só sobra a saudade e a incompletude, a certeza de que não se é sem eles. Sigo com o sentimento de exílio, na esperança contínua de regressar a eles, aos meus livros e, consequentemente, a mim”.

Sou consciente de que contribuí muito para aumentar o rombo da Previdência. Aposentado há mais de vinte anos, dedico meus dias ociosos a ler, colecionar, restaurar, publicar e distribuir livros. Os que considero mais interessantes e de referência, guardo em estante especial. São poucos, cerca de 200 exemplares. Em outras quatro estantes, conservo os demais do meu acervo, classificados como “filosofia e psicologia”, “ciências sociais”, “teatro”, “poesia”, “literatura paraibana”, “literatura brasileira”, “literatura internacional” e “história”. Todos disponíveis para rodízio. Meus livros são drogas para várias mazelas. Alguns, tipo Stanislaw Ponte Preta, Millor Fernandes e Woody Allen, servem como xarope contra mau humor. Levantam o astral e, de quebra, oferecem conteúdo reciclado para meu programa “Rádio Barata no Ar”. Para acidez produzida por esses dias bizarros em que se vive, a beberagem é Paulo Freire, Steven Levitsky e, mais recentemente, “O crepúsculo da democracia: como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política”, de Anne Applebaum e “A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro”, escrito por Bruno Paes Manso. Poções que incomodam, desarmam nossa zona de conforto, porque contêm altas doses de emoção e empatia, tipo cápsulas sintéticas da poesia de Lau Siqueira. Essas e outras mezinhas que recomendo usar várias vezes ao dia, sem contraindicações, a não ser leve perigo de dependência, como bem confidenciou nosso cronista Lucas Arroxelas.

Fui obrigado a me esconder do coronavírus na aba da serra da Borborema, e cá estou há mais de dois anos. Não pude trazer todos os meus livros. Mesmo com poucos exemplares, continuei levando essas obras para conhecer pessoas, novos leitores, como esboço mal resolvido de um sonho: despertar nos indivíduos o gosto pela leitura. Já tenho estantes de troca de livros em Mari, Solânea e Bananeiras. São raras as visitas aos livros. A culpa é da internet, diriam alguns. Os amantes da literatura escasseiam cada dia. Raros os casos do Lucas Arroxelas. Além de leitor, escritor. As novas gerações formam seu universo intelectual na internet, em meio a uma expressividade confusa, muitas vezes inconveniente e carente de ideias robustas. Penso nesses jovens e sua solidão cibernética. Falta argumentação e paciência para lidar com esses garotos e garotas e seus celulares. As raras visitas que recebo aqui nunca vistoriam meus livros. Passam pelas estantes com apatia, insensíveis e frios. Geralmente mexendo nos seus celulares.

Tenho uma estimada amiga que pratica o amável procedimento de mandar diariamente o relatório de suas leituras. Fiéis aos nossos propósitos de compartilhar nossas impressões de leitura, sem nenhum views, fora das redes sociais, formamos assim uma espécie de clube de leitores composto por duas pessoas. A partir do solitário ato de ler, vem a reconhecença e a partilha de gostos comuns. Leitura uma pessoas, faz amigos, promove troca de experiências e muda olhares.

A leitura da crônica de Lucas Arroxelas sobre o desprovisionamento livresco evocou minha própria instabilidade por privação literária. Sua crise de abstinência dos livros assemelha-se às circunstâncias em volta deste velho escriba, meio sem inspiração por esses tempos nebulosos e sentindo falta dos velhos parceiros para fins estéticos, os livros. Chama-se carência afetiva literária, uma dependência estranha porque você sente que precisa de ter livros à disposição para ser pleno e suprir seu completo alheamento social. Prefiro o sossego e a serenidade dos livros.

Concluo citando o indiano Rabindranath Tagore (1861-1941), poeta, romancista e prêmio Nobel de Literatura (1913): “Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora”.

Colunista colaborador

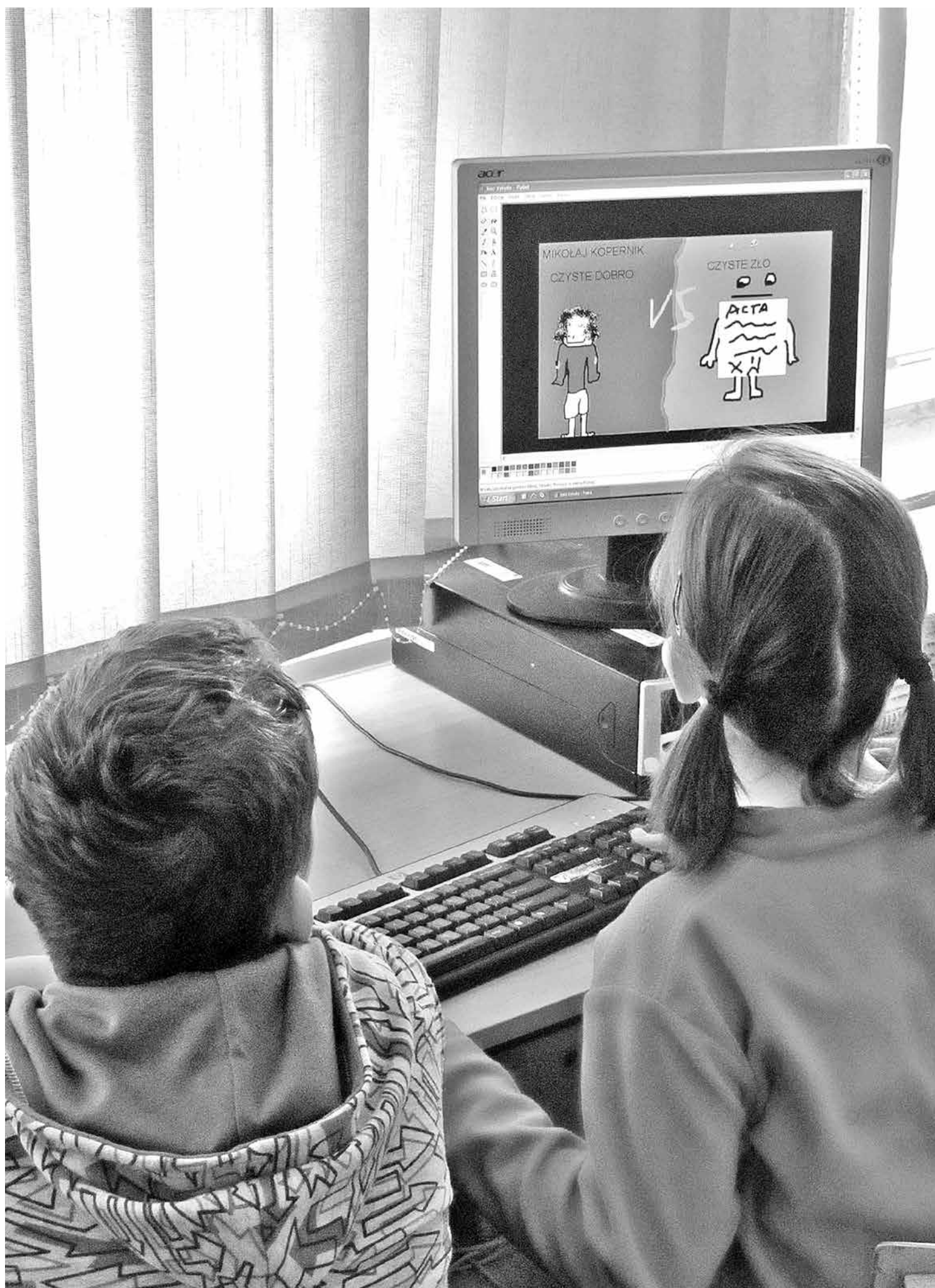
Ludimila Honorato
Agência Estado

TECNOLOGIA E PROGRAMAÇÃO

Pequenos aprendizes

Empresas focam em crianças e adolescentes e crescem em meio à demanda por profissionais de tecnologia no mercado de trabalho

Foto: Divulgação



O mercado é disputado por empreendimentos como MadCode, Futura Code, SuperGeeks e Código Kid, que miram alunos entre 5 e 17 anos

Negócios incluem parcerias com escolas

A Happy Code nasceu há seis anos e, com o passar do tempo, outras demandas surgiram, e a companhia virou um hub educacional com novas propostas de ensino, atuando no Brasil com 49 unidades próprias e 50 franquias, com 11 mil alunos.

“Durante quatro anos, a ênfase foi no ensino de tecnologia. Depois, a gente começou a entender as necessidades do profissional do futuro e viu a demanda do ensino de educação financeira e oratória”, explica William Matos, sócio e CEO da empresa que engloba a Happy Money e a Happy Speech, lançadas no ano passado. As novas ramificações do negócio devem potencializar os resultados: o faturamento foi de R\$ 11,5 milhões em 2021 e a projeção é de R\$ 17 milhões para este ano. A empresa conta, ainda, com 20 operações em Portugal, dez na Espanha e planeja investir mais de R\$ 7 milhões

até 2024 na unidade conceito, inaugurada recentemente em Maringá (PR).

“Tivemos crescimento exponencial nos primeiros anos, de uma unidade-piloto para 110. Na pandemia, houve retração e foi o momento de repaginar a empresa. Estruturamos o novo modelo, investimos em tecnologias e trouxemos os novos produtos”, diz Matos.

Tanto a Happy Code quanto a SuperGeeks incrementam o negócio por meio de parcerias com escolas regulares. Ainda que represente pouco no faturamento, o modelo ajuda na visibilidade e expande as oportunidades para quem quer aprender, como parte da grade curricular ou extracurricular.

On-line

Lançada há oito meses no Brasil, a edtech indiana Byju’s já se mostrou promissora na concorrência pelo ensino de

programação e música. São 8 mil alunos em todo o país com expectativa de ultrapassar os 20 mil neste ano. Fernando Prado, diretor-geral da operação brasileira, diz que a adesão foi “surpreendentemente positiva”. “Até o fato de os alunos estarem acostumados com aulas on-line facilitou.”

Fundada na Índia em 2011, a startup também expandiu para países como Inglaterra e México ao atender um público de 6 a 15 anos. As aulas são 100% on-line e ao vivo, sendo que a maioria é individual, com professora particular que acompanha o aluno por até 144 encontros. Outra modalidade é de grupos de quatro alunos para uma professora.

No Brasil, a Byju’s seguiu com uma política que veio de fora: ter apenas mulheres como professoras. São mais de 650 brasileiras, muitas que atuam em outras empresas.

“Todo aprendizado é feito na prática. Já na primeira aula, o aluno ‘coda’ (programa) um jogo em Java, faz aplicativo. Isso faz com que a criança se envolva muito”, diz Prado.

A empresa atua tanto no modelo B2C (venda direto ao consumidor) quanto no B2B (entre negócios). Neste último caso, escolas de ensino regular podem adquirir o serviço, e a startup busca parcerias com prefeituras e governos.

■ No Brasil, a Byju’s seguiu com uma política que veio de fora: ter apenas mulheres como professoras

LICENÇA PARENTAL FALTA DE CONHECIMENTO BARRA AVANÇO NAS EMPRESAS

Ludimila Honorato
Agência Estado

A ampliação das licenças maternidade e paternidade por meio do programa Empresa Cidadã é oferecida por apenas 12% das cerca de 200 mil companhias elegíveis no Brasil, 12 anos após o benefício ser estendido à iniciativa privada. A baixa adesão é explicada, principalmente, por falta de conhecimento, o que barra discussões mais avançadas sobre licença parental. Pesquisa conduzida pela Family Talks e 4Daddy, divulgada com exclusividade pelo Estadão, mostra que dois terços das 472 participantes do levantamento não aderem ao benefício. Dessas, 37% afirmam que o motivo é não conhecer suficientemente o programa.

A maioria dos que responderam ao questionário é formada por profissionais que atuam com gestão de pessoas ou relações sindicais e pertencem a organizações de médio e grande portes. Uma parcela de 17% desconfia da viabilidade financeira do Empresa Cidadã, e 8% dizem não acreditar que essa seja uma demanda interna. Mas, entre as companhias que possuem a licença ampliada, que vai além das licenças tradicionais de 120 dias para mães e cinco dias para os pais, 69% foram motivadas por pedidos internos e 31%, pela influência da sede internacional.

“A viabilidade financeira é a crítica dos empresários. O governo paga a extensão (da licença), mas não no ato. Para empresas que têm dívidas, é uma barreira”, diz Rodolfo Canônico, fundador da Family Talks e especialista em políticas públicas para a família. Ele destaca que a pesquisa foi respondida por pessoas interessadas no tema e supõe que um levantamento amostral (selecionado), com mais empresas, poderia trazer números mais altos.

Mais informação

Camila Pires, mestre em antropologia e pesquisadora associada à 4Daddy, sugere caminhos para ampliar o conhecimento. “Deveria existir uma divulgação estruturada do governo. A gente entende que, em segundo, as empresas têm papel fundamental nessa instrução da sociedade e de outras empresas. Um terceiro caminho é a pressão social: se a população está instruída, sabe que existe possibilidade de benefícios, esses colaboradores podem fazer maior pressão.”

Oportunidade de emprego

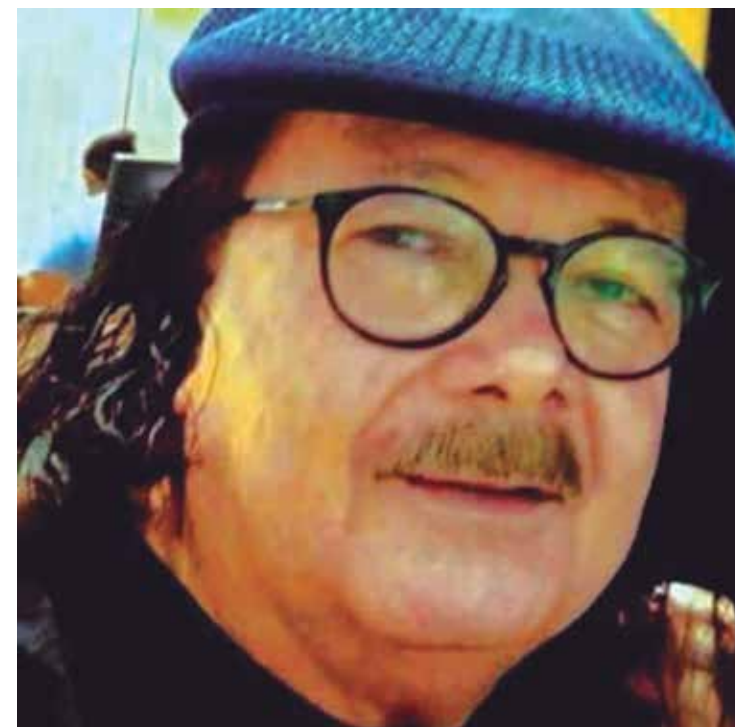
A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



A querida artista plástica Marletti Assis está em “estado de graça”. O motivo? Presenciou e prestigiou a formatura, no curso de Medicina, no Rio Grande do Norte, dos seus netos Rodrigo e Renata Assis, filhos do casal, engenheiro Carlis Trindade Cardoso e da médica Helane Assis Cardoso. Parabéns, amiga!



Valéria Cabral, Ana Carolina Palmeira Catão, Ceres Leão, Socorro Ribeiro, Lêda Almeida, Ana Raphaella Palmeira, Onaldo Mendes, Luby Baltar e Jurandir Maciel são os aniversariantes da semana



Do universo cultural, o prof. Francelino nos traz a informação de que o poeta, cronista e “haikaísta” Saulo Mendonça (foto) foi convidado e prefaciou o novo livro da poetisa mineira Marli F Freitas, “Entre a Terra e o Céu”. Como os poetas entendem melhor os outros poetas, a escolha foi perfeita.



As queridas amigas Antônia Claudino, Auxiliadora Cardoso, Luzenira Sobreira, Rose Costa e Lúcia Padilha, confirmam presença na festa de meu aniversário, que vai acontecer do espaço Red Beach, nesta capital.



Adriana Mattioni (na foto com George Dallameida), empresária que dirige a loja Diva Divina, vai assinar look que vou vestir do meu aniversário de 66 anos.



Em comemoração aos 57 anos de fundação do Rotary Clube de João Pessoa Norte, será realizada uma ação socioambiental, na manhã do dia 24 de abril. O evento será realizado no SESC Cabo Branco e terá a parceria da FEBTUR, da API e da Associação Cultural Brasil Japão, além da participação da psicóloga em análise bioenergética Andréa Valle. Janeide Rodrigues e Alice Fernandes, respectivamente presidente e diretora da comissão do meio ambiente do clube, estão entusiasmadas com a ação que promete ser espetacular.



A Mariage, empresa liderada pela empresária Magda Gambarra e seu marido Joaquim Faria, e especializado em festas e eventos, vai realizar o evento “Noivei, e agora?”, na sede da empresa, no Bairro dos Estados, em João Pessoa.



A jornalista Rosa Aguiar nos informando que os festivais “Cine das Almas” e “Cine Paraíso”, que se encerram neste domingo (9), homenagearam, merecidamente, o grande documentarista paraibano de Itabaiana, Vladimir Carvalho. O I Cine das Almas aconteceu em Itabaiana e o V Cine Paraíso, em Juripiranga.



O Paraíba Restaurant Week, evento gastronômico liderado pela empresária Marina Sá e que está sendo concluído neste domingo (10), terá o Prêmio Cantaloupe divulgado no próximo dia 19, com a participação dos proprietários dos restaurantes, parceiros e imprensa.

IMOBILIÁRIA
PARAÍBA
PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83)
3204-0423
98708-8189
DOUTOR HERNIA

A querida Nely Braga, na foto entre amigas queridas, promoveu, por conta de seu aniversário, um excelente chá da tarde, na cafeteria Santa Clara, no Manaira Shopping.



Selic

Fixado em 16 de março de 2022

11,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

-0,67%
R\$ 4,709

Euro € Comercial

-0,64%
R\$ 5,122

Libra £ Esterlina

-0,94%
R\$ 6,137

Inflação

IPCA do IBGE (em %)
Março 1,62
Fevereiro/2022 1,01
Janeiro/2022 0,54
Dezembro/2021 0,73
Novembro/2021 0,95



MERCADO PARAIBANO

Negócios descobrem a força da economia colaborativa

Sistema é baseado na inovação, na troca e na partilha de bens e serviços

Carol Cassoli
Especial para A União

Em momentos de crise, quando há abalo econômico e a renda da população se enfraquece, grande parte dos empreendedores precisam se reinventar. É neste contexto que modelos de negócios colaborativos se mostram como uma ferramenta de sobrevivência para empresas de todos os tamanhos. Situação que se intensificou na pandemia de Covid-19, inclusive na Paraíba.

A colaboratividade é baseada na inovação, na troca e na divisão, e fomenta o desenvolvimento de um arranjo econômico em rede que é resultado de mudanças impostas pela tecnologia. “A economia colaborativa é uma forma inovadora de gerar riqueza a partir de negócios que utilizam as plataformas digitais com foco nos desejos dos clientes”, define a gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim.

Este arranjo se desenvolve através da união da força de trabalho de diferentes produtores que, visando práticas de consumo menos complexas e mais despreziosas, oferecem a oportunidade de troca de produtos ou serviços na própria rede de empreendedores em que estão inseridos. Desta forma, na economia compartilhada, um colabora com o outro, ou seja, o produtor é também o consumidor, uma experiência que, até então, só era possível em moldes de consumo mais enfáticos e menos sustentáveis.

Entretanto, sem a tecnologia, o desenvolvimento deste modelo econômico não seria possível com tanta eficiência. Isso



Fotos: Otávio Antonio

Coworkings são exemplos de negócios que desafiam o modelo econômico tradicional

acontece porque todos os empreendimentos colaborativos dependem, em alguma medida, desse mecanismo. No ano passado, a pesquisa ‘O comportamento e a relação de consumo on-line do brasileiro durante a pandemia’, do escritório de pesquisas e análise de tendências Mob Inc, apontou que a maior parte dos brasileiros passou a preferir compras on-line depois que a pandemia começou e, agora, esta atitude que era uma tendência, se consolida no mercado nacional.

Consumo

O consumo digital de 97% dos entre-

vistados pela Mob Inc aumentou entre 2020 e 2021 e, para 12,2% das pessoas, 70% de todo o volume de compras feitas durante os períodos mais restritivos da pandemia adveio de marketplaces ou alguns ambientes digitais. Este cenário funcionou como um fertilizante para a economia colaborativa que, mais do que nunca, se desenvolveu através das provocações que o isolamento social e a necessidade de consumo criou na população. De acordo com um levantamento da rede de consultoria e auditoria tributária PwC, até 2025, a economia colaborativa gerará mais de US\$ 300 bilhões em novos negócios.

Coworkings reúnem diferentes serviços

Mesmo oferecendo um serviço físico, André Santana, sócio do escritório compartilhado Clubjob Coworking, depende diretamente das redes sociais para divulgar seu produto (que atende clientes em João Pessoa e Campina Grande).

Parte de uma iniciativa inovadora que, nos últimos anos, tem crescido no Brasil e tornado possível o desenvolvimento de uma nova forma de pensar o trabalho, os coworkings são espaços que desafiam o formato tradicional de escritório e, de maneira compartilhada, buscam unir diferentes salas de atendimento em um único salão. É dessa relação que surge a ideia de *coworking* ou, em português, cotrabalho: um fruto da junção dos termos *cooperating* (que, em inglês, significa cooperação) e *working* (ato de trabalhar).

Menina dos olhos de seu sócio-fundador, o Clubjob é resultado de uma ideia que, no início, era mais despreziosa e estava ligada apenas à prestação de serviços de telecomunicação. “O *coworking* em si começou bem prematuro. A gente viu uma matéria sobre isso e começou a oferecer o serviço sem muita noção de que *coworking* é, na verdade, muito mais do que um monte de sala. É a experiência”, diz. André defende que sala para alugar fica em edifício empresarial, enquanto cabe ao *coworking* o espaço para partilha de ideias, contatos e vivências. Talvez por isso o negócio tenha, nas palavras de seu fundador, ‘engolido’ as telecomunicações e se tornado algo tão promissor.

De acordo com o Censo Coworking, da rede de escritórios compartilhados Coworking Brasil, por ano, este tipo de negócio movimentou R\$ 127 milhões e cresce cerca de 25% em todo o país. Segundo



“O *coworking* em si começou bem prematuro. A gente viu uma matéria sobre isso e começou a oferecer o serviço sem muita noção de que *coworking* é, na verdade, muito mais do que um monte de sala. É a experiência

André Santana

a pesquisa, este avanço acontece principalmente devido às condições que este modelo de negócio oferece a seus clientes. Apenas no Clubjob, por exemplo, os inquilinos têm direito a salas fixas para atendimento de seus clientes, auditórios equipados para palestras e cursos, espaço de convivência (com copa compartilhada para o tradicional cafezinho que gera conexão entre clientes e empresários), controle de correspondências, endereço fiscal e escritório virtual.

Apesar de este modelo de negócio ser um dos mais favoráveis do mercado colaborativo atualmente, isso não significa que, assim como grande parte dos empreendedores, André não tenha enfrentado desafios durante a pandemia. Mesmo sabendo conquistar clientes e mantê-los engajados nas propostas do cotrabalho, a impossibilidade de receber pessoas no espaço físico fez com que ele e seu sócio tivessem que decidir o que era prioridade na rede de *coworkings*.

Dificuldades

André conta que, quando a pandemia começou, a gestão do espaço de Campina Grande ficou difícil, ao mesmo tempo que uma das unidades de João Pessoa passava por uma reforma. Neste momento, os sócios escolheram focar em uma estrutura e decidiram manter apenas o serviço de domicílio fiscal em Campina Grande, reaproveitando parte dos móveis e equipamentos para a unidade da capital. “Foi uma forma de unir o útil ao agradável e ampliar o suporte físico disponível nas divisões que permaneceram ativas”, afirma.

Continua na página 18

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Simpósio reunirá economistas de todo o Brasil em João Pessoa

Grandes nomes da economia brasileira estarão em João Pessoa durante o 27º Simpósio Nacional dos Conselhos de Economia (Since 2022), para discutir soluções para o país. O simpósio é um evento da categoria dos economistas promovido e organizado pelo Conselho Regional de Economia do Estado da Paraíba (Corecon-PB) e pelo Conselho Federal de Economia (Cofecon) e acontecerá entre os dias 2, 3, 4 de novembro de 2022.

Com a edição deste ano, discutiremos como tema central “O papel do sistema Cofecon/Corecon’s, na superação da crise e retomada do desenvolvimento”, temática atual e de grande relevância para os economistas e a sociedade do país.

Por ocasião do Since 2022, na abertura, serão apresentados os vencedores da 23ª edição do Prêmio Brasil de Economia (PBE), com premiações para os primeiros colocados. O objetivo do concurso é fomentar a investigação econômica em geral, estimulando os economistas e estudantes a desenvolverem estudos e pesquisas voltadas para a compreensão da realidade brasileira. O PBE contempla cinco categorias: livros, artigos científicos, teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografia de graduação.

O evento é uma oportunidade impar principalmente para a discussão de questões atinentes ao sistema Cofecon/Corecon’s e de diretrizes voltadas para a formação e aperfeiçoamento dos economistas, mas também para a valorização cada vez maior da profissão no país.

Além disso, espera-se que, com a presença de economistas de todo o Brasil as discussões e palestras acerca do tema central acima citado, questões outras relevantes sejam elucidadas e analisadas, como forma de conscientizar os profissionais de Economia e os governantes acerca dos impactos que a pandemia Covid-19 e a crise econômica têm provocado, sobre a economia brasileira. O economista tem um papel fundamental de contribuir e trabalhar para o fortalecimento da economia brasileira.

O Since 2022 será palco ainda de mais uma edição do Fórum das Mulheres Economistas, para discutir o mercado de trabalho das mulheres e de suas contribuições para a economia nacional.

Ainda como novidade, este ano, o Since trará duas: uma mesa de debate sobre o legado da obra do ilustre economista paraibano Celso Monteiro Furtado e outra para a elaboração de uma agenda de desenvolvimento do Nordeste.

A agenda será construída, a partir de uma articulação conjunta dos economistas do Nordeste, com propostas de ações para segmentos prioritários da economia nordestina, que será apresentada à sociedade brasileira e entregue aos governadores regionais eleitos no pleito deste ano.

Paralelamente a realização do Since 2022, ocorrerá a X Gincana Nacional de Economia, com a finalidade central de propor a compreensão da dinâmica da economia na prática. A gincana oferece aos graduandos em Ciências Econômicas, além de premiações em dinheiro, a oportunidade de entenderem a conjuntura econômica de um país por meio de uma simulação divertida e inteligente. Participarão alunos de diferentes estados e instituições de ensino do curso de economia existentes no país, pré-selecionados nas etapas regionais. A gincana é forma de exercitar os conhecimentos do aluno por meio de um jogo de forma virtual e divertida onde duplas de estudantes competem entre si, respondendo perguntas com um problema econômico que devem solucioná-lo usando conhecimento, estratégia e um pouco de sorte, pois o cenário tem juros altos, inflação e crescimento negativo do PIB.

A escolha de João Pessoa como sede do Since 2022 pode ser vista como uma decisão estrategicamente acertada, principalmente em razão da vocação que a cidade possui em sediar grandes eventos, por sua localização privilegiada na Região Nordeste e pela infraestrutura ampla e moderna que é oferecida aos seus visitantes. Abrigando grandes espaços destinados a eventos corporativos, a capital paraibana também se destaca em setores de grande importância econômica, como turismo, gastronomia, lazer e cultura. João Pessoa está preparada para receber os economistas de todo o Brasil.

A equipe que está preparando o evento tem à frente o presidente do Corecon-PB, Francisco Nunes, e o vice-presidente do Conselho, Celso Manguieira, respectivamente, convocador e organizador do evento.

*Texto escrito com a colaboração do economista Celso Manguieira

COLABORATIVISMO

Variedade e facilidade são atrativos

Consumidores estão preferindo pagar pelo acesso a diversos serviços do que comprar produtos, ou acumular posses

Carol Cassoli
Especial para A União

Embora a população ainda não tenha consciência de que a economia colaborativa integra grande parte de suas relações, ela já é uma realidade na vida de praticamente todas as pessoas. A avaliação é da gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim, ao explicar que, isso só é possível, porque vem crescendo o número de consumidores que não querem mais comprar produtos, mas, sim, pagar pelo uso de serviços.

“Ouvir músicas pelo Spotify, ler livros pela plataforma Kindle Store, não possuir carro próprio, mas optar por aplicativos de transporte, alugar uma casa, em qualquer lugar do mundo, através do Airbnb, usar os serviços de aluguel de roupas, usar um *coworking* e tantas outras opções que comprovam as mudanças de consumo e o poder das plataformas que fornecem serviços em escala”, enfatiza.

O modelo colaborativo é uma tendência de mercado que tem crescido em todo o mundo. “Na Paraíba já temos lojas colaborativas cujo mix compreende vários pequenos negócios. Temos várias lojas de aluguel de roupas e acessórios. E também temos o uso de carros por assinatura sem precisarmos comprar o veículo”, Regina nota que, quem mais gosta dos negócios colaborativos são os jovens, que preferem ter acesso em vez de posse.

É o caso do estudante Davi Tito, de 22 anos, para quem a praticidade de acesso e a variedade são os maiores benefícios encontrados ao utilizar serviços na modalidade compartilhada. Usuário de sete plataformas de *streaming* diferentes, o aluno de filosofia explica que, com o crescimento deste tipo de atendimento, é preciso que o consumidor assine cada dia mais planos de empresas diferentes. Para Davi, no entanto, este não é um problema, pois, além de ser uma oportunidade de conhecer novos produtos, é, também, o ônus a se pagar quando se está em busca de um conteúdo específico.

Ele explica que houve um tempo no qual apenas uma empresa dominava o mercado de transmissão contínua de filmes. Nessa época, era possível consumir obras de diversas produtoras em um único ambiente digital. Contudo, com o surgimento de plataformas específicas destas produtoras, os filmes se desacoplaram de um site com conteúdos diversos e se tornaram produtos conhecidos como “originais” dos *streamings* de suas próprias produtoras. “Então, com tanta obra exclusiva de uma plataforma, se tornou necessário assinar o maior número de serviços possível para conseguir ter acesso ao que é de nosso interesse. Às vezes a pessoa nem se interessa tanto pelo catálogo de uma plataforma, mas assina pra poder assistir uma única coisa”, constata.

Diversidade

A técnica em radiologia Vivian Aguiar concorda com Davi. Vivian também assina diferentes serviços que vão de distribuição de vídeos a músicas e até livros e, segundo ela, a variedade é realmente o que mais chama atenção. No caso da assinatura de planos de distribuição de livros, por exemplo, a jovem, de 25 anos, explica que o alcance a escritos nacionais é facilitado e isso contribui para o desenvolvimento de seu hábito de leitura.

Já no que tange a seu interesse por um programa de *streaming* musical, Vivian destaca que o “luxo” não diz respeito à necessidade de ouvir músicas, mas, sim, à necessidade de ouvir músicas sem interrupções. “É pela praticidade mesmo. Pelo fato de não ter que esperar propagandas para ouvir uma música”.



Brechó e Clube de Trocas Jardim das Margaridas surgiu há seis anos com a proposta de compartilhar peças de roupas e, desde então, negócio vem sendo expandido

Consumidores contribuem para a sustentabilidade

A economia em rede também contribui para uma utilização de recursos mais sustentável (colaborando para que eles não se esgotem) e, por isso, ela é responsável pela redução dos custos de produção ou manutenção do serviço oferecido por estes arranjos econômicos.

Além disso, a colaboratividade é uma forma de viabilizar o acesso a pessoas que não têm poder aquisitivo para possuir algo. É o que acontece com aqueles que, assim como o estudante Davi, dividem suas assinaturas com colegas para que todos possam alcançar o mesmo produto a um custo mais viável. E esta é mais uma das vantagens deste conceito econômico: sua amplitude atinge até mesmo os clientes, já que as vantagens para a empresa ou empreendedor refletem nos preços praticados com o consumidor. O valor, na economia de compartilhamento, está no acesso e uso e não no domínio do que é oferecido.

Foi com foco nessa premissa que o Brechó e Clube de Trocas Jardim das Margaridas surgiu, há seis anos e meio, na capital da Paraíba. O espaço de moda sustentável nasceu como uma oportunidade de negócio para duas amigas que, juntas, lançaram um brechó em meados de 2015. De lá para cá, outros projetos se juntaram à ideia inicial e o brechó se tornou, também, o primeiro guarda-roupa comparti-

“

É uma boa estratégia para fomentar a circularidade de nossas peças e evitar o acúmulo de bens. Isso é bom porque as clientes têm a oportunidade de levar para casa roupas que ainda têm a etiqueta original por um preço muito mais acessível que o original

Adriana Guimarães

lhado do estado. Mas as inovações de sua criadora não pararam por aí. Em 2020, o espaço se expandiu novamente. Foi a vez do lançamento do TrocaDin, o pioneiro dos clubes de trocas de roupas no estado.

Uma das fundadoras do Jardim das Margaridas, Adriana Guimarães hoje toca o negócio sozinha e conta que o clube de trocas veio, assim como as mudanças estruturais do Clubjob Coworking, dos obstáculos que a pandemia impôs aos empreendedores paraibanos. “Foi um projeto desenvolvido do zero. Durante a pandemia, com todo mundo imerso na crise econômica e social, criei algo que eu gostaria de participar. Um clube de trocas sustentável financeiramente e justo para com as participantes”, explica.

Para que as clientes participem, basta levar até o brechó cinco peças em bom estado de conservação e aguardar a curadoria da loja avaliar quais peças estão aptas para o clube e quais não estão. Depois disso, a cliente terá direito a levar para casa outras roupas com 50% de desconto. O benefício pode ser utilizado em até três meses. Na prática, uma cliente que levou 10 peças para o brechó e teve oito delas aprovadas terá direito a escolher outras oito roupas para levar para casa pela metade do preço.

“É uma boa estratégia para fomentar a circularidade de nossas peças e evitar o acúmulo de bens.

Isso é bom porque as clientes têm a oportunidade de levar para casa roupas que ainda têm a etiqueta original por um preço muito mais acessível que o original”, comenta Adriana ao explicar que todas as peças disponíveis para venda participam do clube.

Desta forma, na loja, apenas as peças da guarda-roupa compartilhado não fazem parte da lógica de trocas. Isto porque, este projeto tem um funcionamento diferente, já que ele é voltado a roupas de viagens e festas.

Sem fidelidade

Mesmo o projeto sendo único na Paraíba, seu funcionamento é bem simples. Nele, a cliente deve contratar um dos planos disponíveis (de uma, duas, quatro ou oito peças) e, então, escolher as roupas que deseja levar para casa. A assinatura não tem fidelidade e é única. Cabe a cliente devolver as peças dentro dos próximos trinta dias. Entretanto, se neste período a pessoa já tiver terminado de usufruir das peças que escolheu, é possível voltar ao brechó e escolher novas peças.

“Temos a construção social de que brechó é um lugar descuidado, mas, na verdade, ele é um espaço de cuidado. Sobre nossas peças recaem o olhar de carinho de quem desapega, o nosso olhar e também o de quem está levando para casa”, garante Adriana Guimarães.

Redes sociais impulsionam o colaborativismo

Embora o compartilhamento seja um meio de gestão e logística, Regina Amorim (do Sebrae-PB) explica que até mesmo as redes sociais, em todo seu potencial digital, se enquadram no espectro do desenvolvimento colaborativo. Através da conexão de pessoas, as redes são responsáveis por mediar a entrega de conteúdo e informações entre usuários e ainda geram receita por meio da transmissão de publicidades de diferentes marcas, com os mais distintos tamanhos e públicos.

Se não fosse pela internet, por exemplo, a empreendedora Adriana Guimarães não teria lançado com sucesso o TrocaDin. Segundo ela, o pré-lançamento nas redes sociais foi fundamental para que a “sementinha da curiosidade fosse plantada na cabeça das clientes”.

Além disso, foi pelas redes que, ao receber a notícia de que o fornecedor não entregaria, Adriana recorreu às clientes para pedir doações de sacolas. Desde então o Jardim das Margaridas nunca mais utilizou sacolas novas, apenas as reaproveitadas das clientes. Outra contribuição das redes sociais para a rede de margaridas do lugar foi a divulgação do clube de trocas de livros e do espaço de divulgação empreendedora do Jardim das Margaridas, onde outros empreendedores criativos e/ou sustentáveis recebem espaço (dentro do próprio brechó) para popularizar seu negócio durante uma semana.

Outras iniciativas

Em João Pessoa, a Central de

Comercialização da Agricultura Familiar (Cecaf) se fortaleceu a partir da economia colaborativa. Voltada à comercialização de alimentos, artesanatos e produtos naturais, de agricultura familiar, a Cecaf viabiliza o desenvolvimento em rede à medida que possibilita que os próprios comerciantes utilizem a matéria-prima à venda por agricultores da central.

Atualmente, o espaço garante a renda de 83 produtores de toda a Paraíba. São pessoas que, às quinta-feiras e aos sábados, das 4h às 12h, participam da feira de agricultura familiar da Cecaf.

De acordo com o diretor de relações institucionais da Confederação Nacional dos Agricultores Familiares de Brasília, Jerônimo Júnior, com a pandemia, a

economia colaborativa passou a ser ainda mais forte na Cecaf através da tecnologia. “Através da internet, produtores se conectam com a população para vender seus produtos on-line, assim como também realizam troca de mercadorias contactando outros produtores rurais”, explica. Jerônimo destaca que o espaço, que hoje é polo estadual da agricultura familiar, é de extrema importância para produtores e clientes.

“A feira conta com toda uma logística que envolve protocolos de saúde, higienização, segurança, espaço amplo, estruturado e o melhor, sempre com produtos fresquinhos diretamente do campo. Temos potencial cultural e econômico muito forte e a nossa meta é desenvolvê-lo cada vez mais”, finaliza.



Um grupo de estudantes da Rede Pública do Ensino Médio da Paraíba compreendeu que os danos causados pela destruição vão muito além da falta de conservação da estátua erguida no Ponto de Cem Réis

VALORIZANDO O PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Estudantes apresentam propostas

Alunos do Liceu Paraibano e da Inotech aceitaram o desafio prático lançado pelo Programa Ouse Criar

Márcia Dementshuk
Assessoria da SEECT

Por volta dos anos de 1960, enquanto Livardo Alves “boemizava” nos arredores do Ponto de Cem Réis, em João Pessoa, a marchinha de sua autoria “Eu mato, eu mato/ Quem roubou minha cueca/ pra fazer pano de prato” animava os bailes carnavalescos pelo Brasil. Hoje, a voz de Livardo ecoa em uma súplica: “Por favor, me ajude. Estão me destruindo”. Todavia, um grupo de estudantes da Rede Pública do Ensino Médio da Paraíba compreendeu que os danos dessa destruição vão muito além da falta de conservação da estátua em homenagem ao compositor e jornalista erguida no Ponto de Cem Réis. As ruínas atingem um

local onde aconteceram fatos que constroem a própria memória da Paraíba, além de serem barreiras a impedirem que a população local continue protagonizando essa história.

No ano passado, quatro estudantes do Liceu Paraibano e um da Inotech (a Escola de Inovação e Tecnologia) tinham em mãos um desafio prático lançado por meio de um programa pedagógico que estimula o aprendizado através de um conjunto de metodologias que direcionam ações visando o empreendedorismo social e sustentável. É o Programa Ouse Criar, desenvolvido pela Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba nas escolas da rede estadual.

Arthur Veríssimo, Débora

Suellen, Luís Mendonça, Vinícius Mendes atenderam ao convite da professora Larissa Vasconcelos (Liceu) e Antônio Gabriel respondeu ao chamado da professora Sueli Barreto (Inotech) para integrarem a equipe “Lupa Tech” e participarem do Edital Ouse Criar - Parque Tecnológico Horizontes de Inovação.

Este edital foi lançado em agosto de 2021. Instigava a criação de soluções inovadoras (produtos e/ou serviços) para valorizar o Patrimônio Histórico e Artístico do Centro da cidade, próximo às instalações do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. Foi direcionado para as sete escolas estaduais localizadas no Centro e o processo se desenrolou da seguinte maneira:

Sete professores de cada instituição - das escolas estaduais localizadas no Centro e da Inotech - mais sete graduandos da UFPB, foram selecionados por edital para serem mentores das equipes. O mentor de cada uma das sete escolas estaduais formou uma equipe. As equipes passaram por um sorteio pelo qual foram distribuídos os eixos temáticos para os quais as soluções seriam propostas: Patrimônio Histórico, Mobilidade Urbana, Iluminação Pública, Habitação, Economia, Turismo Sustentável e Segurança Pública. Tanto professores e graduandos mentores, quanto os estudantes das escolas receberam uma bolsa de estudos por seis meses (entre R\$ 300,00 e R\$ 800,00/mês) para desenvolverem a pesqui-

sa. De outubro de 2021 a março de 2022, cada equipe atravessou processos técnicos de desenvolvimento de projetos. Identificaram problemas, trabalharam a ideiação do projeto, o protótipo e a apresentação final, realizada no último 1º de abril, no auditório Espaço Cultural.

“Foram seis meses árduos com muita reunião, visita técnica, aplicação de questionários, relatórios. Esse programa de fato vem contribuir para uma educação além da sala de aula. Esse projeto veio para quebrar hierarquias; não tinha uma pessoa que soubesse mais do que a outra, foi uma construção coletiva, todos exerceram o protagonismo”, declarou a professora Larissa Vasconcelos, mentora da Lupa Tech, do Liceu Paraibano, cujo

eixo de trabalho foi “Iluminação Pública”. Esta equipe ficou em primeiro lugar na avaliação final e conquistou para a escola uma premiação no valor de R\$ 10 mil para aquisição de um kit multimídia.

Um edital lançado em agosto de 2021 instigava a criação de soluções para valorizar o Patrimônio Histórico e Artístico

Um resgate à vida no Ponto de Cem Réis

Depois de aplicar questionários entre os comerciantes do Centro, trabalhadores informais e de conversar com os moradores e pessoas que frequentam o Centro, a equipe Lupa Tech entendeu exatamente o significado das palavras pintadas em uma placa de madeira, disposta ao lado da estátua feita em bronze, homenageando Livardo Alves. A estátua é uma obra do escultor Jurandir Maciel e está no Ponto de Cem Réis, em frente ao antigo Parahyba Palace Hotel, um patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. As palavras da placa diziam: “Por favor, me ajude. Estão me destruindo”.

Atentos a esta “silenciosa” manifestação popular, a equipe passou ao trabalho. Além de aplicar um questionário, eles investigaram a história do local onde hoje

é a Praça Vidal de Negreiros e no início do século 20 era uma espécie de “terminal de integração” de bondes; posteriormente foi também ponto de carros de aluguel (táxis de praça).

“Nós aprendemos que antes de ser usada como ponto final de linhas dos bondes, esse local era conhecido como a ‘Pequena África’, onde escravos, pessoas pobres, pequenos comerciantes se encontravam para jogar capoeira, dançar e tocar o coco de roda e passar algum tempo de distração”, falou Débora Suellen, integrante da equipe Lupa Tech.

“Nós vimos que o local sempre foi usado intensamente pela população, inclusive em manifestações e shows culturais. Hoje, durante o dia, é um local por onde as pessoas transitam, passam. Há shows eventuais. Mas à noite, esvazia,

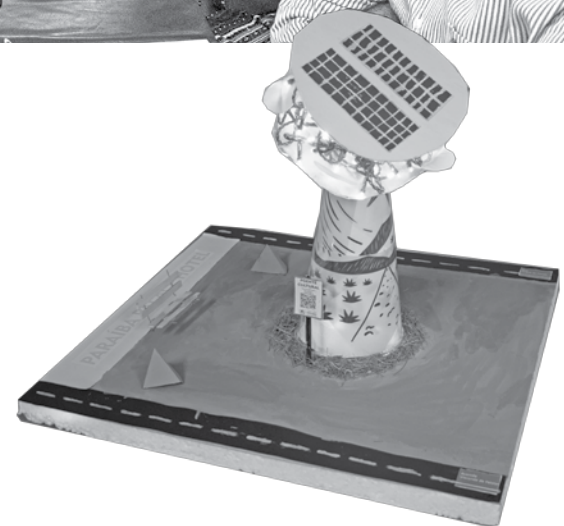
fica escuro e se andamos por lá nos sentimos ameaçados por alguma violência que possa acontecer. Por isso, decidimos focar a nossa solução no Ponto de Cem Réis, para, de alguma forma, resgatar a vivência, o convívio da população nesse lugar”, prossegue Débora.

A equipe elaborou um equipamento artístico, em formato de pandeiro, para servir de suporte a placas fotovoltaicas que fornecerão energia para as lâmpadas que, por sua vez, iluminarão o monumento, a praça e o entorno. “Nós pensamos em fazer do local uma atração turística à noite, o que poderá transformar a praça. O projeto incluiu história, engenharia, designer, energias renováveis... Mas também tivemos uma noção prática do que é fazer um projeto que pode vir a ser um empreendimento de verdade”, disse.



Fotos: Delmer Oliveira / Ascom SEECT

A equipe elaborou um equipamento artístico, em formato de pandeiro, para servir de suporte a placas fotovoltaicas que fornecerão energia para as lâmpadas que, por sua vez, iluminarão o monumento, a praça e o entorno



A exuberância da flora paraibana

Ítalo Arruda
Especial para A União

A Paraíba possui uma vegetação diversificada, cujas espécies nativas dos biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica compõem a maior parte da flora do seu território. Em João Pessoa, as árvores urbanas destacam-se como as mais antigas, com espécies que podem chegar a 300 anos, segundo estimativa da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Semam).

Entre as árvores centenárias existentes no solo pessoense, destaca-se um jequitibá, localizado no Parque Arruda Câmara (Bica). O diretor de Controle Ambiental e chefe da Divisão de Arborização e Reflorestamento da Semam, Anderson Fontes, explica que ainda não há um estudo científico que comprove a idade exata dessa árvore, especificamente, mas há pesquisas e levantamentos que mostram que ela existe há aproximadamente três séculos.

“Esse [jequitibá] é o que nós consideramos como sendo um dos indivíduos arbóreos mais antigos, porém, existem outros espalhados, principalmente, no Centro Histórico da cidade, que podem ter o mesmo tempo de vida, variando entre 200 e 300 anos”, pontua.

Esta árvore é considerada, ainda, uma das maiores entre as nativas da Mata Atlântica, porque sua altura pode chegar a 50 metros. Segundo Anderson, outros tipos de árvores centenárias e de grande porte são os oitizeiros e as gameleiras, que podem chegar até 20 metros de altura.

As duas espécies, nativas da Mata Atlântica, são facilmente encontradas em bairros como Treze de Maio, Tambiá e outras regiões centrais da cidade, como nas imediações das Praças da Independência, Pedro Américo e Aristides Lobo.

O ambientalista destaca que as duas árvores são bastante resistentes à poluição e, geralmente, estão na maioria dos projetos de arborização urbana, contribuindo, também, com o aspecto paisagístico e com o conforto térmico destes espaços, tendo em

■ **Mais de 2.500 ipês estão catalogados em João Pessoa. A árvore, no entanto, pode ser vista em outras regiões do estado**

vista a grande capacidade de sombreamento que possuem. Além disso, o chefe da Divisão de Arborização e Reflorestamento da Semam lembra da contribuição das árvores para a purificação do ar.

“Quanto mais árvores, maior será a captação de gás carbônico e liberação de oxigênio, contribuindo, assim, para um ar mais puro e menos poluído”, afirma Fontes, ao citar outros benefícios como os frutos, que servem de alimentação para animais e seres humanos; a fitoterapia, com o uso de folhas para chás e medicamentos; além dos abrigos que podem oferecer para os seres vivos em geral, como pássaros, macacos, insetos, entre outros.

Ainda com relação às espécies arbóreas de maior porte da flora de João Pessoa, Anderson Fontes cita os ipês (rosa, branco e roxo) – cuja altura varia entre 20 e 30 metros. Ao todo, mais de 2.400 colorem, com uma floração fascinante, as ruas, praças e demais áreas viárias da capital, conforme a catalogação mais recente realizada pela Semam. A quantidade é tão grande em determinadas áreas que até nome de bairro já foi registrado em homenagem à árvore. Trata-se do Bairro dos Ipês, na Zona Norte do município.

Entretanto, os ipês não são exclusividade da arborização da cidade litorânea. Em regiões nas quais predominam os biomas Caatinga e Cerrado, como em algumas cidades do Agreste, Cariri e Sertão paraibano, por exemplo, eles também são muito comuns.

Do Litoral ao Sertão, diversidade de espécies é sinônimo de riqueza natural e beleza

Ecossistemas com características particulares

A divisão geográfica da Paraíba contribui significativamente para a diversidade da flora e, sobretudo, da vegetação arbórea que se estende pelas diferentes localidades do estado. É o que afirma a botânica, pesquisadora e professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Maria de Fátima de Araújo. “O território paraibano está dividido politicamente e geoclimatologicamente em quatro mesorregiões [Mata Paraibana, Agreste, Borborema e Sertão]. Então, temos uma variedade de clima, solo, rochas, vegetação e flora. E, em cada uma dessas áreas, existem diferentes tipos de árvores características daquele ecossistema”, explica.

Na Caatinga, existem mais de cinco mil espécies de plantas, em geral, incluindo as arbóreas e lenhosas, catalogadas em todo o país, segundo a Flora do Brasil. O bioma ocupa cerca de 70% da região Nordeste e predomina no interior da Paraíba.

A pesquisadora destaca, entre as árvores típicas dessa vegetação, o mulungu, cuja estatura varia entre 6 e 12 metros; a catingueira, que pode chegar até oito metros de altura; e o umbuzeiro, que, apesar de não ter um grande porte, costuma ultrapassar 100 anos de vida.

Como o clima predominante é o Semiárido, ou seja, pouca chuva e temperaturas mais elevadas, Fátima de Araújo ressalta que a flora da Caatinga se adapta facilmente aos períodos de seca e estiagem, como é o caso dos cactos. “O mandacaru e o xique-xique são exemplos de algumas espécies cactáceas que costumam armazenar água no interior do caule em períodos de estiagem prolongada”, frisa.

Ameaçadas

Algumas espécies nativas como aroeira-do-sertão e baraúna estão em risco de extinção, alerta a pesquisadora que há 13 anos desenvolve estudos no Sertão paraibano. Ela

explica que as populações destas árvores estão cada vez mais reduzidas e é fundamental que haja uma intervenção dos órgãos públicos para evitar o total desaparecimento.

“Os governantes, junto às secretarias de Meio Ambiente, instituições de ensino e à própria população, devem se atentar para o planejamento paisagístico e urbano, priorizando o plantio e reflorestamento de árvores nativas dos biomas que existem em nosso estado, sobretudo, daquelas que estão sob ameaça”.

Além disso, a especialista afirma que promover ações de educação ambiental é uma medida efetiva para a preservação da flora de um modo geral. “A educação é o primeiro passo para tudo. É preciso pensar em ações de ensino que eduquem as crianças e os jovens, nesse sentido de cuidados com a natureza. Afinal, são eles quem vão receber, no futuro, esse ambiente; seja preservado ou degradado”, ressaltou Fátima de Araújo.

Fotos: Edson Matos



Jequitibá que fica na Bica é árvore mais antiga da capital; gameleiras e oitizeiros também são encontrados na região

JUDÔ PARAIBANO

Wilians treina com foco em Paris

Paratleta tem chances de disputar sua quarta Olimpíada em 2024, e Maria Eduarda sonha com a primeira

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Wilians Araújo e Maria Eduarda Moisés Oliveira, dois nomes do judô paraibano que já despontam na modalidade e que devem seguir levando a Paraíba para os lugares mais altos do pódio. Os jovens atletas ganham notoriedade no esporte cerca de duas décadas após o surgimento e ascensão de Edinanci Silva, paraibana que tornou-se referência no judô brasileiro e mundial.

“São os principais atletas da modalidade aqui no estado dentro de suas respectivas categorias”, afirmou João Neto, técnico e coordenador da Seleção Paraibana de Judô, treinador da Vila Olímpica Parahyba e responsável por treinar tanto Maria Eduarda quanto Wilians, quando o atleta vem a João Pessoa.

Trajetórias diferentes, que têm em comum o amor pela arte marcial japonesa criada no século 19 e conhecida como ‘caminho suave’.

Com mais experiência no esporte, Wilians Araújo é o atleta quando o assunto é judô paradesportivo. Natural de Riachão do Poço e residindo no Rio de Janeiro, o judoca que passou por várias outras modalidades até se encontrar no esporte, conta como foi parar na arte marcial. “Comecei praticando natação, depois goalball, futebol de cegos, atletismo e por último acabei praticando o judô. Era nos dias que eu tinha tempo disponível e também porque sempre

“

Participei das Paralimpíadas de Londres, Rio e Tóquio. Fui três vezes campeão das Américas e 10 vezes campeão Brasileiro, além de bronze em mundial e campeão mundial de Jovens

Wilians Araújo

no e setembro o atleta terá disputas em São Paulo. “Novembro tem campeonato mundial no Azerbaijão, essa é a programação das competições do ano, além das fases de treinamento da Seleção Brasileira além dos intercâmbios que são feitos em São Paulo”, finaliza

Aos 17 anos, Maria Eduarda sabe que precisa ser firme para atingir os objetivos traçados dentro do esporte. “No mínimo participar de um Mundial, mas o sonho de todo atleta, claro, que é disputar uma Olimpíada”. O sonho do Mundial bateu na trave, mês passado, quando a judoca conquistou medalha de prata na série ouro, principal da seletiva dos Jogos Escolares Mundiais, que serão realizados ainda este ano na França.

No currículo, apesar de ter começado nas competições há apenas seis anos, Maria Eduarda já reúne títulos importantes como o de campeã sul-americana, campeã brasileira e regional, além de vice-campeã pan-americana e pentacampeã paraibana. Os treinos diários, divididos entre academia e tatame, fazem parte de uma rotina de muito comprometimento, afinal a judoca compete em uma das categorias mais disputadas da modalidade, a - 63 feminina. “Onde tem grandes nomes do esporte e eu sei que é muito difícil, mas estou treinando muito pra isso”. Esforço que vem sendo recompensado dia após dia, conquista a conquista. “Esse esporte já me proporcionou muita coisa. Viagens internacionais, bolsa atleta, reconhecimento, enfim... mas ainda tenho muito o que conquistar”.

Edinanci

Nascida no município de Souza, Sertão do estado, Edinanci Silva é a judoca brasileira com mais participações em Olimpíadas. Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008). Entre os melhores resultados estão as medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003) e Rio de Janeiro (2007) e os bronzes nos Mundiais de Paris (1997) e Osaka (2003). Atualmente Edinanci Silva participa dos treinamentos da Seleção Brasileira de Judô Paralímpico onde atua como sparring desde 2020, uma espécie de oponente que colabora com os treinos preparatórios, permitindo que os atletas apliquem as técnicas aprendidas.

Foto: Arquivo pessoal



Com apenas 17 anos, Maria Eduarda vem ganhando experiência com bons resultados pelo Brasil. Paris ainda está distante para a atleta, mas ela garante que o sonho não é impossível e vai continuar dando o melhor em busca de voos mais alto. Ela é hoje a melhor judoca da Paraíba

Foto: Arquivo pessoal



Wilians Araújo já tem mais bagagem no judô paralímpico com participações em Londres, no Rio de Janeiro, onde alcançou a medalha de prata, e em Tóquio. Segue em busca de sua quarta participação nas Paralimpíadas e vem treinando forte para estar em Paris 2024

Foto: Reprodução/Judoinstide



Quando se fala em judô, na Paraíba, um nome vem logo na memória: Edinanci Silva. A judoca é a brasileira com maior número de participações em Olimpíadas: Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008). Edinanci hoje atua como sparring no judô paralímpico com a seleção

“

Esse esporte já me proporcionou muita coisa. Viagens internacionais, bolsa atleta, reconhecimento, enfim... mas ainda tenho muito o que conquistar

Maria Eduarda

pratiquei esporte por querer estar próximo dos meus amigos, aí por último tentei o judô e foi esse sucesso na minha vida”.

Atletas da Seleção Brasileira desde 2011, Wilians é atleta paralímpico com prata no Rio de Janeiro em 2016. O judoca que perdeu a visão aos 10 anos quando, acidentalmente, disparou uma espingarda de chumbinho contra o rosto, lembra de alguns outros títulos que coleciona e que são motivo de muito orgulho. “Participei das Paralimpíadas de Londres, Rio e Tóquio. Fui três vezes campeão das Américas e 10 vezes campeão Brasileiro, além de bronze em Mundial e campeão mundial de jovens”, elenca. E vem mais, o paraibano está focado em Paris 2024, para isso já começou a disputar provas classificatórias como a do próximo dia 17 na Turquia. Para maio mais uma disputa, desta vez no Cazaquistão e em ju-



O goleiro Adriel, do Grêmio, foi xingado de macaco por um torcedor do Brasil de Pelotas

Foto: Lucas Uebel/Grêmio

DESCRENÇA DAS VÍTIMAS

Impunidade marca racismo no futebol

Dos 171 casos de discriminação racial no Brasil nos últimos três anos, apenas 35 tiveram algum tipo de punição

Gonçalo Junior
Agência Estado

Dos 171 casos de discriminação racial no futebol brasileiro nos últimos três anos, entre 2019 e 2021, apenas 35, ou 20% do total, tiveram algum tipo de punição. Embora quatro deles estejam em andamento, a maioria das situações não resultou em sanções para clubes, torcedores ou dirigentes. Especialistas apontam que a descrença das vítimas no desfecho dos casos, falhas na legislação e a falta de negros na composição dos tribunais desportivos ajudam a explicar o quadro.

Os dados são do Observatório da Discriminação Racial, entidade que propõe ações afirmativas a partir de relatórios anuais sobre casos de discriminação no esporte desde 2014.

A partir das informações da entidade, o Estadão apurou que, dos 82 casos de injúria racial em 2019, 18 tiveram sanções. Em 2020, foram cinco em 36 ocorrências. Em 2021, a proporção subiu: de 53 situações, houve dez análises.

Os dados reúnem episódios analisados pelos tribunais estaduais e também pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), que verifica os casos em grau de recurso. Quando o recorte é apenas do STJD, observa-se que o órgão parece ter a “mão mais pesada”.

Segundo o próprio tribunal, 12 casos de injúria racial no futebol foram julgados nos últimos três anos. Destes, oito receberam punições variadas (multas e suspensões de atletas e dirigentes), dois tiveram absolvições (por descaracterização da acusação) e outros dois estão em andamento.

Neste ano, as ocorrências continuam frequentes. Já foram 13 (até março) e a temporada nacional ainda está apenas no começo. Os atos de racismo são tão recorrentes que há situações em que o mesmo jogador já foi discriminado ao atuar por clubes diferentes.

Isso aconteceu com o zagueiro Eduardo Bauermann, contratado pelo Santos neste ano. Em novembro de 2019, o defensor, então no Paraná Clube, enfrentou o Atlético-GO pela Série B do Campeonato Brasileiro, em Goiânia (GO). No aquecimento, ele foi chamado de “macaco” por um torcedor adversário. No fim do confronto, registrou um boletim de ocorrência e o agressor foi expulso da Torcida Dragões Athleticanos.

Em janeiro do ano seguinte, o zagueiro, já no América-MG, ouviu ofensas racistas de um integrante da torcida organizada do seu próprio time. O torcedor foi novamente expulso, mas Eduardo não registrou boletim de ocorrência.

No futebol, casos de racismo são caracterizados como injúria racial, de acordo com o artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva

va. Nessa categoria, eles preveem penas de um a três anos de prisão. Mas existe a possibilidade de conversão em trabalho social ou pagamento de cestas básicas - as punições mais comuns no país. Por outro lado, a lei estabelece o racismo como um crime inafiançável.

Pesquisa

Dados são do Observatório da Discriminação Racial, entidade que propõe ações afirmativas a partir de relatórios anuais sobre discriminação no esporte

Descrédito

Especialistas apontam a falta de segurança jurídica no trecho do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) que analisa o tema. Segundo eles, a definição da gravidade do ato é subjetiva no artigo 243-G. “Para se configurar um crime de injúria racial, é preciso um elemento subjetivo que a gente chama de dolo, ou seja, a vontade de praticar o crime. No Brasil, esse elemento gera muita insegurança”, explica Tiago Vinicius, professor de Direito da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Torcedores costumam ser punidos quando praticam atos discriminatórios. Nem sempre isso ocorre com dirigentes ou com os próprios clubes.

No dia 24 de fevereiro, o Tribunal de Justiça Desportiva do Rio Grande do Sul (TJD-RS) puniu o Brasil de Pelotas com a perda de dois mandos de campo por atos de injúria racial de um torcedor contra o goleiro Adriel, em partida com o Grêmio. As câmeras flagraram o torcedor imitando um macaco. O clube foi multado em R\$ 30 mil e obrigado a impedir o torcedor de frequentar o estádio do time por 900 dias - quase 2 anos e meio. Para a sentença, ainda cabe recurso.

Em uma situação semelhante, também com a imitação de um macaco por um torcedor no estádio, o Grêmio foi absolvido. O ato foi feito contra torcedores do Internacional dentro do Beira-Rio antes do clássico do dia 26 de fevereiro pelo Campeonato Gaúcho.

Marcelo Carvalho, diretor do Observatório da Discriminação Racial, afirma que a Justiça Desportiva “contribui” para que o esporte se torne

um espaço de legalização do racismo. “Esses índices (de poucas condenações dos casos) não surpreendem. Parece ser a maneira como a Justiça Desportiva interpreta os casos. Parece que racismo não é crime no futebol. Por isso, poucos julgamentos e, quando são julgados, são poucas as punições”, opina Carvalho.

Alguns clubes estão se movimentando no combate à discriminação e adotando medidas como a inclusão de uma cláusula antidiscriminação nos contratos de trabalho. O objetivo é proibir qualquer manifestação de preconceito por parte dos jogadores (as) e funcionários (as). Atualmente, sete clubes preveem punições, como multa e suspensão, e até demissão em caso de racismo. São eles: Bahia, Red Bull Bragantino, Ceará, Corinthians, Cuiabá, Internacional e Palmeiras.

“Entendemos que isso é uma tendência em várias organizações. No futebol não seria diferente”, afirma o presidente Alessandro Barcellos, do Internacional, clube pioneiro na adoção das cláusulas antirracismo no país.

Raiz

Na opinião de Marcel Tonini, doutor em História Social pela USP (Universidade de São Paulo) e pesquisador do Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, a injúria racial no futebol está ligada a racismo estrutural. O especialista lembra a ausência de promotores e juizes negros, por exemplo. “Não posso acreditar que um juiz negro, que sabe na pele o que é sofrer racismo, não vá se valer de sua autoridade para fazer justiça de frente de um episódio incontestável de racismo”, argumenta.

“Enquanto não houver uma equiparação, com a presença de negros como auditores ou agente de decisão em casos de racismo, não vejo modificação na estrutura”, diz o ex-árbitro e atual comentarista Márcio Chagas, outra vítima de injúria racial. Em 2014, ele foi chamado de “macaco” por torcedores do Esportivo, de Bento Gonçalves. Depois do jogo, encontrou no estacionamento do clube seu carro arranhado e com bananas em cima do capô.

Chagas afirma que foi proibido de entrar na Federação Gaúcha por ter denunciado um clube filiado à entidade - a associação nega a proibição. Depois de cinco anos, ele ganhou uma ação contra o Esportivo - o valor da indenização foi de R\$ 15 mil. O ex-árbitro ainda move duas ações por injúria racial, ambas de 2019, que estão em andamento.

Medo

As vítimas também têm medo do estigma trazido por uma denúncia formal. Atletas reclamam que ficam marcados no meio. O goleiro Aranha, alvo de insultos racistas de

torcedores do Grêmio quando jogava pelo Santos, caso então apontado como um divisor de águas para a questão racial no Brasil (clube gaúcho foi punido com a eliminação da Copa do Brasil, competição pela qual a partida era válida), conta que as oportunidades de emprego foram rareando após o episódio, ocorrido em 2014. Além disso, punição rigorosa como a aplicada ao time não voltou a ser adotada.

“Mesmo que você tenha provas, vai sofrer algum tipo de represália depois de formalizar a denúncia”, diz o ex-atleta, que lançou o livro “Brasil Tumbeiro” no fim do ano passado - navios tumbeiros ou negreiros foram as embarcações que fizeram a travessia do Oceano Atlântico, da África ao Brasil, trazendo à força negros escravizados.

A palavra “tumbeiro” vem de tumba, caixa, pois muitos (quase um quarto em cada viagem) não resistiam aos castigos, à fome, a doenças e maus-tratos e morriam nas viagens que levavam até dois meses.

Ronaldo Piacente, procurador-geral do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) e que atuou como presidente do órgão por dois anos, reconhece que existem poucos negros nos tribunais do país. Especialistas apontam que essa ausência ajuda a explicar a falta de punição dos casos de injúria racial.

“Realmente, há uma baixa representatividade dos negros nos tribunais em geral, precisamos modificar isso”, afirma. “No STJD, temos integrantes negros que compõem a Procuradoria, Comissão Disciplinar e funcionários. Cor, raça, sexo e religião do ser humano não medem sua capacidade. Honestidade e caráter, sim. Somos todos iguais”, completa.

Por outro lado, Piacente garante que todos os casos comprovados que chegaram ao órgão foram

punidos. “Estive oito anos como auditor do STJD, sendo dois deles como Presidente da Corte e atualmente atuo como Procurador Geral. Posso afirmar que todos os casos comprovados de injúria racial, originários do Superior Tribunal, foram denunciados com rigor e punidos. Aqueles oriundos dos Tribunais Regionais que chegaram até nós, por meio de recurso, foram apreciados, julgados e houve condenação.”

No entendimento do especialista, o artigo 243-G, que trata da injúria racial no futebol, não gera insegurança jurídica. “O Código Brasileiro de Justiça Desportiva prevê três tipos de punição para atos discriminatórios, independentemente da questão da extrema gravidade. Então, podemos afirmar que, havendo a ocorrência, o infrator será punido”, diz.

Na luta

O Observatório da Discriminação Racial lançou recentemente a versão 2022 do uniforme para torcedores antirracistas. De acordo com os idealizadores, a campanha pretende engajar a torcida com o combate ao racismo não apenas em determinadas datas ou quando um caso de racismo tem repercussão. A venda de produtos é a maior fonte de receita para uma das poucas entidades do país voltada ao estudo da discriminação racial no esporte. Em 2019, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) destinou R\$ 5 mil para o Observatório. O valor corresponde à metade da multa imposta ao Juventude por injúria racial cometida por um torcedor contra o volante Gustavo Bochecha, do Botafogo. De acordo com o diretor Marcelo de Carvalho, a entidade nunca recebeu recursos da CBF ou da Federação Gaúcha.



Celsinho, do Londrina, foi vítima de injúria racial por dirigentes do Brusque

Foto: Gustavo Oliveira/EC Londrina

TABU EM MUNDIAIS

Líder do ranking nunca ganhou Copa

Seleção Brasileira vai ter de jogar muita bola no Catar para quebrar essa escrita que já dura quase 30 anos

■ A Fifa estabeleceu o ranking em agosto de 1993. A entidade levou em consideração apenas os resultados dos últimos 12 meses

Rodrigo Sampaio
 Agência Estado

O Brasil retornou ao topo do ranking da Fifa. Cinco anos depois, a campanha praticamente perfeita nas Eliminatórias garantiu à Seleção Brasileira o lugar mais alto da lista. No entanto, os torcedores mais supersticiosos podem estar preocupados com a notícia. Isso porque nunca na história da competição o líder do ranking da Fifa venceu a Copa do Mundo. A França não estava no topo da relação em 2018 quando se sagrou campeã do mundo na Rússia.

A Fifa estabeleceu o ranking há cerca de 30 anos, em agosto de 1993. Na ocasião, a entidade levou em consideração apenas os resultados dos últimos 12 meses para ranquear as seleções. A Alemanha, que havia sido campeã na Copa do Mundo de 1990, na Itália, estreou na primeira colocação, com 58 pontos. O Brasil, que lutou até a última rodada das Eliminatórias por uma vaga, figurava em oitavo, com 54.

Dois dias antes da estreia do

Mundial dos Estados Unidos, em 1994, a Alemanha manteve a ponta, aparecendo com 60 pontos. Porém, o time de Klinsmann, Völler e Matthäus acabou sendo surpreendido pela Bulgária - principal zebra da Copa - e caiu nas quartas de final após derrota por 2 a 1, de virada. Na mesma fase, o Brasil, que começou o torneio em terceiro no ranking, bateu a Holanda, vice-líder, e veio a conquistar o tetracampeonato.

Embalado pelos títulos da Copa do Mundo e a recém-conquista da Copa América, em 1997, o Brasil foi com moral elevado para o Mundial da França, em 1998. Então líder do ranking da Fifa, com 72 pontos, a Seleção Brasileira fazia grande campanha até sofrer dura derrota por 3 a 0 na final para os donos da casa, comandados por Zinedine Zidane. Os franceses, que conquistavam seu primeiro título, apareciam apenas na 18ª colocação antes do torneio.

A França fez roteiro semelhante ao do Brasil depois de conquistar o Mundo. Campeão da Eurocopa dois anos antes, o time francês era um dos favori-

tos ao título na Copa de 2002, na Coreia do Sul e Japão. Líderes do ranking antes do início do Mundial, com 802 pontos, caíram ainda na fase de grupos. O Brasil, segundo mais bem ranqueado na ocasião, contou com o brilho de Ronaldo Fenômeno após uma Eliminatória irregular e chegou ao penta com um 2 a 0 sobre a Alemanha.

O Brasil passou todo o ciclo da Copa de 2006 na liderança do ranking da Fifa. Neste meio tempo, conquistou a Copa América (2004) e a Copa das Confederações (2005). Tanto os resultados quanto o elenco - Ronaldo, Ronaldinho, Adriano e Kaká eram alguns dos craques - colocavam o Brasil como principal favorito. O algoz novamente foi a França de Zidane, oitava no ranking, eliminando a seleção canarinho nas quartas, por 1 a 0.

Após o revés no Mundial, a Seleção Brasileira voltou a vencer a Copa América (2007) e a Copa das Confederações (2009), se mantendo na ponta do ranking. Mas o sonho do hexa na África do Sul, em 2010, foi encerrado novamente nas quartas de final, com uma

derrota de virada para a Holanda, por 2 a 1. Os holandeses viriam a ser vice-campeões, sendo derrotados pelo famoso "tiki-taka" da Espanha, segunda melhor ranqueada pela Fifa antes de erguer o caneco.

Jogando em casa, a Seleção Brasileira até não corria risco de ser alvo do azar em 2014, pois era terceira colocada no ranking da Fifa. Tudo acabou com um humilhante 7 a 1 para a Alemanha - futura campeã - na semifinal. A Espanha, que venceu a Euro dois anos antes e liderava na pontuação de seleções, também decepcionou e caiu já na fase de grupos.

O bastão do fracasso ainda na fase de grupos entre os líderes do ranking da Fifa foi passado para a Alemanha em 2018, na Copa da Rússia. Com parte do elenco de quatro anos antes mantido, a seleção alemã passou por uma grande reformulação após o fraco desempenho no Mundial. A França, sétima equipe mais bem ranqueada naquele ano, fez campanha consistente e ficou com o bi após vitória por 4 a 2 sobre a Croácia.

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



Cinco anos depois, a campanha praticamente perfeita nas Eliminatórias Sul-Americanas garantiu à Seleção Brasileira o lugar mais alto da lista da Fifa

Veja o caminho da seleção no Catar

Agência Estado

A Seleção Brasileira poderá atuar no maior estádio da Copa do Mundo do Catar por quatro vezes ao longo da competição. Na primeira fase, serão dois jogos no Estádio Nacional de Lusail e, nas fases mata-mata, outros dois duelos serão somados, a depender da classificação como primeiro ou segundo colocado do Grupo G. Após o sorteio que definiu os grupos do Mundial, a Fifa divulgou os horários dos jogos e estádios que abrigarão os confrontos do evento. O Brasil enfrentará Sérvia, Suíça e Camarões.

O Estádio Lusail tem capacidade para 80 mil pessoas e teve sua construção iniciada em 2017. Foi concluído em novembro de 2021, sendo a última arena do Mundial a ficar pronta. Além de seis jogos da fase de grupos, ela receberá partidas de todas as etapas da Copa: oitavas, quartas, semifinal e final. A grande decisão da Copa do Mundo está agendada para 18 de dezembro, um domingo, às 12h (horário de Brasília).

Lusail é uma cidade em construção. Ela nasceu do zero há

mais de uma década e, em meio ao deserto catari, promete se tornar lar de cerca de 200 mil pessoas, alocadas em 38 quilômetros quadrados de área. O investimento, incluindo o valor gasto no estádio, está na casa dos R\$ 170 bilhões. O custo da construção da arena, isoladamente, é de aproximadamente R\$ 3,5 bilhões.

Inspiração

A composição arquitetônica externa do Estádio de Lusail faz alusão às lanternas fanar e sua interação de luz e sombra. Já seu formato se inspira em tigelas e vasos típicos do Oriente Médio. Sem clubes na região, a organização da Copa do Mundo do Catar se preocupou com o legado que essa arena deixará na cidade. Por isso, o estádio será remodelado internamente após o Mundial, dando lugar a escolas, hospital e um centro comercial.

Trabalhadores

Erguido por construtoras do Catar e da China, o Estádio de Lusail é parte central das denúncias da situação precária dos trabalhadores da construção civil no país. Em 2021, uma publicação do jornal in-

glês The Guardian apontou que 6,5 mil trabalhadores estrangeiros morreram em obras relacionadas ao Mundial. A Anistia Internacional reitera seguidas denúncias, e a Fifa diz estar conversando com o Catar sobre o tema. Não é de hoje que esse trato vem acontecendo.

Caminho

O Brasil inicia sua trajetória na Copa enfrentando a Sérvia em Lusail. A estreia da seleção ocorrerá no dia 24 de novembro, às 16h (de Brasília). O Catar tem fuso horário de 6h para frente em relação ao Brasil. Os brasileiros voltam a jogar no mesmo local na terceira rodada da fase de grupos, na partida contra Camarões, marcada para dia 2 de dezembro, novamente às 16h.

Caso avance com a primeira colocação do Grupo G - que tem as companhias de Sérvia, Suíça e Camarões -, a Seleção Brasileira poderá voltar ao Estádio Lusail nas fases semifinal e final, totalizando quatro partidas na arena. Se ficar no segundo lugar da chave, o Brasil jogará no Lusail as oitavas de final, diante do líder do Grupo H e só voltará ao mesmo palco na decisão.

Locais de jogos do Brasil

■ Fase de Grupos

24/11 - 16h - Brasil x Sérvia - Estádio Nacional de Lusail (capacidade: 80 mil pessoas)

29/11 - 13h - Brasil x Suíça - Estádio 974 (capacidade: 40 mil)

02/12 - 16h - Camarões x Brasil - Estádio Nacional de Lusail

■ Se o Brasil for 1º no Grupo G

Oitavas de final - 05/12 - 16h - Estádio 974

Quartas de final - 09/12 - 12h - Education City (capacidade: 45 mil)

Semifinal - 13/12 - 16h - Estádio Nacional de Lusail

Decisão de 3º lugar - 17/12 - 12h - Estádio Khalifa Internacional (capacidade: 45 mil)

Final - 18/12 - 12h - Estádio Nacional de Lusail

■ Se o Brasil for 2º no Grupo G

Oitavas de final - 06/12 - 16h - Estádio Nacional de Lusail

Quartas de final - 10/12 - 12h - Estádio Al Thumama (capacidade: 40 mil)

Semifinal - 14/12 - 16h - Estádio Al Bayt (capacidade: 60 mil)

Decisão de 3º lugar - 17/12 - 12h - Estádio Khalifa Internacional (capacidade: 45 mil)

Final - 18/12 - 12h - Estádio Nacional de Lusail

PARAIBANO 2022

Treze encara o Sousa no Marizão

Confronto vale vaga nas semifinais e, se houver empate no tempo normal, decisão será na prorrogação ou nos pênaltis

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Neste domingo (10), Sousa e Treze duelam, a partir das 16h, no Estádio Marizão, em Sousa, pelo confronto da 2ª fase do Campeonato Paraibano, que vai definir o adversário do Campinense, na semifinal da competição estadual.

De acordo com regulamento da competição, as equipes se enfrentam em sistema eliminatório com jogo somente de ida, tendo o melhor classificado, a vantagem de realizar o jogo como mandante. Em caso de empate durante os noventa minutos e a prorrogação, com dois tempos de quinze minutos, o clube vencedor será definido através das cobranças de pênaltis.

Jogando como mandante, o Sousa quer manter a escrita de não perder para o Treze, no Marizão, há doze anos. O Dinosaurio apresenta um retrospecto de oito vitórias e três empates. Para o confronto, o treinador Tardelly Abrantes não vai contar com Iranilson, o lateral direito cumpre suspensão por ter tomado o 3º cartão amarelo na última partida do clube contra o Auto Esporte. O comandante do alviverde promete mudanças para a partida contra o Galo.

“Trabalhamos desde a nossa classificação, na 1ª fase, para encarar mais um jogo difícil. Teremos ausências no time. Iranilson é um jogador importante que não estará à disposição, mas temos outros jogadores com qualidades para suprir essa ausência. Espero, além da mudança tática, uma postura de concentração dos atletas, para

que possamos conseguir a classificação”, comentou.

Para não correr o risco de novamente ficar limitado apenas à participação no Campeonato Paraibano, em 2023, o Treze terá de voltar do Sertão com a classificação garantida à semifinal. O Galo volta a enfrentar o Sousa numa fase de mata-mata, após dez anos. Em 2012, o Alvinegro deixou escapar a chance de ir à final e acabou eliminado. Neste novo momento decisivo, o comandante do clube pretende montar um esquema para tentar carimbar a vaga à semifinal do certame.

“Tenho uma definição da equipe que vai entrar em campo, com variações táticas a serem usadas, de acordo com as situações da partida. Conversei com meus atletas sobre a importância desse jogo. O resultado positivo nos garante a classificação e um calendário para o segundo semestre de 2023. Há muito tempo que não vencemos na casa deles, vamos em busca de quebrar o jejum de dozes anos, para garantir nossos objetivos”, pontuou Marcelinho Paraíba.

Com a flexibilização do novo decreto do Governo do Estado da Paraíba pela liberação de capacidade de 100% do público, nos estádios, a perspectiva é de que o Marizão conte com uma boa participação do torcedor, nesta partida.

Os ingressos para o confronto entre Sousa e Treze estão sendo vendidos com preços a partir de R\$ 10. O vencedor do confronto, além de garantir a vaga na semifinal, também vai representar o futebol da Paraíba, na Série D do Brasileirão, em 2023.

Foto: Reprodução/Instagram



O atacante Arthur é uma das apostas do Sousa para eliminar o Treze no jogo deste domingo, no Marizão, a partir das 16 horas. O vencedor do confronto irá enfrentar o Campinense

NO JOSÉ CAVALCANTI

Nacional e São Paulo Crystal decidem vaga em Patos

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Nacional e São Paulo Crystal decidem, hoje, em Patos, uma vaga para as semifinais do Campeonato Paraibano e também para o Campeonato Brasileiro da Série D do próximo ano. A partida está programada para as 17 horas, no Estádio José Cavalcanti, e está sendo aguardada com uma grande expectativa pelos torcedores, que prometem lotar o JC, agora liberado para uma capacidade máxima de público. Só a vitória interessa às duas equipes. Em caso de empate, haverá uma prorrogação e se persistir, a vaga será decidida na cobrança de penalidades máximas.

Em Patos, não se fala em outra coisa a não ser na “decisão” de hoje. O Nacional não disputa um Campeonato Brasileiro há 15 anos, e em caso de vitória, vai representar a Paraíba na Série D e assim montar um elenco para toda a temporada, não mais para apenas três ou quatro meses, como vem acontecendo nos últimos anos.

Para o atacante Du, o torcedor do Nacional está eufórico, mas os jogadores não querem saber de oba-oba e estão focados e conscientes que será um jogo muito difícil.

“A gente sabe que Patos está parado, a torcida está numa grande empolgação, mas não podemos nos empolgar antes do jogo. Temos que entrar muito focados, porque será um jogo muito difícil contra uma equipe que não chegou à segunda fase por acaso. É um time muito qualificado. Nós temos que

entrar em campo com tranquilidade, estudando o time adversário e, se Deus quiser, sair com a classificação”, disse o jogador.

O técnico Lamar vai poder contar com a força máxima para essa partida. Nenhum jogador está no departamento médico, nem vai cumprir suspensão automática.

“Será uma grande partida, não tenho dúvidas disso. É muito importante uma vitória nossa para o clube, que assim, voltaria a participar de um Campeonato Brasileiro. A última vez que isso aconteceu, eu ainda jogava no Nacional. Diante de todos os problemas que o clube teve no início da competição, nem o mais otimista torcedor poderia imaginar que o Nacional chegaria a disputar uma vaga para as semi-

finals em casa. Os jogadores estão conscientes e cientes da responsabilidade. Vamos enfrentar um adversário muito bem treinado, com um contra-ataque muito rápido, mas vamos jogar em casa, com o apoio de uma enorme torcida e estamos confiantes”, disse.

No São Paulo Crystal, a confiança em uma vitória também é muito grande. Desde a derrota para o Botafogo, na semana passada, o clube vem treinando para este jogo, torcendo por um resultado negativo do Auto Esporte, contra o Sousa, o que acabou acontecendo. O técnico Ederson Araújo passou a semana corrigindo os erros apresentados no jogo contra o Belo e espera surpreender o Nacional, mesmo no campo do adversário.

Foto: Reprodução/Instagram



Jogadores do Nacional treinaram a semana inteira no José Cavalcanti visando o jogo decisivo deste domingo

Jogos de hoje

■ BAIANO

16h
Jacuipense x Atlético-BA

■ PARAIBANO

16h
Sousa x Treze
17h
Nacional x SP Crystal

■ MARANHENSE

15h30
Iape x Cordino

■ POTIGUAR

16h
América x ABC

■ SÉRIE A

11h
Coritiba x Goiás
16h
Atlético-MG x Internacional
16h
Botafogo x Corinthians
18h
Fortaleza x Cuiabá
19h
São Paulo x Atlético-PR
Avai x América-MG

■ SÉRIE B

11h
Londrina x Náutico

■ SÉRIE C

16h
Floresta x Confiança
18h
Altos x Botafogo-SP
19h
Mirassol x Ferroviário

■ AMISTOSO FEMININO

Amanhã
15h30
Brasil x Hungria

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Fundado em 21 de abril de 1972, em plena ditadura militar, o Farol do Cabo Branco é um dos pontos turísticos mais visitados da Paraíba. Erguido sobre a falésia do Cabo Branco, em João Pessoa, ainda hoje tem a função de guiar as embarcações que atravessam o mar rumo à costa e auxiliar os navegantes na correção de suas posições geográficas. Na época em que foi criado, o Farol do Cabo Branco foi sinônimo de modernidade. Segundo o arqueólogo Ticiano Alves, especialista em Arqueologia Subaquática e diretor-geral do Museu Marítimo Exea, o farol dispunha de uma lanterna "AGA", com um alcance de 25 milhas náuticas, sendo o primeiro no Brasil que funcionaria com "energia comercial e mediante controle eletrônico".

Esse controle permitiria o "perfeito funcionamento do farol" que, caso sofresse uma pane elétrica, de imediato acionaria um sistema de baterias. O arqueólogo explica que a "AGA" se refere a uma companhia do Brasil, que era filial sueca da empresa fundada pelo engenheiro Nils Gustaf Dalén (1869-1937), cujos inventos científicos foram responsáveis por uma "considerável evolução para o desenvolvimento dos equipamentos de sinalização náutica dos faróis".

A forma arquitetônica do farol, que continua em pleno funcionamento, sob responsabilidade da Marinha do Brasil, é um de seus diferenciais. O capitão de Fragata Erijansen de Souza Maciel, da Capitania dos Portos da Paraíba, explica que o equipamento tem formato de uma torre/tronco piramidal triangular de alvenaria, tendo, no terço médio, uma estrela de três pontas.

“

A área era preservada e a ditadura não tinha respeito, passou por cima e ergueu o farol

José Octávio de Arruda Mello

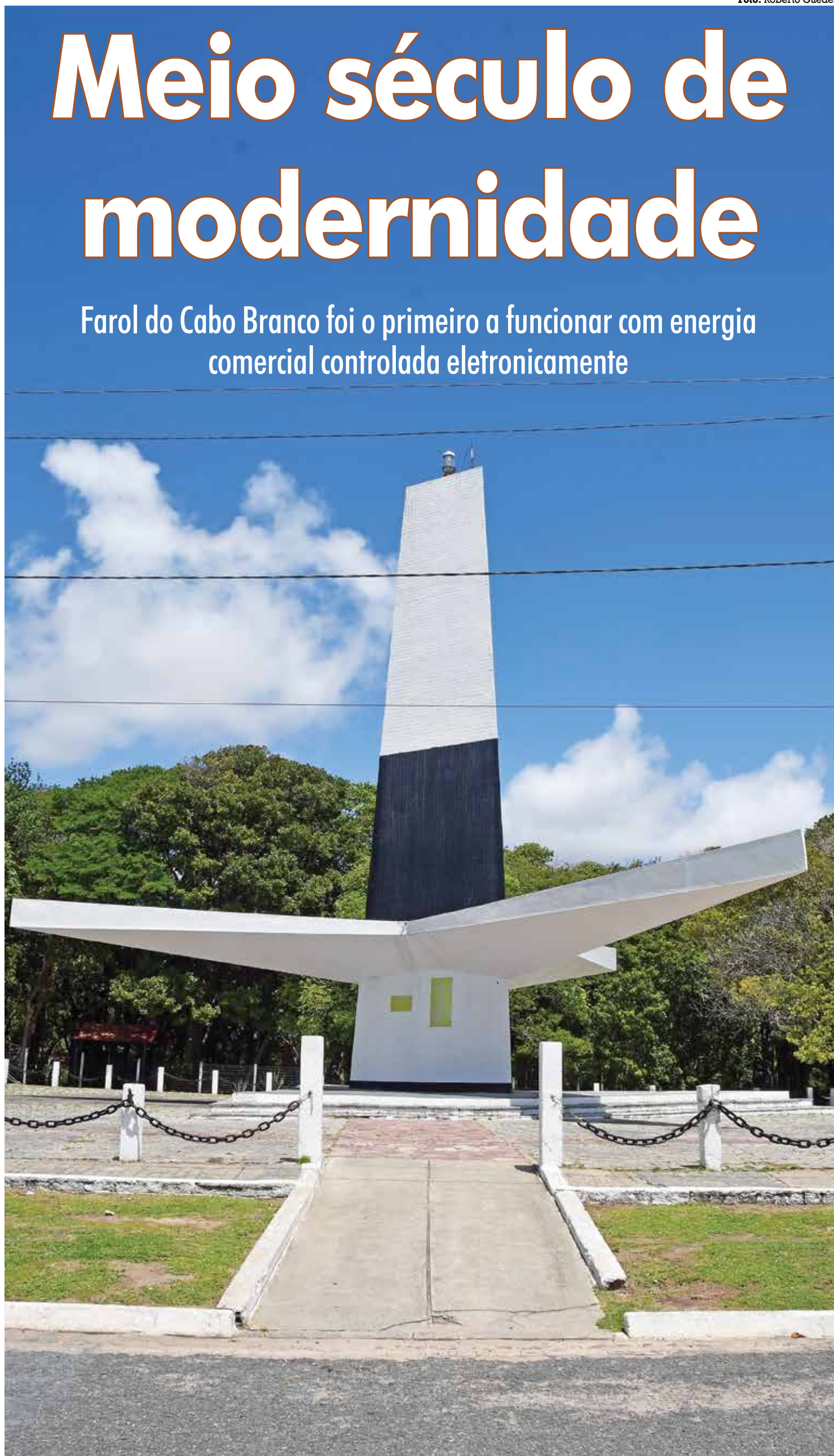


Foto: Roberto Guedes

Meio século de modernidade

Farol do Cabo Branco foi o primeiro a funcionar com energia comercial controlada eletronicamente

O Farol do Cabo Branco, fundado em 21 de abril de 1972, no auge da ditadura militar, é um dos pontos turísticos mais visitados da Paraíba

Diferencial na sua forma arquitetônica

O projeto foi escolhido por meio de concurso público e o vencedor foi o engenheiro Pedro Abrahão Dieb, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O capitão Erijansen contou que a ideia era se fazer uma torre de concreto que, à distância, lembrasse ao navegante um castiçal encimado por uma vela. "Quando visto do topo, mostrava ao observador uma original rosa dos ventos, formada pela projeção de sua marquise triangular sobre um passeio de concreto, também da mesma forma".

Já o arqueólogo Ticiano Alves lembra que há uma semelhança simbólica da arquitetura do monumento com o sisal, planta que durante muitas décadas foi relevante produto de exportação da Paraíba. Em 1972, o sisal chegou a alcançar 44,72% das exportações paraibanas, sendo um produto decisivo para a geração de receitas tributárias para o estado naqueles anos. No final dos anos de 1970, essa participação no comércio exterior chegou a 80,46%.

No próximo dia 21 de abril, o farol vai completar 50 anos. A data de fundação do Farol do Cabo Branco fez parte, segundo Ticiano Alves, do programa cívico do Sesquicentário da Independência do Brasil, considerada na época a "maior festa cívica nacional realizada sob a ditadura". O Dia de Tiradentes foi o marco inicial das comemorações que se estenderam até o dia 7 de setembro daquele ano. Nesse último dia, os despojos mortais de Dom Pedro I, trasladados de Portugal, foram sepultados ao lado da Imperatriz Leopoldina, na colina do Ipiranga, em São Paulo.

O historiador e escritor José Octávio de Arruda Mello explica que, na década em que o Farol do Cabo Branco foi erguido, houve um boom de construções na Paraíba. A arquitetura ganhou muita força com a ditadura militar, porque o regime "passava por cima" de muitas normas. "Aquele área ali, resquício de Mata Atlântica, não se poderia construir nada, porque pertencia à falésia do Cabo Branco. Tinha sido inclusive visitada pelo paisagista Burtle Marx, que esteve aqui e, juntamente com Tarcísio Burity e Linduarte Noronha (jornalista e cineasta), fez uma avaliação mais profunda da área preservada, mas a ditadura não tinha respeito, passou por cima e ergueu o farol", conta.

Segundo José Octávio, o Farol do Cabo Branco é moderno, tem o estilo cubista e sua arquitetura chama a atenção pela beleza e imponência. Por conta dessa construção, onde antes não havia nenhuma obra de grande porte, abriu-se uma estrada na parte da frente do farol que impulsionou o fluxo de pessoas e atraiu construtores, que se beneficiaram da mais nova atração turística pessoense. "Foi construído depois o prédio da Associação do Clube de Engenharia, na subida da ladeira, e, já na parte alta, a prefeitura implantou um curral de vaquejada. Essas construções resultaram em protestos de ambientalistas que pediam a preservação da Mata Atlântica".

Próximo ao ponto mais oriental das Américas

O escritor e geógrafo Williams Guimarães afirma que 76% dos turistas que vêm a João Pessoa visitam o Farol do Cabo Branco, segundo dados de 2011 da Fundação Apolônio Salles e Desenvolvimento Educacional, entidade da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Situado próximo ao ponto mais Oriental das Américas (a Ponta do Seixas), o farol marca esse dado histórico do estado. Mas, apesar da importância cultural e econômica, o equipamento carece de atenção, do ponto de vista da preservação ambiental e da segurança para os visitantes.

O professor Guimarães, que é presidente do Grupo Amigos da Barreira (GAB), declara que o local é bastante degradado ambientalmente, tanto a falésia, quanto os resquícios de Mata Atlântica,

que ficam no entorno. O professor Williams enfoca que ao longo dos anos foram tomadas algumas medidas para minimizar o impacto das ações antrópicas (causadas pelo homem) como desmatamento, desmoronamento e deslizamentos.

Uma delas foi a retirada do tráfego de veículos do topo da barreira. Ele conta que, até a década de 1980, ônibus transitavam próximo ao farol, no alto da falésia do Cabo Branco. Carros e vans de turistas também podiam estacionar na área. "Isso causava microsismos, ou seja, trepidações que desagregam o solo ao longo do tempo, influenciando nos deslizamentos, desmoronamentos e até tombamentos. Foi uma medida paliativa que tomaram para reduzir o impacto na barreira".

Outra ação feita para pro-



Foto: Arquivo Pessoal

Ticiano Alves é especialista em Arqueologia Subaquática

teger a área verde foi o cercamento da vegetação de Mata Atlântica próxima à falésia. O professor destaca que a mata era constantemente utilizada como ponto de droga, prostituição e trânsito de pessoas. "Era foco de ações criminosas, do ponto de vista ambiental e civil. As trilhas feitas na mata provocavam

o solapamento do solo, acelerando o processo erosivo", explica o geógrafo. Ele lembra que essa cerca, feita para evitar o acesso das pessoas à mata, ainda hoje é alvo da destruição por parte da população, que arrebenta o arame e entra na vegetação.

Diante das agressões, o geógrafo destaca que o próprio valor econômico e cultural do Farol ficam ameaçados, uma vez que "não há turismo em local sem segurança" ou mal conservado. "A última gestão municipal deixou aquele local abandonado. Então, aumentou o processo de erosão, de criminalidade, e quem transitar por aquelas imediações, ainda não vê praticamente segurança. É importante cuidar, porque você não pode vender um produto se não está preservado".

A presidente da Empresa

Paraibana de Turismo da Paraíba (PBTur), Ruth Avelino, ressalta que o Farol do Cabo Branco, pela arquitetura diferenciada e por marcar o ponto extremo oriental das Américas, era o ponto turístico mais visitado de João Pessoa. Mas, com o passar do tempo e crescimento da cidade, ele deixou de estar no topo da visitação, mas não perdeu sua grande relevância para o turismo.

"Ainda é bastante procurado. Muita gente que vem a João Pessoa visita o farol e, de lá, tem a visão do ponto extremo oriental das Américas, a Ponta do Seixas". Essa mudança de comportamento do visitante ocorreu de forma natural, com o investimento em novos produtos, da descoberta do centro histórico como ponto de visitação, a utilização das praias, das piscinas naturais, entre outras ações.

Ilustração: Tono



Dirceu Arnaud foi expulso do Colégio Diocesano de Patos por ter discursado em favor da eleição de Iedo Fiúza à Presidência da República pelo PCB e em defesa da redemocratização

Italo Arruda
Especial para A União

Natural de Catolé do Rocha, no Sertão paraibano, Dirceu Arnaud Diniz fez história nos movimentos estudantis, na imprensa e na cena política do estado. Conhecido pelo carisma e pela determinação em promover uma política de melhorias para os estudantes, protagonizou episódios importantes ao longo da sua trajetória escolar.

Um deles ocorreu em meados de 1945, quando ele ainda cursava as séries do então ensino científico, conforme relatos da escritora Marília Arnaud, filha de Dirceu. À época, o jovem foi expulso do Colégio Diocesano de Patos, que funcionava sob a coordenação do padre Manoel Vieira, por ter discursado em favor da eleição de Iedo Fiúza à Presidência da República pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e em defesa dos ideais da redemocratização.

O legado de líder estudantil, as aspirações às mudanças sociopolíticas e a postura de independência lhe renderam, junto a José Hercílio Maia e José Pires Fernandes – também dirigentes de grupos e movimentos de estudantes de cidades sertanejas –, o título de “Trindade Impávida”, concedido por ninguém menos do que o ex-governador da Paraíba e um dos principais autores da literatura brasileira José Américo de Almeida, por quem Dirceu nutria uma especial admiração e a quem prestara seus serviços como secretário, no final dos anos de 1940 e início da década de 1950.

O pai de Marília conviveu com as múltiplas versões de José Américo, incluindo “o homem público, o escritor erudito, o sujeito lúcido, sensível e gentil”. Segundo a escritora, a relação entre os dois amigos resultou em “um legado de sabedoria e humanidade”, que Dirceu carrega-

ra consigo até a morte. A admiração era tanta, que ele presenteou a filha – quando ela tinha apenas 13 anos – com o clássico ‘A Bagaceira’.

Em todas as fases da vida, os livros sempre lhe acompanharam. Ele era um exímio leitor de literatura, filosofia e ficção, lembra Marília. Além das obras de José Américo, em sua estante encontravam-se, entre outros grandes nomes, livros de José Lins do Rego, Machado de Assis, Jorge Amado, Erico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Eça de Queiroz e Graciliano Ramos.

Muito jovem, Dirceu Arnaud já demonstrava o seu interesse pela vida pública. Embora tenha se formado advogado, em 1955, após concluir o Curso de Direito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi no meio político que ele consagrou a sua carreira profissional. Em 1951, ainda durante o bacharelado, conquistou a primeira vitória parlamentar, elegeu-se vereador na sua cidade natal.

De acordo com a biografia escrita pelo jornalista pombalense Maciel Gonzaga, Dirceu fora “a principal liderança oposicionista da região, que, naquele tempo, era massivamente governada pela família Maia”. Após o primeiro mandato como vereador, chegou a tentar, nas eleições de 1954, uma cadeira na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), mas não conseguiu de primeira, e no ano seguinte, voltou à Câmara dos Vereadores de Catolé do Rocha, onde exerceu o seu segundo mandato pelo Partido Social Democrático (PSD).

Em 1958, elegeu-se deputado estadual pelo mesmo partido. O pleito foi vitorioso, conforme relata Marília, devido ao apoio que o seu pai conseguiu da família Carneiro, com quem tinha relações parentais. Ele foi casado com Gizelda Carneiro Arnaud, sobrinha do então deputado federal Janduhny Carneiro e do senador Ruy Carneiro.

Dirceu Arnaud

Carisma que fez história nos movimentos estudantis, na imprensa e na política

Entre as ações realizadas no Legislativo paraibano, destacam-se o desmembramento dos municípios da “Microrregião 89”, que emancipou os municípios de Belém do Brejo do Cruz, Jericó e Riacho dos Cavalos; e a instalação de uma agência do Banco do Nordeste na cidade catoleense.

Dirceu Arnaud também mantinha uma boa relação com a imprensa e os jornalistas paraibanos, chegando, inclusive, a receber da categoria o título de “Deputado do Ano”, em 1961. Durante alguns anos, também atuou como redator do Jornal A União – o mais antigo do estado e o único impresso com edição diária em circulação, atualmente.

Também ocupou os cargos de 5º escriturário do Montepio (órgão responsável pelo sistema previdenciário da Paraíba) e de procurador do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (Iapas). Em 1970, o ex-deputado foi nomeado professor da antiga Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba, e nos primeiros anos da década de 1980 passou pela presidência da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), onde não permaneceu por muito tempo, segundo registros históricos daquela instituição.

Morreu em 12 de março de 2008, aos 81 anos, em João Pessoa, vítima de problemas cardíacos. O legado de Dirceu Arnaud, no entanto, “permanece vivo e servindo de inspiração àqueles que anseiam por mudanças”.



Foto: Arquivo de família

O jornalista Dirceu Arnaud Diniz, que morreu em março de 2008, aos 81 anos, em João Pessoa, em momento fotográfico com a família

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Está tudo errado: mendigo, imprensa, privacidade e falta de ética

Mulher. Homem em situação de rua. Carro. Relação sexual. Flagrante. Marido. Personal trainer. Mulher casada. Traição. Surra. Polícia. Vídeo. Mídia. Redes sociais. Público. Curiosidade. Exposição. Mendigo. Entrevista. Fama. Subcelebridade. Ibope. Cliques. Cliques. Cliques.

Repercussão. Piadas. Memes. Laudo. Mulher. Surto. Problemas psicológicos. Homem aproveitador. Estupro de vulnerável. Sensacionalismo. Sociedade. Mulheres. Machismo. Misoginia. Mendigo pegador. Planaltina. YouTube. Bitcoin. Pirâmide financeira. Presente. Apartamento. Críticas. Popularidade. Indignação. Cliques. Cliques. Cliques.

Tragédia privada. Rádio, jornal, tevê, internet. Drama pessoal. Ampla cobertura. Inversão de valores. Feed. Falta de empatia. Mendigo do amor. Beijo. Conselhos amorosos. Mulher. Saúde mental. Enfermidade. Vulnerabilidade. Cliques. Cliques. Cliques.

Notícias. Compartilhamento. Vítima. Crime de estupro. Inquérito policial. Sigilo. Influencer. Clickbait. Personagem digital. Publicidade. Candidatura política. TikTok. Instagram. Seguidores. Cliques. Cliques. Cliques.



Foto: Reprodução

Cobertura. Suites. Manchete. Espaço. Vídeos. Ex-mendigo. Festa. Presença VIP. Cachê. Jornalistas. Ironias. Mansão. Likes. Falta

de privacidade. Imprensa. Audiência. Mulher. Falta de ética. Sensacionalismo. Falta de respeito. Cliques. Cliques. Cliques.

(...)

Para nossa reflexão:

“O jornalismo ético requer uma compreensão consistente das justificativas filosóficas da privacidade. Respeita os espaços e as informações privadas quando não há um interesse público prioritário – em particular se os jornalistas tiverem seriedade no que diz respeito a cultivar o engajamento comunitário ou cívico. Os jornalistas éticos entendem que o êxito e a eficácia das pessoas como seres sociais requerem que elas mantenham uma esfera privada que não esteja sujeita ao escrutínio público. Isso pode ser paradoxal. Como os jornalistas podem cumprir plausivelmente a sua função principal de buscar a verdade se estiverem preocupados em respeitar a privacidade das pessoas? Contudo, os jornalistas que não conseguem entender apropriadamente a natureza da privacidade podem causar tanto intrinsecas antinéticas em vidas privadas quanto um desgaste na credibilidade jornalística. E, sem credibilidade, pouco resta ao jornalista profissional”.

(Patrick Lee Plaisance no livro ‘Ética na comunicação: princípios para uma prática responsável’)

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Rivalidades (?) musicais – Conclusão

Essas considerações sobre rivalidades existentes no universo musical, eu as concluo, retornando ao início dessa sequência, quando falei sobre pretensa disputa entre Marlene e Emilinha Borba, entrevero que ficou famoso no início da década de 1950, nos tempos áureos da época da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Afinal, justifico o retorno ao tema, lembrando a afirmativa de José Américo de que “ninguém se perde no caminho da volta”, ou mesmo lançando mão do aforismo latino “Incessimus in quod incepimus” (= chegamos aquilo que começamos).

Vamos aos fatos, e eles nos falam que essa suposta rivalidade se iniciou em um concurso radiofônico, sendo alimentado pelos fãs e pela mídia da época.

Tudo começou quando Victoria Bonaiutti de Martino (São Paulo, 1924 – Rio de Janeiro, 2014), ainda criança, aos treze anos, participou de programas de calouros da Rádio Bandeirantes-SP. Profissionalizou-se em 1940, saindo da Rádio Tupi-SP e, assumindo o nome artístico de Marlene, escolhido por ela mesma, numa homenagem à atriz alemã Marlene Dietrich, de quem era fã, rumou para o Rio, mesmo contra a vontade da família, sendo contratada como crooner do famoso Golden Room do Hotel Copacabana Palace. Foi quando, já na Rádio Nacional, tornou-se festejada estrela do rádio e do disco e participou do concurso para a escolha da Rainha da Rádio Nacional.

O evento era uma criação do que hoje se chamaria de promotor de eventos musicais, Vitor Costa. Os votos eram captados em programas de auditório, e cada voto correspondia



Foto: Reprodução

a um cruzeiro (CR\$), moeda da época. A sua grande e principal antagonista era a carioca Emília Savana da Silva Borba (Rio de Janeiro, 1923 – 2005), que ficou conhecida com o nome artístico de Emilinha Borba. Como Marlene era “garota propaganda” da Companhia Antártica, o conglomerado cervejeiro participou do concurso, oferecendo um “cheque em branco” à sua protegida. Vitória certa, portanto! A polêmica estava criada, muito mais pelos fãs de uma e de outra do que por elas próprias. Tanto é que as duas, na época, chegaram a gravar vários discos em dupla. Mas a “luta” pela coroa, que seria disputada em anos seguintes sempre apontava as duas como favoritas à coroa. Imaginem! Até as Forças Armadas entraram no jogo midiático: enquanto Marlene passou a ser a “Favorita da Aeronáutica”, Emilinha passou a ser a “Favorita

da Marinha”. Claro que não havia esse fanatismo exacerbado que domina ideologias hoje dominantes.

O fato é que Emilinha conquistou um título, em 1953, com mais de um milhão de “votos”, já com a Revista do Rádio, de circulação nacional, participando da promoção artística. Aliás, ambas, a partir de então, passaram a rezevar-se nesse “trono”. A título de curiosidade, os homens também disputavam, sem maiores estardalhaços, o título de Rei do Rádio, ganho, alternadamente, por Orlando Silva, Ivon Curí, Nelson Gonçalves, Francisco Carlos, Jorge Goulart e João Dias.

Essas questões sempre existiram e existirão, mas dificilmente consigam afastar entre si os astros e as estrelas que alimentam os gostos populares. Amigas, elas sempre o foram, tanto é que, além de gravarem juntas cerca de

uma dezena de sucessos, ainda participaram, nos anos de 1950, de show, em um mesmo palco, com Cauby Peixoto e Ângela Maria.

As duas permanecem no nosso imaginário musical. Quem aprecia a MPB nunca haverá de esquecer os momentos de embevecimento artístico que nos são proporcionados pelos sucessos musicais que as duas nos legaram. Senão, vejamos:

Marlene, mais adepta das marchinhas carnavalescas, de sambas e baiões, nos deixou, entre muitos outros sucessos: ‘Qui nem jiló’ (1949), de Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira, com arranjo musical e acompanhamento do nosso Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara; ‘Lata d’água’ (1952), de Luis Antônio e Jota Jr.; ‘Mora na filosofia’, (1954), de Monsueto Meneses e Arnaldo Passos.

Emilinha, embora também fosse adepta dos nossos ritmos carnavalescos e populares, também enveredou por outros ritmos latinos, como a rumba e o bolero. Assim, alguns merecem destaque: ‘Pirulito’ – aquela cantiga que se tornou infantil: ‘Pirulito que bate, bate / Pirulito que já bateu...’ (Carnaval de 1939), da dupla João de Barro (o Braguinha) e Antônio Almeida; ‘Escandalosa’ (1947), rumba de Moacyr Silva e Djalma Esteves; ‘Chiquita Bacana’ (1948), de João de Barro e Alberto Ribeiro; ‘Capelinha de Melão’ (1949), de Paquito e Romeu Gentil; a versão de ‘Diez Años’/ ‘Dez Anos’ (1951), de Rafael Hernández, com versão de Lourival Faissal.



QUENTINHAS

Foi um sucesso o Paraíba Restaurant Week, maior evento de gastronomia do Brasil. O festival aconteceu entre 11 de março e até hoje, dia 10 de abril, nos melhores restaurantes de João Pessoa e Bananeiras.

Conhecido por seu sucesso, o Restaurant Week é realizado há 15 anos em 12 estados e no Distrito Federal. Durante 30 dias, os melhores restaurantes de cada cidade criam menus individuais em três tempos, com entrada, prato principal e sobremesa, por um valor fixo.

O menu padrão teve valor fixo de R\$ 59,90 no almoço e R\$ 69,90 no jantar, enquanto no menu plus, almoço e jantar ficaram por R\$ 79,90 e R\$ 89,90, respectivamente.

Para Marina Sá, coordenadora do Paraíba Restaurant Week, foram registrados bons resultados. "Nós realizamos o evento em um momento muito otimista para as pessoas. Elas querem estar confraternizando, celebrando e vivendo as experiências de forma presencial. Então, eu acho que isso, aliado ao maior número de restaurantes, ao maior número de parceiros e ao evento ter crescido de forma orgânica, fez com que concretizássemos a expectativa positiva", avaliou.

Além da PBCás, apoiaram o evento Estrella Galicia, Coca-Cola sem açúcar, Vinícola Aliança, São Braz, Tea Shop Cabo Branco, Banco do Nordeste, Uninassau, Sir Investimentos e Núcleo Imobiliário. O evento também teve apoio da Sin Group, Neoron e Gráfica Moura Ramos, e assessoria de imprensa da Vivass Comunicação.

O Paraíba Restaurant Week teve plataforma de inteligência artificial para melhor interação entre clientes e restaurantes. Com chatbot, o consumidor pôde conhecer mais sobre os estabelecimentos, opinar sobre os menus e votar no Prêmio Cantaloupe. Parabéns a todos envolvidos!

Fotos: Walter Ulysses



PRATO DO DIA

Filé a Parmegiana

Ingredientes

- 500g de alcatra ou contra-filé em bifes ou o próprio filé
- 2 dentes de alho amassados
- Orégano, sal e vinagre a gosto
- 2 ovos batidos com uma pitada de sal
- Farinha de rosca, o suficiente
- 1/2 litro de molho de tomate pronto
- 250g de muçarela em fatias
- Queijo parmesão ralado para polvilhar

Modo de preparo:

■ Tempere os filés com o alho, orégano, sal e vinagre. Passe pela farinha de rosca, nos ovos batidos e novamente pela farinha de rosca. Frite em óleo quente. Escorra sobre papel absorvente. Acomode os filés em um refratário regado com um pouco de molho. Coloque fatias de muçarela sobre os filés. Regue com o molho. Polvilhe o queijo parmesão ralado. Leve ao forno pré-aquecido para derreter a muçarela. Sirva com arroz ou purê e uma salada.

PITADAS A GOSTO

Filé a cavalo é um prato da culinária portuguesa e brasileira. Na verdade, não se sabe a origem, mas creio eu que é mais brasileiro do que português. Composto basicamente por um bife, com um ovo em cima, tipicamente acompanhado de batatas fritas e, por vezes, de salada, é um prato apreciado por muitos.

Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Hoje é um dia especial

Hoje seria aniversário de meu querido e amado pai, Walber Ulysses de Carvalho, que papai do céu levou para junto dele, um ser humano simples que gostava de pratos específicos como um bom filé a parmegiana, que sempre foi um prato predileto em sua vida aqui na terra; de cachorro quente e do bolo de noiva de Tia Mirtis.

Esse foi seu último desejo antes de dar entrada no domingo no hospital, onde não conseguiu se alimentar. Ele entrou no domingo na UTI e faleceu na terça-feira, de madrugada... Não está sendo nada fácil escrever sobre isso.

Meu pai era um gastrônomo de saber apreciar uma boa comida, e fechar os olhos para sentir os seus sabores. Não é fácil eu escrever tudo isso e falar desse ser humano incrível, que meu pai sempre foi e que deixou muitas memórias afetivas.

Não existe nada mais perfeito na Bíblia para aqueles que acreditam a 'Ceia do Senhor', quando Jesus reuniu todos os seus apóstolos para falar o que iria acontecer...

Eu rogo a Deus, principalmente neste dia 10 de abril, que seria a data de seu aniversário, que, meu pai, o senhor esteja em um plano melhor que imagino, e ao lado do Senhor Jesus Cristo. Saudades eternas e te amarei para sempre. Muito obrigado por ter sido seu filho e parabéns onde quer que esteja. Será sempre lembrado, esse homem que nos deu muito orgulho e que passou por tantas coisas difíceis na vida, mas que nunca perdeu a fé. Te amo!



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.